

peau, que vem augmentar ainda consideravelmente, o beneficio da nova descoberta, pela possibilidade da sua extensão nas doenças d'uma outra ordem das affecções Cirurgicas, a saber: nos casos em que os musculos sobre-excitados, são acomettidos de convulsões, de contracções violentas, ou continuas, como nos tétanos, e em certos envenenamentos, em que a morte por asphyxia é o resultado deste estado.

E' o relaxamento atonico notavel dos musculos nas pessoas estupefactas pelo ether, que o conduzia a esta applicação nova, da descoberta do doutor Jackson.

(Traduzido do Journal — Le Siècle — n.º 26, de 27 de Janeiro de 1847, pelo Socio, o Sr. P. F. Norberto.

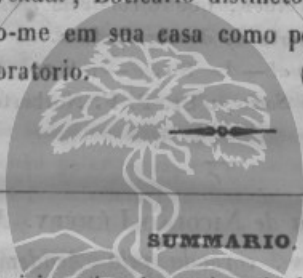
Continuação da Vida de NICOLAO LÉMERY. Memoria do Sr. P. A. CAP, coroada pela Academia Real de Ruão, na sua Sessão Publica de 9 d'Agosto de 1838: continuada de pag. 584.

Medi logo toda a capacidade philosophica de Glazer, e a de suas theorias. Apressei-me tãohem em separar-me d'elle, e resolvido a correr a França, e as Nações visinhas, para conhecer os sabios de cada paiz. Vós melhor que eu sabeis, meu caro companheiro, o que se ganha a viajar, a visitar os homens de talento, a instruir-se familiarmente com elles, a esgotar com a sua conversação, e em sua intimidade, esses conhecimentos que se não adquirem senão lentamente pela meditação, e que em vão se procuram muitas vezes nos livros.

Verdade incontestavel, exclamou Homberg, e da

qual tenho feito applicação em todo o periodo da minha vida! A sciencia é um vasto campo, cujos fructos são ratos e disseminados sobre um immenso espaço. Tenho-os colhido com ardor pelo espaço de quarenta annos, e, todavia a minha colheita scientifica não é consideravel.

Demorei-me em Mont-pelier, continuou *Lémery*. Mr. *Verchaut*, Boticario distincto desta cidade sabia, admittio-me em sua casa como pensionario, e abriu seu laboratorio. (Continuar-se-ha).



SUMMARIO.

Dos principios activos do centeio espigado pag. 537. — Poção contra a cephalalgia 538. — Alcoolado de raiz d'aconito idem. — Xarope contra a tosse convulsa 539. — Bauha balsamica idem. — Bitume de pedra 540. — Bitume para os boccaes das garrafas idem. — Caustico sulpho-açafroado de Velpeau 541. — Ceroto de stearina idem. — Cigarrilhas ante-asthmaticas 542. — Elixir ante-odontalgico idem. — Emplastro confortativo idem. — Emplastro confortativo branco 543. — Emplastro de Saboeira idem. — Extracto de Lupulo idem. — Lambeder peitoral de Barbier 544. — Linimento de Nicociana idem. — Linimento d'urgebão 545. — Looch simples idem. — Manná purificado idem. — Oleo d'urgebão 546. — Pilulas de Bland modificadas por Mr. Adorne 546. — Pilulas ferruginosas de Bland 547. — Pomada de Belladonna 547. — Pomada de Belladonna, feita com o extracto 548. — Pomada canphorada de Raspail idem. — Pomada ou unguento de Lupulo idem. — Pomada de Nicociana idem. — Pomada d'oleo de figados de raiz 549. — Pomada de Saão idem. — Pomada, ou unguento d'urgebão idem. — Soluto de cyanureto de potassio idem. — Suppositorios antehemerroidaes 550. — Dito calmante 551. — Ditos de manteiga de Cacáu idem. — Ditos d'unguento de Populeio idem. — Tinctura de belladonna 552. — Dita com folhas recentes idem. — Dita etherea idem. — Dita de Malato de ferro idem. — Unguento branco 553. — Xarope d'ether sulphurico idem. — Dito de Lacturario idem. — Sobre a purificação do acido azotico 554. — Continuação do Golpe de vista 559. — Pesquisas chymicas sobre a cascariha 561. — Relatorio sobre a cultura e introdução do chá em França 566. — Consultas 574. — Actas das Sessões Litterarias 578. — Abolição do soffrimento nas operações cirurgicas 586. — Continuação da vida de Nicolaa Lémery 595.

SAÚDE PUBLICA.

No ultimo numero do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, li um artigo sobre a *Artemisia Mollis*, e vi o que dizem a respeito de suas propriedades febrifugas.

Tendo o Sr. Dr. *Barral*, feito algumas experiencias sobre a acção que a *Artemisia Mollis* têm nas febres intermitentes, e sendo os resultados destas experiencias colhidos por mim, e pelo Sr. *A. J. de Faria Leal*, julgamos util, offerecer á Illustre Sociedade, as nossas observações, para que, juntas a outras que os praticos forneçam, possamos dar a esta planta o conceito que merece.

A *celebridade* que a *Artemisia Mollis* agora tem entre nós adquirido; a *confiança* que alguns praticos aqui lhes têm consagrado, na cura das sezões, quasi que *ameaçaram abalar* o alto, e bem merecido credito com que o sulphato de quinina reina entre os febrifugos: — uma chavena d'agua quente, tendo em infusão apenas duas folhas da *Artemisia*, *debellam as sezões em cinco dias!!...* Eis o que ouvimos a um facultativo!!!...

Parabens á therapeutica, que obteve um novo recurso tão energico!!!...

Não fomos nós tão felizes; — empregou-se a *Artemisia* na dóse d'uma onça, para uma libra d'agua,

debaixo da fórma d'infusão ; — a planta foi usada no estado de fresca , pela julgarmos assim , dotada da sua maior força medicamentosa ; — vinte e um doentes com sezões , foram successivamente submettidos a estas experiencias ; — deu-se a cada um , por dia , tres copinhos da infusão , antes do accesso , como se usa com o sulphato de quinina , e os resultados foram os seguintes :

Curaram-se , com a <i>Artemisia</i>	8
Tomaram-na sem proveito , e curaram-se com o sulphato de quinina.....	13

O typo das febres em que a planta aproveitou , foram 5 quotidianas , e 3 terçãas ; aquellas em que o seu uso foi inutil foram : 9 quotidianas : 3 terçãas , e 1 quartã.

Estas observações foram feitas com todo o cuidado possivel ; — os doentes , escolhidos na extensa enfermaria de S. José , foram primeiramente submettidos a uma dieta rigorosa , e por tres ou quatro dias , antes da applicação da *Artemisia* , deu-se-lhes o decocto d'al-théa , para que , se as sezões fossem d'aquellas que simplesmente se debellam pela ausencia do foco miasmatico , dieta , e repouso , nós , não attribuissemos ao remedio , triumphos que não lhe pertenciam.

Nos vinte e um doentes submettidos á acção da *Artemisia Mollis* , pela maneira que dissemos , deram-se oito casos de cura ; mas poderemos nós conceder á planta , um poder especial na cura das sezões ? Po-

deremos nós acreditar nos mais bellos resultados contra as febres intermitentes, que pessoas fidedignas communicaram ao Sr. *J. P. d'Azevedo*?

Se a efficacia da *Artemisia Mollis*, nas sezões, fosse real, e digna da confiança que algumas pessoas lhes tributam, ella aproveitaria, senão em todos, pelo menos na maior parte dos doentes affectados d'intermitentes; porém não acontece assim, e por conseguinte; a planta, não sendo um meio seguro com o qual nós possamos contar que curaremos as ditas febres, não é digna de credito.

Somos inteiramente da opinião do Sr. *Telles Senior*, e de mais algumas pessoas, que collocam a *Artemisia Mollis*, entre os succedancos da quina; — attribuirmos-lhe um poder especial nas sezões, seria conceder-lhe um favor, de que a planta não é merecedora; — julgamos pois, que a sua influencia nestas enfermidades, é como a da *Artemisia Absinthium*; da *Gentiana Lutea*; *Quassia Amara*; do *Quercus Robur*, &c. &c. remedios pouco seguros na cura das febres entermitentes, pois que se algumas vezes aproveitam, a sua acção é pela maior parte, inutil.

Além disto, ainda admittindo que a *Artemisia Mollis*, em realidade, curasse as sezões, a sua acção faz-se esperar muito mais tempo, que a do sulphato de quinina; — este, convenientemente administrado, debella usualmente as sezões ordinarias, n'um ou dous dias; com a planta, nos casos em que vimos ella aproveitar, a cura quasi sempre se demorou de quatro a cinco dias, o menos; — ora, os medicamentos devem

ser tanto mais estimados, quanto maior é a brevidade, e segurança com que operam.

Eis aquillo que a nossa observação nos faz pensar a respeito da *Artemisia Mollis*, como febrifugo; — sinceramente desejaríamos que, sancionado pela experiencia, o credito que dão a esta planta fosse merecido: pois que dando-se ella perfeitamente em o nosso clima, a sua cultura seria abundante; o seu preço extremamente modico, e por conseguinte estaria ao alcance das classes mais pobres, o terem facilmente um remedio energico, contra um mal tão geral (*).

(Miguel Januário Fernandes Branco).

(*) Têm sido muitas, e de credito, as pessoas que abo- nam os bons resultados acima referidos; pode, não obstante, haver exaggeração, e nimia credulidade, o que só uma boa pratica, e repetidas experiencias ilucidarão. Não se inculca a *Artemisia*, como superior ao sulphato de quina, se bem que este, nem sempre têm operado como se esperava, e até têm offerecido as mesmas difficuldades, ainda que em ponto menor; recomenda-se como um succedaneo da quina, de que alguns têm tirado vantagens, e de que os indigentes podem facilmente usar, debaixo da respectiva direcção.

Assevera-se que nas margens do Tamega, em Cabeceiras de Basto, Comarca de Guimarães, se encontra esta planta como espontanea; que ali lhe chamam — o Sintro — corrupção, talvez, d'absinthium; que ha quatro annos que, com o seu chá, se curavam as Sezões aos habitantes d'Alhandra; beneficio que o anno passado, não obtiveram, varios doentes, que na mesma terra a usaram, em semelhantes padecimentos!!!

(Nota da Redacção).

Inhalações do Ether.

Submettidos ás leis do Universo, os homens são expostos, desde o momento da fecundação de seu germe, até á ultima hora de sua vida, a uma multidão de causas, que podem determinar, em seu organismo, a manifestação de lesões de todas as sortes; lesões, que, desgraçadamente por muitas vezes, lhes compromettem, e sacrificam os dias de sua existencia, tão necessaria; tão precisa quasi sempre ás suas familias, e á sociedade.

Para se subtrahirem a defeitos phisicos, ou á mais terrivel consequencia de muitas dessas causas, submettem-se alguns a operações, que, por atormentadoras, e extremamente dolorosas, acobardam e desanimam outros menos intrepidos, e corajosos, a ponto de preferirem a morte, que os priva para sempre dos mais caros objectos, que os rouba a suas mais preciosas louçanias, aos soffrimentos, muitas vezes cruelmente dolorosos, mas passageiros, d'uma operação, que os salvaria.

Minorar estes soffrimentos á humanidade infeliz: abstrahilos mais ou menos completamente; poupar essas perdas nervosas, que debilitam tanto como as sanguineas, é uma consideração, que, por altamente transcendente, e proveitosa, não têm escapado á penetração dos homens da Arte.

A compressão, sobre os troncos nerveos, foi com este intuito posta em pratica por *James Moore*, *Hun-*

ter, o Sr. A. Sanson, &c. para, interceptando a comunicação do centro sensiente, com a parte a operar, suspender a sensibilidade do operando, no ponto, que tinha a servir de theatro a scenas tão terrivelmente graves. Este meio, porém, não produziu na pratica, o que theoreticamente promettia; pois que a sensibilidade da parte, com quanto diminuida pelo adormecimento *incommodo*, subseqüente á compressão dos nervos, não era suspensa, como é o fluxo sanguineo, pela compressão dos vasos, a ponto de minorar sufficientemente a dor, pelo menos, na maioria dos casos; além de que, nem todas as partes a operar são susceptíveis da compressão de seus nervos.

Os narcoticos, postos em contribuição para o mesmo fim, além de não produzirem sufficiente effeito para o qual se empregavam, traziam a pós si inconvenientes, que os fizeram esquecer completamente, ao menos, pelos Praticos mais competentes na materia.

Do magnetismo, posto tãobem em pratica, nada positiva, e determinantemente se obteve; por quanto só dous factos são citados, em que produziram bons resultados: — a extracção d'um dente, e d'um peito, sem sentimento de dor — porém, infelizmente, nenhuns mais vieram apoiar estas dictas observações, apesar das numerosas tentativas feitas por differentes observadores.

Era então a habilidade, e destreza do Operador — *o cito et jucunde*, dos antigos reunidos quanto possível ao *tuto*, o que substituia, pouco vantajosa-

mente, é verdade, todos esses meios preventivos da dôr.

O *ether sulphurico*, usado em inalações, tem ultimamente satisfeito, talvez, a todos os requisitos exigidos pela Cirurgia, para um fim tão grandemente util.

A acção diffusivamente calmante, e sedativa do ether sobre o systema nervoso, era de ha muito conhecida. *B. C. Brodie* (*Journal de Medecine de Leroux* 1811) observou, que com 4 a 6 oitavas d'ether um cavallo perdera toda a sua irritabilidade, ficando, por algum tempo, n'um estado lethargico, bastante pronunciado; e isto pela acção inervante do ether sobre o systema nerveo, e secundariamente sobre a irritabilidade muscular. — *Christison* teve occasião de observar uma lethargia de trinta e seis horas, em um individuo, que o havia inspirado por algum tempo; e em outro, uma sorte de apoplexia, e insensibilidade geral, que meios convenientes dissiparam (*The Edimburgh. med. and surg. journ. april* 1831). Porém ninguem, que eu saiba, tinha, antes do Sr. Dr. *Wells* (de Herfort), tirado partido de sua propriedade stupefaciente, e narcotica, em favor da pratica cirurgica para privar da dôr aquelles, em cujos tecidos é forçoso fazer penetrar o instrumento cirurgico. Com effeito, este Medico em 1844 começou seus ensaios neste sentido, e em Dezembro de 1845 fez, no hospital de Massachusetts, observações que lhe confirmaram seu brilhante pensamento; porque praticou differentes operações, sem que os individuos, previamente submettidos ás inalações do ether, sentissem, pela maior par-

te, o doloroso dellas. Foi então que o Sr. Dr. *Wells* participou, diz elle, suas tentativas, e os resultados obtidos, ao seu collega, o Sr. Dr. *Jackson* (de Boston), o qual continuou suas observações, e as publicou em seu nome nos fins do anno proximo transacto, apropriando-se da idéa do Medico inglez.

As inhalações do ether sulphurico, applicadas á Medicina Operatoria, têm sido recebidas com enthusiasmo em toda a Europa, e repetidas convenientemente, têm dado os resultados apontados pelo Sr. *Jackson*. E' o que têm acontecido não só em Boston, e Nova York, mas ainda em Inglaterra, em França, e em Portugal, onde têm recebido gloriosa contra-prova, as observações do seu Auctor (*).

No hospital de S. José desta Capital, acabam, effectivamente, de fazer-se observações neste sentido, com os resultados que vamos expor.

Eu mesmo, primeiro, inhalei o ether sulphurico, sob a direcção, e na presença do Sr. Dr. *Barral*, pelo apparelho de *Walters &c.* comp. de Londres, com os effeitos seguintes:

Poucos momentos depois das primeiras inspirações

da Ordem dos Farmacêuticos

(*) Aproveitamos esta occasião, para fazer conhecer o nimio desvelo, com que o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, se têm havido neste objecto; pois é a elle que devemos os dous apparelhos de inhalações ethereas, que actualmente possuímos; honra lhe seja feita, e reconhecimento lhe seja tributado, bem como aos Srs. Drs. Beirão, e Barral, que, tanto como elle, se têm esforçado na verificação dos resultados das inspirações do ether,

do ether, senti um adormecimento por toda a superficie cutanea, não analogo ao sobreveniente á compressão d'um nervo, mas satisfatorio, e aprasivel; successiva, e quasi simultaneamente, sobreveio-me um relaxamento, e debilidade muscular, cada vez mais notavel, e alguma perturbação de cabeça. A vontade parecia não poder exercer o seu dominio, e a gravidade então, pouco contrariada por ella, parecia pôr em vigor as suas leis; as palpebras, obedeceram-lhe, e cahindo serraram-me os olhos, que a custo podia entreabrir; a cabeça cahiu um pouco para o lado, onde me encostava; os braços, que algunos vezes a custo pertendi elevar, cahiam immediatamente, cedendo ao seu poder, e depois mesmo quiz, mas não pude, movêlos — um bem estar, um descanso indifinivel, me aniquilava as forças.

A visão a principio nada perturbada, foi-o posteriormente a ponto de quando conseguia desserrar as palpebras, vêr confusa, e obscuramente os objectos, que me rodeavam. A audição foi conservada quasi imperturbavel; pois ouvia fazer-me perguntas, a que a minha prostração impedia responder: ouvi pedir cera, enunciar o meu estado; notei porém menos distinctos os sons perto dos ultimos instantes, e por fim nada absolutamente ouvia, porque perdi toda a consciencia, e toda a relação exterior. A sensibilidade tactil, e geral, foi o sentimento que o ether mais esforçadamente embotou; beliscões fortes nas orelhas, gotas de cera fundida, entornadas sobre a face dorsal de minha mão esquerda, não me fizeram perceber a menor

sensação incommoda. As faculdades intellectuaes quasi nada fôram perturbadas, excepto nos ultimos, momentos, em que se suspendêram. Meu pulso desceu de pouco mais de 60 a 50 e tantas pulsações; e a respiração, intimamente ligada á função circulatoria, percorreu, pouco mais ou menos, as mesmas variantes.

Eram passados 6' de inhalação, quando me tiraram o apparelho; poucos momentos depois despertaram-me, e, pensando que acabava de dormir em minha casa, acordei admirado pela presença do logar, e das pessoas com quem me achava.

Abatimento de forças, e fraqueza muscular me acompanharam por 2 horas, pouco mais ou menos. Depois passei perfeitamente bem. Eis aqui os phenomenos objectivos e subjectivos, que em mim se manifestaram pela inhalação do ether.

Um caso analogo foi tambem obtido em um meu collega e amigo submittido, como eu, ás inspirações do ether, pelo apparelho de *Startins Joseph W.* de Londres, no Hospital da Marinha, sob a inspecção do Sr. Dr. *Bernardino Antonio Gomes.*

Um dente foi extrahido tambem sem dôr a um doente na enfermaria de S. Miguel, depois de inhalar o ether pelo apparelho de *Walters*, na presença do Sr. *L. A. Corrêa.* Depois da extracção perguntando-se-lhe o que sentia, respondeu: que lhe doia ainda o dente, e que o desejava tirar. O sangue, e a rectificação pelo tacto, o persuadiram de ter sido já extrahido, o que elle affirmou não ter sentido.

Devemos porem dizer, que outras observações, feitas com o apparelho de *Walters*, foram menos boas do que as que expomos; e a ponto mesmo de fazer duvidar alguém, dos effeitos do ether assignalados por tão altas personagens, como os Srs. *Jackson*, *Velpeau*, *Malgaigne*, *Gerdy*, *Jobert*, *Roux*, etc., o que era certamente devido a defeitos no modo d'administração do ether, e estes resultantes da menos boa construcção do bocal, que termina o tubo elastico, conductor do ar carregado de vapores ethereos; bocal, e cuja valvula expiratoria, por muitas vezes não preenchiam suas funcções. Tudo mudou, porem, perfeitamente d'aspecto, depois do uso do apparelho de *Startins*, que, menos engenhoso que o de *Walters*, no restante do apparelho, o é muito mais nesta outra parte; e os menos credulos não puderam, á vista dos factos, já antes observados em França, etc., deixar de reconhecer a grande utilidade adquirida em prol da humanidade; — não admira, porque uma das primeiras notabilidades cirurgicas de Paris, o Sr. *Velpeau*, a principio quasi que duvidou de tão bella applicação do ether por analogos motivos; e o Sr. *Magendie* tambem se quiz oppôr ao seu emprego, appellando até para a immoralidade de operar uma mulher insensivel; mas agora pensa mui outramente.

Eis o que se acaba de obter pelo apparelho de *Startins*.

No dia 21 do corrente um meu collega é submettido ás inalações do ether por 4'. Findos os 2' primeiros a face empallidece; os olhos conservam-se

fixos, e abertos, bastante luzidios, e humidos pela maior secreção de lagrimas. Senta-se por lhe ser impossível conservar-se em pé. Em seguida obtusão, mas não completa suspensão da sensibilidade. A visão confusa a principio, depois nulla, a pesar de abertos os olhos; a audição é conservada. Aos 4' de inspirações ethereas, é separado do apparelho; quêda involuntaria dos braços, sempre que se lhe levantavam, e da cabeça para traz; impossibilidade de fallar, pois não lhe foi possível responder ao que se lhe perguntava, o que tudo pouco depois se dissipou completamente.

Na enfermaria de Santa Margarida, havia uma mulher de 30 annos de idade, de temperamento lymphatico-nervoso, a qual necessitava ser operada em um peito para a extracção d'um scirrho.

O Sr. *Klerke*, Cirurgião-Medico d'esta enfermaria, antes de a operar, ensaiou o ether, pelo apparelho de *Startins*. 2' depois de começada a inalação a doente torna-se pallida, os braços cahem-lhe relaxados, cedendo ao seu proprio peso; as palpebras já lhe haviam serrado os olhos; estava insensivel. Pararam então as inalações; fez-se a incisão nos tegumentos do peito, e o scirrho foi começado a extrahir, manifestando a doente, até então, completa impassibilidade. Eram passados 90'' depois da cessação das inalações, quando alguns gemidos avisaram da terminação dos efeitos do ether, pelo reaparecimento da sensibilidade da doente, a qual effectivamente sentio um pouco os ultimos momentos da operação, talvez, certa-

mente, pela não continuação das inspirações ethereas, antes de terminado o effeito das primeiras. Devemos dizer, que, tanto neste mesmo dia, como no anterior, esta mulher tinba sido submettida ás inhalações do ether pelo aparelho de *Walters*, por espaço de 20' sem se conseguir etherisála, como immediatamente se obteve depois com o de *Startins*. Depois passou sem novidade.

Neste mesmo dia na enfermaria de S. João Baptista, um homem de officio de ferreiro, de constituição forte, temperamento sanguineo, de 51 annos de idade, em consequencia d'uma lesão do index da mão esquerda, foi amputado d'este dedo pelo Cirurgião-Medico, o Sr. *Theotónio da Silva*, tendo antes inhalado o ether, e não sentio a operação. Eis os phenomenos que se lhe manifestaram:

O doente inspira o ether por 4', soffrendo alguma tosse a principio; depois d'este espaço, notam-se-lhe convulsões, começando na face, e succedendo-se nos membros; param-se as inhalações; pronuncia-se a hilaridade mais completa; delirio; o pulso, que antes de etherisado marcava 68 pulsações, apresenta então 84; o doente parece conservar a sensibilidade.

Começando então no uso normal de suas faculdades intellectuaes, pede incarecidamente a repetição do estado, que, dizia elle, o acabava de fazer dormir um somno tam grato. Submettido segunda vez ás inspirações do ether apresenta, 3' depois, as mesmas convulsões clonicas geraes; a mesma perturbação intellectual; a mesma hilaridade; elle ria, fallava no

Brazil, em um navio, &c. ; esforça-se para selhe não tirar da boca o tubo do apparelho por onde inspirava ; começa depois de 120'' a dizer cousas menos desacertadas ; diz que tivera um sonho bello.

Lembrado do motivo de sua etherisação, acredita ter sido já operado em quanto dormia, felicitava-se então com o seu Cirurgião, a quem dirigia expressões de vivo reconhecimento, por estar já amputado o seu dedo, e por isso dizia não querer mais continuar a etherisar-se, mas bem depressa, feito convencer da sua illusão, inhalou pela terceira vez o ether. Passados 30'' manifestam-se as mesmas convulsões, e mais 60'' depois foi amputado, o que gastou 1'. Aos 4' de etherisação é tirado do apparelho, e um lenço posto do lado da face para impedir que visse as manobras posteriores da operação ; o mesmo estado convulsivo, o delirio, e a hilaridade, se lhe manifesta, dizia o levassem ao local, onde devia cortar-se lhe o dedo. Aos 5' começa a entrar no uso das faculdades intellectuaes, e diz sentir um pouco no dedo ; depois de 5' e 30'' vê sua mão com o dedo amputado, felicita-se com o seu operador, por nada haver sentido, mais do que ardôr, e uma mui ligeira dor no momento, que se percebeu corresponder á torsão das arterias collateraes, no acto de laqueálas, e que elle dizia ser quando lhe torcião as veias. Interrogado posteriormente disse não ter sentido cortar-lhe o dedo, e simplesmente o ardor no momento dito, pois que havia dormido agradavelmente ; que não se recordava das fatuidades, que se lhe disse haver

pronunciado; e que nenhum incommodo tivera, nem na cabeça nem n'outra parte. Passou depois bem.

Estes dous ultimos factos, presenciados pelos Srs. Drs. *Bernardino Antonio Gomes*, e *Beirão*, e pelos Srs. *Cirurgiões-Medicos Barral*, *Klerk*, *Theotonio da Silva*, *Vianna*, *L. A. Corrêa*, &c., demonstravam só por si a propriedade stupefaciente do ether, e a importancia de sua applicação ás Operações.

Ainda mais. Um rapaz de 23 annos inhala o ether por 2', findos os quaes, torna-se pálido, sobrevindo-lhe notavel debilidade muscular, e insensibilidade, que lhe durou 4' depois de parar a inalação, espaço, durante o qual é punccionado no dorso das mãos com a ponta d'um escalpelo em differentes pontos; aperta-se-lhe fortemente a pelle das mesmas partes, com uma pinça d'aço; beliscam-se-lhe vigorosamente as orelhas, sem que durante esse tempo manifestasse o menor signal de sensação, o que elle depois confirmou dizendo, contente, e a rir, que dormira bellamente, e que nada sentira; e tanto mais satisfeito por ter de se expor no dia seguinte á cystotomia, que, á vista d'isto, esperava não sentir.

Effectivamente, no dia 22 este homem, collocado na posição de ser operado, inhala o ether por 4', findos os quaes, entra em algumas convulsões; param então as inspirações ethereas; é introduzido o cathéter, conservado impassivel o doente por 2', mas depois acordando bradou lhe tirassem o instrumento, que tanto o atormentava; a pedra não era encontrada; contracções spasmodicos promovidas pelo toque

do catheter nas paredes da bexiga, vivamente sensíveis; o doente péde com todas as forças, que lhe tirem o instrumento para descançar um pouco; tira-se com effeito o instrumento. Pouco depois inspira novamente o ether, e no fim de 3' estava insensível á dolorosissima introdução e manobras do catheter, insensibilidade que durou 4' depois de terminadas as inalações; findo este espaço de tempo, o individuo sente dores atroces, pede com instancia, roga incarecidamente a continuação das inalações, que lhe haviam poupado algum tempo de dor; por prudencia, talvez, é recusada a prolongação das inspirações do ether; a pedra só então é sentida; porem os mais violentos spasmos impedem a continuação. A instancias do doente é tirado o catheter, e dá-se-lhe descanço de um quarto de hora. Depois foi operado pelo, tão habil como joven, Cirurgião-Medico o Sr. *Theotônio da Silva*, sem haver previamente inhalado o ether, a pesar das suas instantes supplicas, soffrendo consequentemente todos os horrores de operação tam dolorosa.

O que levamos dito, observado pelo Srs. Drs. *Bernardino Antonio Gomes, Beirão*, e pelos Cirurgiões-Medicos os Srs. *José Lourenço da Luz, Barral, Magalhães Coutinho, Vianna, Klerk, L. A. Corrêa, A. J. Farto &c.* não deixa menos provada a insensibilidade produzida pelo ether; por quanto, assim como o doente nada soffreu por 4', em que se fez passeiar o catheter sobre as paredes da bexiga, extremamente inflammada, em virtude da acção continua

d'um corpo estranho do — calculo vesical, em busca da pedra; manobra, que, como ouvi dizer n'esse acto á primeira notabilidade cirurgica de Portugal, ao Sr. *J. L. da Luz*, é mais dolorosa do que a propria operação; assim como não sentiu, digo, por 4' o que é mais doloroso, do que a mais dolorosa operação da Cirurgia, tambem não sentiria a operação toda, se se prolongassem intermittenemente as inhalações; ao que, talvez, não sobreviria nenhum perigo, visto haver ar para o intertenimento da respiração, e não ter sobrevivendo nada de critico em seguida á sua continuação por meia hora, e mais. *(Continuar-se-ha.)*

Antonio Maria de Barbosa,
Alumno da Eschola-Medico-Cirurgica.

PHARMACIA.

Agua sedativa, contra a enxaqueça.

(Raspail em Bouchardat).

Ammoniac, liquido.....	100	grammas.
Agua distillada.....	900	«
Sal commum.....	20	«
Camphora.....	2	«
Essencia de rosas q. b. para aromatisar.		
Solva S. A.		

Applica-se á parte enferma, um panno humedecido neste soluto, defendendo cuidadosamente os olhos, d'algumas gottas que possam escorrer para elles.

Iodureto de ferro. (Preparação extemporanea do)
(Calloud em Bouchardat).

Mr. Calloud, prepara o Iodureto de ferro, misturando o Iodureto de potassio, ao Sulphato ferrico. Este methodo é conveniente, e dá bons resultados; exemplo:

Pilulas de proto-iodureto de ferro.

Sulphato de ferro crystallizado..	1 gramm.	60 centigr.
Iodureto de potassio.....	2	10 "
Gomma adragante.....		30 "
Assucar.....	1 gramm.	

Xarope, e pó d'althea q. b. F. S. A. 36 pilulas, cada uma das quaes contém 52 milligr. de iodureto de ferro secco, ou 71 milligr. d'iodureto hydratado, e 26 milligr. de sulphato de potassa.

O sulphato de ferro, em pequenos crystaes incolores, é facilmente reduzido a pó mui fino, em um almofariz de ferro, e depois o iodureto de potassio, triturando a mistura, para facilitar a reacção dos dous saes; junta-se-lhes a gomma, o assucar, o xarope, e havendo precisão, o pó d'altheia.

Obtem-se massa d'uma boa conservação, substituindo a gomma, e o xarope, por 2 grammas de miolo de pão. A agua d'este, liquida singularmente [o sal, e o assucar; junta-se-lhe o pó d'althea para dar á massa a consistencia necessaria. O gluten, e o amydo soluvel do pão, formam um verniz que, endurecendo circunscreve a acção do ar, tão sómente á superficie de cada pilula. Rolam-se, depois, em lycopodio, e se conservam em logar fresco. A formula precedente, póde servir d'exemplo, para obter as diversas preparações magistraes, do proto-iodureto de ferro.

Magnesia calcinada, pezada.

(Colas, em Boucardat).

Ha perto de meio seculo, que M. M. *Henry*, e de *Manchester*, preparam uma magnesia calcinada, *pezada*, cujo consumo tem sido extraordinario, não obstante o seu preço elevado.

Por muito tempo, foram aquelles Srs. os unicos possuidores do segredo da sua fabricação, que alguns annos ha, parece ter sido descoberto por dous, ou tres fabricantes Ingлезes. Pelo que, a magnesia calcinada de M. *Howard*, de Londres, é inteiramente semelhante á de M. M. *Henry*; tem a mesma densidade, e é pelo menos, cinco vezes mais forte, que a da magnesia calcinada ordinaria.

Exceptuando M. M. *Henry*, *Howard*, e dous, ou

tres outros fabricantes, haverá apenas um pequeno numero de pessoas, em Inglaterra, que possuam o segredo desta preparação; e julgamos que M. Colas, prestou à Sciencia, um importante serviço, publicando o processo que acaba de descobrir, e que é o seguinte:

Prepara-se uma pasta bem firme, e consistente, com o carbonato de Magnesia pulverizado, e agua. Esta pasta deve-se bater, mui bem, a fim de empregar a menor quantidade possivel d'agua; secca-se então na estufa, e se calcina depois, tendo-a calçado bem fortemente, em um cadinho. Pela calcinação ella se contrai, e reduz a menor volume. Pôde-se, mesmo encher o cadinho, com a pasta humida, e pôr tudo na estufa, a fim de proseguir a calcinação, logo que a magnesia esteja secca (*).

Novo meio de cubrir as pilulas, por M. Dorvault.

Tem-se dado, nestes ultimos annos, numerosos aperfeiçoamentos á forma pilular. Chamamos hoje a attenção dos praticos, sobre um novo melhoramento, que ainda não é d'elles mui conhecido, e que bastantemente se vai generalizando. Fallamos do methodo que consiste em cubrir as pilulas, extemporaneamente

(*) As vantagens deste processo parecem consistir na diminuição de volume, n'um dado pêzo, em relação a outro igual, pela calcinação até agora seguida.

(Nota da Redacção).

te, de maneira que apparentem a fórma de confeitos.

Eis aqui, para exemplo, duas formulas que nós executamos; ellas serão sufficientes para demonstrar as vantagens de uma semelhante pratica.

1.^a

Carbonato de potassa secco	} ãã 10 grammas.
Sulphato de ferro, puro.	
Ruibarbo em pó.	} ãã 5 "
Folhas de nogueira em pó	

Mucilagem de gomma q. b. para fazer massa que se devidirá em 60 pilulas, que humedecidas, ligeiramente, se fazem rolar sobre o pó fino, de gomma, e assucar aromatisado com essencia de cidra.

2.^a

Oleo de Croton.	2 gottas.
Amydo.	} ãã 50 centigrammas.
Gomma arabica	

F. S. A. 8 pilulas, que depois de humedecidas ligeiramente, se rolarão em q. b. de gomma arabica, de maneira que fiquem perfeitamente envolvidas em uma camada gommosa, solida.

Nada mais simples, debaixo d'um ponto de vista pharmaceutico, do que a cobertura das pilulas, tal como se prescreve nas formulas antecedentes; feitas ellas, se humedecem, por igual, com xarope simples, fazendo-as rolar circularmente em uma boceta spherica, para que a humidade seja igual; isto mesmo se pode fazer sobre a pedra; humedecidas assim, uni-

formemente, se lhes vai ajuntando, por partes, e agitando sempre, o pó destinado a envolvê-las, até que se lhes não adhira mais; tiram-se então da bo-ceta, e se deixam seccar por um instante, para se administrarem. Obter-se-hão pilulas da forma de con-feitos, muito mais perfectas, deixando-lhes seccar bem a primeira camada ou envoltorio, e segundando, a mesma operação. Entre tanto devemos confessar, que é impraticavel obter em ponto pequeno, a perfeição que os confeiteiros dão aos confeitos, em ponto grande.

A gomma só, ou unida ao assucar, para cubrir as pilulas, têm o inconveniente de formar uma cama-da semitransparente, e por conseguinte deixar perce-ber o medicamento, as mais das vezes, d'uma côr pouco agradável. Obvia-se este inconveniente, associ-ando o amydo às duas substancias, que dá, ao en-voltorio uma côr baça, e que offerece ainda outra vantagem, a de se oppôr á hygrometricidade do assu-car. Parece-nos pois conveniente, empregar uma mis-tura de partes eguaes de gomma, Assucar, e amy-do, aromatisada, convenientemente.

Este methodo de recubrir as pilulas, ao qual não somos talvez estranhos, tem muitas vantagens. Na 1.^a formula, o Auctor teve em vista, dissimular o sabor atramentario dos medicamentos; na 2.^a quiz prevenir a acção irritante, sobre a moccosa do tubo digestivo. Elle podia ter em vista ainda outros ob-jectos, como de dissimular, um cheiro repugnante; de se oppôr á ulteração, e mesmo á deliquescencia de certos corpos em contacto com o ar; effeitos que

não produzem os pós, nos quaes se envolviam habitualmente as pilulas, e que não operam senão mui imperfeitamente, as folhas d'ouro, e de prata, que algumas vezes se empregam: E' verdade que o processo Garot, para a gelatinação das pilulas, satisfaz perfeitamente, as differentes circumstancias que acabamos d'indicar; não é porem, tão commodo, nem tão expedito.

(*J. dos Conhecimentos Medicos, citado pelo Journ. de Ph. e de Ch. de Paris, Julho de 1846*).

Pastilhas de Chocolate com Magnesia.
(Dorvault Offic.)

Magnesia calcinada 100 grammas.
Chocolate amollecido pelo calor 1000 "

F. pastilhas, S. A. Cada uma de 30,0 contém 3,0 de magnesia, e as de 1,0 contém de magnesia, 0,1.

Purgativo agradável, e eficaz.

Pilulas anti-neuralgicas.

(Trousseau em Bouchardat).

Extracto de Stramonio } aa 5 décigr.
— d'Opio }

Oxydo de Zinco 8 gram.

F. S. A. 40 pilulas. Administram-se de 1 até 8 em 24 horas.

PEÇAS OFFICIAES.

MINISTERIO DO REINO.

2.^a DIREÇÃO 1.^a REPAR-
TIÇÃO.L.^o 3.^o N.^o 70.

Tendo sido presente a Sua Magestade a RAINHA o requerimento da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em que pede o resto do primeiro pavimento do extincto recolhimento da Mouraria, o respectivo quintal, e a casa que foi Ermida; A Mesma Augusta Senhora, Attendendo a que a parte do dito Edificio que a Sociedade já occupa não é sufficiente para nella collocar a sua livraria, os necessarios laboratorios, e celebrar as suas Sessões, e outro sim a que feita a concessão pedida a Sociedade pode ter uma entrada separada pela porta do Sul, ficando assim independente o resto do Edificio, o que tudo se verifica pela informação que deu o Governador Civil de Lisboa; Houve por bem conceder á refferida Sociedade para seu uso o resto do primeiro pavimento do mencionado Edificio, o quintal, e casa que foi Ermida, tudo na forma mencionada na vistoria a que procedeu em 22 de Fevereiro ultimo o Administrador do Bairro da Mouraria, e que tem referencia á planta do sobredito Edificio, o que tudo Sua Magestade manda communicar, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, ao Governador Civil de Lisboa a fim de que elle faça dar posse á Sociedade das casas e quintal que por esta lhe são concedidas, devolvendo-se-lhe para os fins convenientes a mencionada planta e auto de vistoria, e devendo o Governador Civil remetter a este Ministerio o Auto d'entrega á Sociedade não só das casas e quintal de que vai tomar

posse, mas d'aquellas de que já a tem, em virtude d'anteriores Ordens de Sua Magestade. Paço das Necessidades, em 22 de Junho de 1847. = *Francisco Tavares d'Almeida Proença.*

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR.

Manda a RAINHA, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, remetter á Sociedade Pharmaceutica Lusitana uma amostra, que lhe será entregue pelo Portador d'esta Portaria, da planta que em Moçambique denominam = Salsa Parrilha =, e é da vontade de Sua Magestade, que a Sociedade Pharmaceutica faça analysar com o seu zêlo costumado, a mencionada planta, para se conhecer se com effeito he Salsa Parrilha, e sendo-o, que valor poderá ter, em medicina, e mais usos a que costuma applicar-se. = Paço das Necessidades, em 22 de Junho de 1847. = *Conde do Tojal.*

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS.

Acta n.º 306, de 31 de Dezembro de 1846.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 5 horas, e meia da tarde, abriu-se a Sessão, estando presentes 10 Membros Effectivos. Lida pelo 2.º Secretario, a Acta antecedente, foi approvada com uma pequena modificação. O Sr. 1.º Secretario, informou a Sociedade, do fallecimento dos nossos Consocios os Srs. Mozinho d'Albuquerque, e Manoel Baptista dos Santos Cadet, o que a Sociedade ouviu com sentimento. Deu mais alguns esclarecimentos sobre diversos objectos, e pediu outros, pa-

ra o bom regulamento do expediente. Mencionou a correspondencia, que consistia em um Officio do Sr. Miguel Januario Fernandes Branco, Cyrurgião da nova escola, comprehendendo algumas observações ácerca da *Artemisia Mollis*; por opinião do Sr. Presidente, apoiada pelo Sr. Telles senior, decidiu a Sociedade que se imprimisse. Outro do Sr. F. B. dos Santos, do Porto, sobre a sua exoneração de Delegado daquela Comarca, a cuja respeito, a Sociedade pediu ao Sr. Oliveira, se encarregasse de transmittir áquelle nosso Consocio as suas disposições. Outro do Sr. Manoel Francisco Peixoto, do Rio de Janeiro, acompanhando varias obras que offerece á Sociedade, e que ella recebeu com agrado, bem como todas as mais que o mesmo Sr. Secretario, accusou, terem-lhe sido offerecidas.

Leu-se o parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, sobre a segunda parte do da Commissão Especial ácerca do Tractado dos Venenos, e foi approved depois d'alguma discussão.

Discutiu-se egualmente, outro parecer da mesma Commissão de Direito, sobre uma proposta do Sr. Tedeschi (José) e ficou adiado, bem como um additamento ao mesmo parecer, apresentado pelo Sr. J. D. Corrêa, este mesmo Sr. propôz que algum dos membros da Meza, ou mesmo o Sr. 1.º Secretario, assistisse á entrega dos objectos da Commissão da Analyse das Aguas Mineraes do Reino, de que a respectiva Commissão devia tomar posse.

Sendo 8 horas fechou-se á Sessão.

Acta n.º 307, da Sessão de 14 de Janeiro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Sendo 5 e meia horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes 12 Membros Effectivos. Lida e approveda a acta precedente, deu o Sr. 1.º Secretario conta da correspondencia e objectos doados, e se passou á

ORDEM DO DIA.

O Sr. J. D. Corrêa, como Director da Commissão da Analyse das Águas Mineraes do Reino, fez antes da ordem, algumas observações á cerca da localidade em que a Commissão devia exercer os seus trabalhos; depois do que, se leu um parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, sobre a proposta de Candidato para Socio Honorario; sendo approvedo, e procedendo-se á votação por espheras, foi votado unanimemente, Socio Honorario, o Ill.^{mo} Sr. Candido Albino da Silva Pereira e Cunha.

Discutiu-se largamente, outro parecer da mesma Commissão, sobre a proposta do Sr. Tedeschi (José), que foi approvedo com um additamento do Sr. J. D. Corrêa, e é o seguinte.

Srs. — Á Commissão de Direito Pharmaceutico, foi enviada uma proposta ou quisito, do Ill.^{mo} Sr. J. Tedeschi, acompanhada de um Officio do segundo Secretario, datado de 12 de Novembro proximo passado, no qual, se lhe ordenava, desse seu parecer, sobre o conthudo da mesma, com a possivel brevidade.

A Commissão, não podia deixar de ser um pouco morosa na sua resposta porque, como éra d'esperar, se apresentou ao seu exame, uma questão de summa importancia e transcendencia, a saber: *Se é permittido a um individuo, exercer commullativamente, a Medicina, a Cyrurgia, e Pharmacia, tendo Botica aberta?*

A Commissão estudou minuciosamente, toda a colleccão de leis, Alvarás, Regimentos e Portarias, que tinha á sua disposição, e nada achou nellas, que satisfize-se os seus desejos, senão, que todas são unanimes, em chamar a attenção do Pharmaceutico, a um unico, e exclusivo fim; o desempenho de sua honrosa missão; e daqui concluiu que, por esta mutua convergencia da lei, nunca em tempo algum, as Auctoridades da physicultura, consentiram, que um individuo exercesse mais d'uma sciencia.

Nenhuma lei consente que o Pharmaceutico se applique a outro ramo de negocio, ainda mesmo feito no proprio estabelecimento, porque o exercicio da Pharmacia, exige toda a attenção do Pharmaceutico, sobre a sua officina; e como poderia então tolerar essa mesma lei, que o Pharmaceutico se apartasse das obrigações que tão restrictamente lhe incumbia, distrahindo-se, para uma das outras faculdades, que ainda que coévas, e coirmãs, não exigem menos cuidados e vigilancia? Esta contradicção, de certo senão poderia admittir, porque então a vigilancia do Pharmaceutico, reclamada por ella, se tornaria illusoria.

Aqui poderia alguém estabelecer uma contrariedade; estabelecido o principio de que a lei é muda nesta parte, mas esta controversia cahiria, á vista da vigilancia que o espirito da mesma lei soube impôr ao Pharmaceutico, não só sobre a sua officina, mas ainda sobre os seus mesmos subordinados, que por direito o podem substituir.

Além disso Srs., vós sabeis que a lei vigente, obriga a todos os individuos das tres classes de medicina, (sem distincção) a uma matricula, e tãobem não ignoraes, que nenhum individuo póde matricular-se em mais de uma sciencia. Logo, onde está aqui a possibilidade da accumulacão?

Tambem vos não é extranho, que todas as leis anathe-matizam a parceria do Medico, e Cyrurgião com o Pharmaceutico; e como levar a effeito, as disposições de taes leis, quando semelhante abuso admittissem? Seria um impossivel; porque taes leis se tornariam illusorias, como já se disse, e nesse mesmo momento caducariam.

Com o que fica dito, julga a Commissão ter provado exuberante, e sufficientemente, que não ha lei que permita, que um individuo possa exercer mais de uma das indicadas sciencias, e com isto teria satisfeito a sua missão, se não tivesse Srs., de corroborar tudo o exposto com o Alvará de 15 de Novembro de 1623, que satisfaz completamente seus bons desejos; o qual entre outras disposições diz, o seguinte:

o E porque outro sim, fui informado, que de pouco tempo a esta parte, se passaram Cartas de Cyrurgiões a alguns Boticarios: sendo officios incompativeis e prejudiciaes á Republica: Hei por bem que nenhum Boticario possa ser Cyrurgião, nem Cyrurgião Boticario; e que a lei 17, parte 4.^a, Tit. 17 das extravagantes do Sr. Rey D. Sebastião, se guarde em quanto defende, que onde houver mais de um physico, e mais Boticarios que um, nenhum physico, dê, nem venda mesinhas, nem receita com boticario parente, dentro no 2.^o gráu, ou com quem tenha parceria, com pena de cem cruzados, e dois annos de degredo para Affrica.

A força deste Alvará, ainda em pleno vigor, augmenta-se com a de outro mais antigo, e citado mui a proposito, pelo Sr. J. D. Corrêa, e é o seguinte.

O Alvará de 7 de Julho de 1561. — « Determina que na Côte e Cidade de Lisboa, e nas outras Cidades, Villas e Logares do Reino, onde houver mais de um physico e houver mais Boticario que um physico, algum não dê nem venda mesinhas simples nem compostas de sua casa para os enfermos que curar, nem receita com boticario que seja seu parente dentro no segundo grau, ou com quem tiver parceria sobre as mesinhas posto que não seja seu parente. E qualquer physico que assim o não cumprir, será preso e degradado por dous annos, para um dos logares d'além; e pagará cem cruzados, metade para quem os accusar, e a outra ametade para os captivos. »

A mesma doutrina se contém em resumo, em lei mais moderna, citada pelo mesmo Sr. J. D. Corrêa, e é o Alvará de 22 de Janeiro de 1810, §. XV. — « Prohibe que nenhum Boticario tenha parceria com algum Medico ou Cirurgião... e se intrometta a curar, ainda que seja pelas receitas, que vão á sua Botica;... com as penas designadas no §. 30.^o do citado Alvará. »

As disposições destas leis, bem como muitas outras subsequentes, foram mandadas vigorar, como sabeis, pelo novis-

simo decreto de 21 de Maio proximo passado, que derrogando o de 18 de Setembro de 1844, chamou á vigencia o de 3 de Janeiro de 37, e outras disposições anteriores a elle; por tanto:

Parece á Commissão,

Que as leis, prohibem expressamente, que o Cyrurgião, possa ser Pharmaceutico ao mesmo tempo, bem como prohibem, que este seja Cyrurgião; e por isso, é de parecer tambem, que a Sociedade, deve tentar, e empregar os meios e recursos ao seu alcance, para fazer punir severamente, os contraventores, não consentindo de fórma alguma, que a lei seja illudida, e a sua dignidade menoscabada; e conforme ao disposto no 3.º Art. de seus Estatutos, manter illesa a dignidade e credito Pharmaceutico, e com proveito do Público.

A Commissão julga sufficiente o que deixa exposto, e que não deve continuar a cançar á attenção da Sociedade, que em sua alta sabedoria, mandará o que for servida.

Sala das Sessões da Commissão, em 9 de Dezembro de 1846. = O Director, *Francisco José Rodrigues Loureiro.* = *Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira.* = *José Mendes d'Assumpção.*

Depois de varios outros trabalhos apresentou o Sr. Izidoro da Costa Azevedo, como Director da Commissão de Physica, um parecer da mesma, ácerca de um artigo do Sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, sobre o sistema decimal e metrico, que ficou para segunda leitura.

Sendo 7 horas e meia fechou-se a Sessão.

Acta n.º 308 de 28 de Janeiro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas da tarde abriu-se a Sessão, estando presentes 15 Socios Effectivos. Leu-se, e approvou-se a Acta

da Sessão precedente, bem como a do Conselho Administrativo.

O Sr. 1.º Secretario apresentou, um officio do Sr. J. M. L. Belém, despedindo-se de Socio, por não poder preencher as obrigações que lhe eram inerentes, e de que a Sociedade ficou inteirada; bem como ouviu, com sentimento, a noticia do falecimento do nosso Consocio, o Sr. A. J. Nogueira.

O mesmo Sr. Secretario, informou a Sociedade ácerca das diligencias feitas pela Meza, para obter a parte do edificio, antecedentemente requerida ao Governo, assim como o ter assistido á entrega que se fez, á Commissão da Analyse das Aguas Mineraes do Reino, dos utensilios que lhe pertenciam, e dos quaes se fizeram duas relações identicas, ficando uma em poder do Sr. Director, e archivando-se outra.

O Sr. Presidente, declarou ter escripto ao Sr. F. B. dos Santos, do Porto, sobre o assumpto de que a Sociedade o incumbira.

O Sr. Almeida, como Director da Commissão de Chymica, apresentou um parecer da mesma, ácerca d'uma analyse de Medecina Legal. Supposto que alguns Socios o julgassem urgente, ficou não obstante, por parecer d'outros, adiada a discussão, para a Sessão immediata, e se passou á

ORDEM DO DIA.

Falsificações do Sulphato de Quinina.

O Sr. Telles, senior, obtendo a palavra, fez ácerca da materia, as seguintes observações:

Já nós, Srs., aqui tractámos, do sulphato de quinina, a cujo respeito eu tambem alguma cousa disse. Agora renova-se esta questão, ácerca da qual tornarei a fallar. Não vou defender uma these, nem propol-a; vou fazer algumas observações, talvez bem hypotheticas, a respeito das

quaes me é preciso ouvir as vossas opiniões, mesmo para com a sabedoria que d'ellas refulgir, eu podêr melhorar a minha deficiencia.

Na ultima Sessão em que fallamos d'este famoso, e interessante preparado, fez-me grande pêsco uma ponderação aqui produzida pelo Sr. Norberto, e vem a ser que todo o Sulphato que gira no Commercio, é falsificado; e que, sujeitando um pouco á combustão, observára o desenvolvimento de mui copiosos vapores cyan'hydricos.

Confesso-vos, Srs., que tenho motivos sufficientes para crêr, que o sulphato de que me sirvo ha annos, é propriamente da fabrica de Pelletier; os ensaios a que costumo proceder, me fazem acreditar de genuino; o que se têm ainda mais corroborado, pela constancia dos seus effeitos, quando a sua applicação não é contraindicada, por alguma circumstancia particular.

Não obstante submitti, igualmente, um pouco á combustão, sobre um carvão em braza; desenvolveu-se, rapidamente, um fumo espesso, e abundante, cujo cheiro era exactamente, o das amendoas amargas. Fiz segunda experiencia, projectando o sulphato sobre uma lamina de ferro quente, mas não ao rubro, o fumo foi mais abundante, e o cheiro cyan'hydrico muito mais pronunciado; a membrana do ducto nasal, que soffreu mais immediatamente a sua acção, experimentou um estimulo, por alguns minutos; sentindo eu, ao mesmo tempo uma ligeira perturbação de cabeça; pode ser, que fosse apreheção minha.

Ainda assim occorreu-me uma lembrança; podia, conter alguma pequena porção de sulphato de cinchonina; esta segunda a opinião de Brande, compoem-se de

Carbone. 79,30

Azote. 13,72

Hydrogenio. 7,17

São estes os elementos do acido cyan'hydrico, variaveis só nas quantidades. A combustão foi feita sobre dous cor-

pos, ambos elles ávidos do oxygenio; podia este, por elles ser subtrahido á agua da crystallisação, ficando mais hydrogenio disponível para a formação do acido cyan'hydrico. Tentei, por conseguinte um novo ensaio, em que não houvesse aquelle inconveniente; aqueci um pires, propriamente de porçolana, a uma baixa temperatura; projectei-lhe uma quantidade do sulphato; este fundiu-se, sem evolução de fumo; formou uma nodoa amarellada, e apresentou o mesmo cheiro das amendoas amargas.

Em vista do que, Srs., não me foi difficultoso acreditar na presença d'um principio cyan'hydrico, no sulphato de quinina.

A indagação da verdade, é sempre um objecto immediato da mais sã philosophia, e eu não podia, nem devia ficar estacionado, deixando de investigar a razão daquelle phenomeno; era preciso conhecer a causa de tal effeito. Suppôr o cyan'hydrico nos elementos do sulphato, parecia-me incongruente; attribuil-o a alguma substancia a elle unida, repugnava-mo os ensaios previos, a não ser que escapasse á acção dos reagentes, ou á perspicacia do ensaiador. Em fim, continuemos a discorrer.

O Cyanogeno é um producto da arte, e é persistente; forma-se de 2 volumes de vapôr de carbone, e um d'azote gazozo; unido ao hydrogenio, produz o acido cyan'hydrico; logo não se pôde este dar no sulphato, senão por causas accidentaes, e no estado latente, ou de combinação, aliás seria decomposto, ou denunciado pelo proprio cheiro.

Necessario é Srs., profundar esta questão, para a qual confesso que as minhas forças scientificas, são assas diminutas. Occorre-me; porém, uma idéa; eu a submetto ao vosso juizo. Na preparação do sulphato, emprega-se para o branquear, o carvão animal, cuja substancia contém o carbone, bem como no seu estado anterior, devia conter o azote, que pôde muito facilmente conservar ao depois, por ter sido mal calcinado, e formar-se por conseguinte o Cyanogeno. O acido Chlor'hydrico, usa-se para purificar

o carvão; este contém saes terreos, e alcalinos; pôde haver reacções, em que se formem chloratos, roubando ao acido o seu chloro, e unindo-se o hydrogenio ao Cyanogeno, formar o acido Cyan'hydrico, que neutralizando-se com a quinina, pôde produzir algum cyan'hydrato quiniaco, e este ficar misturado com o sulphato.

E' verdade Srs., que encontro algumas difficuldades nestas theorias; eu o confesso; mas todos sabemos, que nas preparações em grande, nem sempre se empregam, os diversos agentes, no maior estado de pureza; não ignoramos a variedade, e exquisitesse, com que os corpos reagem, uns sobre os outros; nem desconhecemos as methamorphoses polymorphicas. Entre tanto, eu, fiz um soluto de sulphato de quinina e o submetti á acção do azotato de prata, e dos sulphatos ferrico, e cuprico; o soluto não apresentou demonstração alguma, nem o mais minimo indicio da presença do acido cyan'hydrico. Isto augmentou o meu embaraço, e não pude, por em quanto, dar-me a novas observações. Talvez não fosse de pouca utilidade, tomar a Sociedade em consideração esta materia, aliás tão importante, e que aqui termino, para ouvir, Srs. as vossas reflexões.

O Sr. Norberto, ponderou que, o sulphato do commercio, andava mui falsificado, pela Salicinia, e talvez nas proporções d'uma parte d'esta, para duas de sulphato, por cujo motivo não era d'extranhar o cheiro cyan'hydrico, por ser propriedade mui commum, das materias organicas submettidas á combustão. O Sr. J. D. Corrêa, combatu, como inexacta, a idéa da falsificação apresentada pelo Sr. Norberto; que o cheiro produzido se devia reputar antes como um novo caracter do sulphato, do que attribuil-o á presença de cyanogeno na sua composição, cuja idéa se deverá banir; por isso que aquelles effeitos podiam mui bem ser devidos á decomposição operada pela combustão; e que, finalmente era necessario saber; 1.º se no estado ordinario, ha ou não existencia de cyanogeno; 2.º se é caracter permanente o cheiro cyan'hydrico, provenien-

te da combustão; e concluiu propondo que, esta materia fosse affecta á Commissão de Chymica para o estudar, convenientemente. O Sr. Telles ainda impugnou, egualmente a supposta falsificação, pela facilidade com ella se reconheceria.

O Sr. Norberto, conveio em que a materia em questão, fosse remettida á Commissão de Chymica, e que esta comparasse, analyticamente o sulphato de quinina do commercio, com o que deve existir na Sociedade, preparado pelo nosso Consocio Benemerito, o Sr. Silverio Cardoso, de Mirandella. O Sr. Almeida, mostrou que, senão devia extranhar, no sulphato, o cheiro cyan'hydrico, desenvolvido pela combustão, visto haver na sua composição elementos, para esse resultado, e concordou que a Commissão de Chymica se incumbisse d'esta averiguação; decidindo-se, por proposta do Sr. Norberto, o adiamento da discussão, em quanto que a Commissão supradicta, fazia os seus exames. Os Srs. Oliveira, Telles, e Norberto, offereceram, e effectivamente mandaram, para os ensaios necessarios, cada um sua porção de sulphato de quinina.

Entrou em discussão, o outro quesito = Até que ponto póde a Stearina, substituir a cera, nos unguentos, e pomadas.

Obtendo o Sr. Telles senior, a palavra, fez sobre a materia as observações seguintes.

Srs. = Entendo eu, que, quando temos de fallar na presença de pessoas tão illustradas, devemos evitar quanto seja possível, cahir no absurdo, de enunciar-lhes cousas, que sabem melhor do que o mesmo enunciante. Algumas vezes porém, a natureza da materia, e os fins que constituem o seu principal objecto, estabelecem a tal respeito, uma modificação excepcional. Temos a fallar de duas substancias; a *stearina*, e a *cera*, e demonstrar, até que ponto póde a primeira, substituir a segunda, nas pomadas, e unguentos; para isto se levar methodicamente a effeito, convem estabelecer entre ellas, um paralelo; um ponto de comparação; é o que me proponho fazer.

Nós devemos, talvez, considerar a *stearina*, não só de baixo das vistas propriamente pharmaceuticas, mas até, e mui principalmente, em relação á therapeutica, para melhor deduzir as suas vantagens, comparativamente á *cera*, cuja possivel substituição queremos indagar; e com effeito Srs., a *cera* é uma substancia, quero dizer: é um oleo fixo, vegetal, concreto, que além dos principios *mediatos*, communs aos corpos organicos, contém mais a *cerina*, e a *myricina*. E' insolúvel na agua, no alcohol, e no ether frio; solúvel porém, nos oleos fixos, e nos volateis, por meio de calor. Os alcalis, isto é as suas lixívias causticas, a saponificam; funde-se a 55.^o R. e pelo resfriamento, readquire seu primeiro aspecto.

A *stearina*, contém, como a *cera*, o carbone, o hydrogenio, e o oxygenio; é solida na temperatura ordinaria; funde-se, e torna-se fluida, a 32.^o R.; insolúvel na agua, solúvel porém, no alcohol, e no ether: saponifica-se com os alcalis causticos, e constitui um dos principaes principios immediatos das substancias graxas, e d'alguns oleos vegetaes &c. Já se vê que as suas qualidades, em relação ás da *cera*, não são mui differentes. Nós servimo-nos desta, nas pomadas, e unguentos, para dar a taes preparações a devida consistencia, e é esta, com pequenas excepções, quaze a sua unica gerencia, na maior parte dos preparados pharmaceuticos. Poderá logo, a *stearina* preencher os mesmos fins? E' isto Srs., o que devemos verificar. Algumas experiencias tenho feito sobre este objecto, e d'ellas tenho concluido, que a *stearina* parece offerecer vantagens superiores á *cera*. A sua natureza mais commum, com a das substancias graxas, das quaes como já disse, a *stearina* forma um de seus principios immediatos, a torna com ellas mais homogenea. Não deixa como a *cera*, sobre as partes a que se applica, cammadas incrustosas, que obstruindo a passagem atravez dos tecidos retiformes, interrompem a acção absorvente; misturada, e fundida com os oleos, não endurece, esfriando da preferia para o centro, como os pre-

parados em que entra a *cera*, se os não trituramos até esfriarem.

Mais podia dizer, Srs., em vista das observações e experiencias que tenho feito, porém não devo, por em quanto, roubar-vos mais tempo; reservar-me-hei para quando se apresentarem, sobre este assumpto, novos argumentos.

O Sr. J. D. Corrêa, fez, ao mesmo respeito, sérias observações, terminando por indagar, se as pomadas feitas com a *stearina*, tinham, a mesma temperatura que as feitas com *cera*, egual duração, e se davam, na therapeutica, identicos resultados; a cujo respeito deu o Sr. Telles, mais alguns esclarecimentos. Estando a hora mui adjantada, fechou, o Sr. Presidente a Sessão, pelas 8 horas, e meia da noute.

Acta n.º 309 de 11 de Fevereiro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando já presentes, 18 Socios Effectivos.

Leu-se, a Acta antecedente, e foi approvada. O Sr. 1.º Secretario leu a Consulta, da Sociedade, ácerca do Tractado dos Venenos, do nosso Consocio Honorario, o Sr. Albino. O mesmo Sr. propóz, se se devia remetter para a Comissão de Chymica, uma agua apresentada pelo Sr. Lucio Monteiro, a fim de ser analysada; este objecto ficou adiado, em consequencia dos esclarecimentos feitos pelo Sr. Tedeschi, (José).

O Sr. Pereira d'Azevedo, propóz, por parte da Comissão de Chymica, se remettessem á d'Historia Natural diversos mineraes, que deviam ser analysados, para que fossem, previamente classificados, o que foi approved. O mesmo Sr. ponderou que, a Comissão de Chymica, retardava a apresentação dos seus trabalhos, relativos ao sub-

phato de quinina, por se ter desencaminhado, e que havia sido preparado, e offerecido pelo nosso Consocio Benemerito, o Sr. Silverio Cardoso.

Entrou em discussão, o seguinte

Parecer da Commissão de Chymica.

Srs. — A vossa Commissão de Chymica, reunida em Sessão no dia 26 de Septembro de 1846, recebeu do Sr. Nicoláu Maria Nobre, Escrivão do Juiz de Direito da Comarca d'Almada, na presença do Sr. Vicente Tedeschi, na qualidade de Delegado da Meza, tres frascos, e um embrulho, contendo diversas substancias pertencentes a dois individuos, cuja morte se supponha filha da propinção de toxicos; dizendo chamar-se um, Maria José, e outro José Teixeira.

A Commissão passou a examinar os caracteres physicos dos mencionados frascos, bem como do embrulho, e achou o seguinte: 1.^o um frasco de vidro verde, de capacidade pouco mais, ou menos de duas libras, rôlha de cortiça, sendo revestida na sua superficie d'um papel branco, onde se viam as assignaturas — Almeida — Freitas — Lima — Rocha — Lopes; e atado com um cordão, sellado com lacre encarnado, e tendo uma firma, que não conhecemos: vimos ter no seu interior uma porção d'estomago, mergulhado em Alcohol, empregado como agente conservador; 2.^o um outro frasco de vidro branco de capacidade de uma libra, com rôlha de vidro, coberto por cima com um papel branco, com as mesmas assignaturas do primeiro frasco; cordão, firma, e lacre, e vimos conter no seu interior um liquido bastantemente espesso, côr de chocolate; cheiro náuseabundo, e julgamos ser o liquido do estomago contido no outro frasco, acima mencionado, e pertencente a Maria José. 3.^o um pequeno embrulho em papel branco, com as mesmas assignaturas, fechoado com lacre encarnado, com a mesma firma, o qual continha um outro embrulho no seu in-

terior, com dois scropulos pouco mais, ou menos, d'um pó branco, d'um aspecto um pouco vitreo, a olho nú; porém com a vista armada d'uma lente, esta propriedade se tornava mais saliente, a ponto de se differencarem alguns fragmentos tão sómente brancos, um pouco sujos; 4.^o um outro frasco — pertencente a José Teixeira — de vidro branco, de capacidade de quatro libras, rólha de vidro, envolvido igualmente em papel branco, onde se achavam as assignaturas — Almeida — Tavares — Nobre. — enliado com um nastro de lã, vermelho, lacrado em differentes partes, donde algumas apresentavam sobre o lacre, a letra = N, e depois de tirado o papel, ainda vimos o frasco revestido com uma porção de panno branco, e no seu interior apparecia um estomago, mergulhado em um liquido espesso; vermelho-escuro; cheiro náuseabundo, em cujo fundo se observavam uma grande quantidade de pequenos fragmentos esbranquiçados, e algum tanto resistentes. A Commissão guardou debaixo da sua responsabilidade todos estes objectos, para em tempo opportuno proceder ás competentes analyses Medico-legaes, como lhe tinha sido ordenado pela Sociedade.

Novamente a Commissão se reuniu, para dar começo aos seus trabalhos, que vai submitter á critica da Sociedade.

Depois d'ensaiados todos os reagentes, e mais objectos de que tinha de lançar mão, como em taes casos a Sciencia prescreve, e de se convencer da sua pureza, deliberou, que se principia-se pelos objectos pertencentes á fallecida Maria José, pois que eram os de maior numero. Abriu-se o frasco que continha o estomago d'esta; lavou-se este em alcohol tantas vezes, quantas foram necessarias para este sahir perfectamente descôrado, com o fim de arrastar (no caso de os haver) alguns Alcalis organicos, e devidido em pequenos bocados, foi fervida uma porção, com agua distillada pura, e a outra porção foi igualmente fervida com agua distillada, á qual se juntou uma mui pequena quantidade de protoxido de potassio: o 1.^o destes decoctos foi coado, e o resi.

duo novamente fervido com agua distillada, e coado outra vez, e os liquidos, tanto da primeira, como da segunda decoção foram filtrados, e descórados por correntes de chlo-ro puro, e filtrados, e guardados para os ensaios pela via humida. A outra parte do estomago, fervida com agua dis-tillada, e protoxido de potassio, soffrêu egualmente uma segunda decoção, e depois dos dois liquidos juntos, e fil-trados, foram tratados pelo acido Chlor'hydrico, e submetti-dos a correntes de gás acido sulphydrico, os quaes toma-ram uma côr amarella intensa.

Os dois decoctos foram guardados em vasos separados, sendo o 1.^o o que tinha sido simplesmente feito com o es-tomago, e agua distillada designádo com a letra A, e o outro com agua destilada, e protoxido de potassio com a letra B.

Depois d'assim termos encêtado os nossos trabalhos, e termos feito estes ensaios preventivos, passámos a analysar pela via humida o liquido do segundo frasco, cujo se sup-punha sêr extrahido do estomago de Maria José: 1.^o guar-dámos uma porção para nos servir de contra prova, no caso d'alguma duvida, e na outra porção depois de descórada competentemente, e filtrada, achamos o seguinte.

1.^o Tratado pela tinctura de tornazol, a vermelhou mui ligeiramente, o que indicou a presença d'algum acido livre.

2.^o com o hydrato de cal, um precipitado branco, que de-sappareceu com excesso d'acido.

3.^o Com sulphydrico, tanto gazoso como aquoso, corção amarella intensa, cuja desapparecia com o ammoniaco, e tornava a apparecer com os acidos, em precipitado flocooso, o que denotava a existencia do sulphureto d'arsenico.

4.^o Saturado com algumas gottas d'um soluto de protoxi-do de potassio, e tratado com nitrato argenticco, um precipitado amarello que escurecia pela acção da luz.

5.^o Com o deuto-sulphato de cobre, sendo egualmente sa-turado pelo protoxido de potassio, um precipitado verde-herva, indicando a presença do arsenito de cobre.

Evaporou-se, igualmente, uma porção do liquido em questão (depois de saturado com o prot'oxydo de potassio) n'uma pequena capsula de porcellana até á secura, o residuo, depois de ser privado completamente da humidade, foi reduzido a pó, e misturado, exactamente, com uma porção de carvão, e introduzido n'um tubo afilado, e aquecido á chamma d'uma lampada d'espírito de vinho; a pouca distancia do ponto aquecido, formou-se um anel d'uma côr negra, com aspecto metallico.

Introduzimos uma porção do liquido, no aparelho de James Marsh; depois da desenvolução do gaz o encendíamos, e nos deu uma chamma bastante intensa, que sendo recebida em lamina de porcellana, deu manchas escuro-aloiradas, d'um aspecto metallico, e bastantemente adheridas ás paredes da lamina, e sendo postas em contacto com a chamma do hydrogenio puro, desapareceram completamente; tratadas pelo acido azotico, se separaram, e sendo este levado á secura, deu um residuo esbranquiçado, o qual se tornou, pelo nitrato argenticco, côr de tijolo; tratadas pelo chlorureto de sodio, igualmente desapareceram.

A' vista das provas acima dadas, a Comissão quasi poderia ter formado o seu juizo á cerca deste assumpto; porém conhecendo a sua gravidade, e tendo mais alguns meios á sua disposição, não duvidou empregal-os. Assim tomou-se o decocto do estomago guardado no frasco A, submetteu-se igualmente a todos os ensaios acima exarados, e apresentou sempre edenticos resultados, alguns dos quaes até foram mais salientes.

O liquido do frasco B (decocto do estomago com o prot'oxydo de potassio) depois de acidulado, e submettido a correntes de sulphydrico, foi filtrado, e o precipitado foi completamente seccado, e junto com uma pequena porção de nitro, foi fundido n'um cadinho de platina; dissolvido em agua o producto da fusão, e filtrado este liquido e tratado pela agua de cal em excesso, deu um precipitado, o qual secco, e misturado com carvão em pó, foi reduzido

n'um tubo de vidro afilado, e viu-se na parte superior do tubo, formar-se um anel d'um aspecto metallico. Démos assim por concluida a analyse das substancias contidas nos frascos, pertencentes a Maria José, e passámos á dos pós contidos no embrulho acima mencionado. Como já tivéssemos procedido á sua analyse physica, e logo vissemos propriedades coincidentes com as do acido arsenioso, encaminhámos os nossos ensaios Chymicos, para vêr se realmente era este o corpo, cuja natureza queriamos conhecer. Dissolvido em agua distillada, com o auxilio do calor, e tratado com os mesmos reagentes acima mencionados, deu-nos resultados em tudo analogos aos dos liquidos do estomago, accrescendo alem disso que, projectado sobre os carvões incandescentes, deu um cheiro alliaceo bastante sensivel; as chammas arsenicaes produzidas pelo aparelho de Marsh, fôram ainda mais pronunciadas, que as dos liquidos dos frascos.

A' vista do exposto, a Commissão é de parecer que, no 1.º e 2.º frasco, e embrulho pertencente a Maria José, existia acido arsenioso, cuja existencia fica bem demonstrada pelos ensaios Chymicos, acima referidos.

Passamos á analyse Chymica do liquido, e estomago do 3.º frasco pertencente a José Teixeira; procedemos com estes objectos, como haviamos procedido com os anteriores: isto é, fizemos com o estomago um decocto; descórâmos os liquidos &c. &c. e empregamos os mesmos reagentes que haviamos empregado antecedentemente, porém nenhum nos deu resultado affirmativo, da presença do acido arsenioso; passamos aos ensaios para descubrir os saes d'antimonio, e para isso empregamos 1.º a potassa, e soda, que nos devia dár um precipitado branco, soluvel em um excesso d'alcali: 2.º o ammoniaco, um precipitado branco insoluvel: 3.º o sulphydrico, um precipitado alaranjado: 4.º introduzimos uma lamina de zinco, que deveria separar o antimonio metallico em pó negro; porém nenhum destes reagentes demonstrou a presença deste sal: passamos aos saes

de cobre: 1.º o acido azotico, o deveria com effervescencia córar em azul: 2.º o cyanureto de ferro e potassa, um precipitado escuro a castanhado: 3.º o carbonato de potassa, um precipitado azul pallido: 4.º a potassa caustica, um precipitado floconoso, azul celeste: 5.º o ammoniaco, um precipitado azul pallido, soluvel em excesso d'alcali, ficando de uma côr d'anil: 6.º o sulphydrico, e hydro-sulphatos, um precipitado verde-herva; porém os resultados, com estes reagentes, fôram igualmente negativos.

Passamos aos saes de base de prot'oxydo de mercurio, e empregamos: 1.º o cyanureto de ferro e potassa, que deveria dár um precipitado branco: 2.º o carbonato de potassa, um precipitado branco-pardo: 3.º a potassa, e o ammoniaco, um precipitado negro: 4.º o chlor'hydrico, um precipitado branco: 5.º o sulphydrico, um precipitado negro; os resultados fôram igualmente negativos.

Passamos aos saes, tendo por base o deut'oxydo de mercurio: 1.º o carbonato de potassa, deveria dár um precipitado vermelho-amarellado: 2.º a potassa caustica, um precipitado amarello-alaranjado: 3.º o ammoniaco, um precipitado branco; os resultados foram igualmente negativos.

Passamos a ensaiar os saes de chumbo, que deveriam dár: 1.º com o cyanureto de ferro e potassa, um precipitado branco: 2.º com o carbonato de potassa, o mesmo: 3.º com a potassa caustica, o mesmo, soluvel em excesso d'alcali: 4.º com o ammoniaco, o mesmo, insoluvel no excesso d'alcali: 5.º com acido sulphurico, o mesmo, insoluvel na agua, e nos acidos: 6.º com o Iodureto de potassa, um precipitado amarello-dourado; igualmente os resultados foram negativos.

Passamos aos ensaios d'alguns alcalis vegetaes, e começamos pela striquinina, e para isso operamos sobre o alcohol, com que tinhamos lavado o estomago, deveria: 1.º esverdear o xarope de violetas: 2.º com o acido azotico quente, devia tornar-se amarello: 3.º dissolvido em acido sulphurico, e juntando-lhe algum alcali, deveria dár um preci-

pitado branco floconoso; porém nenhum destes caracteres apresentou.

Passamos aos ensaios da morfina; tratamos: 1.º pelo acido sulphurico diluido, deveria dár pela addição dos alcalis, um precipitado branco floconoso; 2.º com o acido azotico concentrado, devia tomar uma côr de sangue, que pela acção da luz, no espaço de algum tempo, se devia tornar amarello-alaranjado, e depois amarello carregado; 3.º o perchlorureto de ferro, lhe devia dár uma côr azul-carregada, que desaparecesse com os acidos; porém não apresentou nenhum destes phenomenos:

Passamos a analyse dos globulos encontrados no fundo do frasco, que se dissolveram algum tanto em agua fervente, e operamos com este liquido, como haviamos operado com o antecedente, e os resultados foram egualmente negativos.

A' vista do exposto, a Commissão é de parecer que, não existe em nenhum destes objectos, toxico organico, ou inorganico, isto é, daquelles que estão ao alcance das analyses Chymicas, e de que o publico possa lançar mão; porém se a Sociedade entender que ainda se possam fazer mais alguns ensaios, não tem mais que mencional-os, que a Commissão gostosamente se encarregará d'elles. Lisboa, e Sala das Sessões da Commissão de Chymica, 28 de Janeiro de 1847. — O Director, *Antonio Joaquim d'Almeida*. — *João José de Souza Telles*, Vice-Director. — *José Pereira d'Alcvedo*, Vogal.

O Sr. J. D. Corrêa, tributou, á Commissão, os maiores elogios, pelo bom desempenho de tão transcendente trabalho, cujos resultados eram tão claros, que nada deixavam a desejar; terminando por propôr que, a Sociedade votasse louvores á Commissão de Chymica. Posto o Parecer á votação, foi approvedo, bem como a proposta do Sr. J. D. Corrêa, em virtude da qual, o Sr. Presidente, dirigio á Commissão, em nome da Sociedade, os mais honrosos louvores, que a mesma Commissão agradeceu.

Entrou em discussão um Parecer da Commissão de Phy-

sica, á cerca d'um artigo do Sr. Lazaro, sobre o sistema — *Decimal e Metrico* — A Commissão é de parecer que, se publique no Jornal da Sociedade. O Sr. J. D. Corrêa, impugnou o Parecer, bem como o Sr. Tedeschi José, e Telles Junior, contra a opinião do Sr. Pereira d'Azevedo, que achava util a sua inserção. O Sr. Telles senior, indicou a substituição do artigo do Sr. Lazaro, por uma tabella comparativa, dos pesos decimaes, com os nossos, coordenada pela Commissão, e bem assim outra, dos differentes areometros: depois de varios argumentos, regeitou-se esta idéa, e com ella o Parecer da Commissão, que foi mandado archivar.

Incetou-se novamente, a questão, da substituição da *cera pela stearina*, em cuja discussão, tomaram parte os Srs. J. D. Corrêa, Telles senior e Tedeschi José; depois de varias observações foi ainda adiada esta materia, a requerimento do Sr. Norberto. Sendo já 8 horas fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 310, de 25 de Fevereiro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas abriu-se a Sessão, estando presentes 16 Socios effectivos. Leu-se, e foi approvada a Acta da Sessão precedente.

O Sr. 1.º Secretario, pediu auctorisação para proceder, com promptidão, a algumas exigencias do expediente, sobre reclamações do Jornal, que lhe foi concedida, depois d'um pequeno debate. Foi egualmente auctorisado, a officiar ao nosso Consocio do Rio de Janeiro, o Sr. Peixoto, para este se encarregar de remetter, á Sociedade, o Jornal que a Sociedade Auxiliadora da industria nacional daquella Capital offereceu á nossa Sociedade.

O mesmo Sr. propóz, se substituisse a publicação proposta pelo Sr. Lazaro, da Necrologia do Dr. Brotero, pe-

la Biographia do mesmo. Depois d'algum debate, em que entraram os Srs. J. D. Corrêa, Norberto, Almeida, e Telles senior, decediu, a Sociedade, que a Comissão de Redacção se entendesse a esse respeito, com o Sr. L. J. de Souza Pereira, apresentante da Necrologia.

O mesmo Sr. leu a Consulta da Sociedade, a respeito dos liquidos analysados pela Comissão de Chymica, e que fôra remettida ao Juiz de Direito da Commarca d'Almada. Leu, mais um officio do Sr. J. J. de Carvalho, 1.º sub-Delegado da Commarca do Porto, participando não poder tomar conta da Delegação naquella Commarca. Outro do nosso Consocio Benemerito, o Sr. F. B. dos Santos, declarando que, tem em seu poder os objectos pertencentes á delegação, esperando se lhe indique, a quem os deve entregar; a cujo respeito fez o Sr. Presidente, algumas observações, mostrando a necessidade que havia de proceder á eleição de Delegado naquella Commarca. A Sociedade resolveu que esta eleição ficasse ainda adiada.

O mesmo Sr. apresentou duas pomadas por elle preparadas, com a sîcarina, e tres semelhantemente remetidas pelo Sr. Ogando, para serem examinadas. Foram mandadas para a Comissão de Pharmacia.

Os Srs. Almeida, Pereira d'Azevedo, e Telles Junior, requereram que a Sociedade convidasse a Comissão de Pharmacia, a apresentar na proxima Sessão, o seu parecer, á cerca d'umas capsulas de gelatina, e de gluten, que áquella Comissão tinham sido remetidas. O Sr. J. D. Corrêa, expôz os motivos da demora, e as razões porque a Comissão senão compremettia aquelle termo prefixo. Ouve alguma discussão sobre este objecto, e modificado o requerimento, foi approvedo.

O Sr. Almeida, por parte da Comissão de Chymica, leu o seguinte:

*Parecer sobre a analyse d'um Vinho remettido, pelo
Sr. A. de Carvalho.*

Senhores! — A' Commissão de Chymica foi remettido um officio, do Ill.^{mo} Sr. Antonio de Carvalho, nosso Dignissimo Ex-Presidente, no qual o mesmo Sr. pedia á Sociedade Pharmaceutica, mandasse analysar uma porção de Vinho contido n'uma pequena garrafa de vidro preto, por elle igualmente remettido á Sociedade, e que julgava falsificado, por isso que durante a sua distillação, se tinham produzido abundantes vapores de cheiro ammoniacal. A Commissão incumbiu-se gostosa, d'este trabalho, e não se limitando a procurar no = Vinho suspeito = a presença do ammoniaco, e de seus saes, dirigiu tambem as suas experiencias com a mira em outras substancias, com que os falsificadores costumam, de ordinario adulterar os vinhos.

Escutae a marcha das suas experiencias, e a conclusão que d'ellas tirou, para com a vossa profunda critica decidir-se se deve ou não, ser sancionada.

Começando pelas propriedades physicas, a Commissão encontrou o seguinte:

Côr amarella de palha.

Cheiro vinhoso.

Sabor vinhoso, algum tanto acido.

Dividju-se o vinho, em tres porções.

A 1.^a descórrou-se atravez de carvão animal preparado.

A 2.^a distillou-se aos 3 para verificar no producto distillado, as reacções acidas.

A 3.^a deixou-se, sem a submetter-mos a operação alguma.

Porção descórada.

Com a tintura de tornasol avermelhou muito, o que indica a presença d'um acido livre.

Evaporado em uma capsula de porcellana, deu vapores

d'acido acetico fraco, e levado á secco, deixou um residuo amarello-avermelhado, que depois escureceu, tendo cheiro pronunciado a = Assucar queimado. =

Com o carbonato de potassa deu um precipitado branco-folheado = acetato de potassa, = que devidimos em tres porções.

1.^a Tratada pelo acido sulphurico produziu viva effervescencia, e vapores d'acido acetico, o que indica a sua presença.

2.^a Com o nitrato argentario, produziu um precipitado branco, solavel no acido azotico, e n'uma grande porção d'agua distillada, o que indica a presença d'acido acetico.

3.^a Tratado pelo sulphurato ammonico, não fez mudança alguma, o que indica a presença do acido acetico.

Com agua de baryta, deu precipitado branco, insolavel no acido azotico.

Distillado com o carvão em pó, não deu cheiro sulphuroso, o que indica não existir acido sulphurico.

Um pedaço de panno fervido com elle, não se tornou escuro.

Estes resultados foram identicos, com o vinho não descorado.

A Commissão passou a indagar a presença do acido azotico.

Não devia dar precipitado, estando diluido, pelos solutos de prata, e baryta, porém deu-os, talvez devidos ao acido sulphurico dos sulphatos existentes no vinho.

Saturado com o prot'oxydo de potassio, e evaporado, não deu crystaes.

Passou a verificar a presença do ammoniaco, e dos seus saes.

Com o prot'oxydo de calcio não fez mudança alguma.

Com o cyanureto ferrico-potassico não deu precipitado.

Com os hydro-sulphatos não deu precipitados.

Com o prot'oxydo de potassio não produziu cheiro ammoniacal.

Com o bichlorureto platinico, não fez mudança alguma.

Para verificar a presença do — Lithargyrio — empregamos os seguintes reagentes.

Oxalato d'ammoniac, deu logo um precipitado abundante, que senão produziu no distillado.

Evaporou-se uma porção á seccura; misturou-se com um pouco de nitrato de potassa, e projectou-se a mistura n'um cadinho de platina, aquecido ao rubro, e se parou-se o residuo; aqueceu-se com o acido azotico, que se evaporou á seccura, e o residuo dissolveu-se na agua distillada, que se tratou.

1.º Pelo chromato de potassa, não deu precipitado.

2.º Pelo ammoniac, o mesmo.

3.º Pelo prot'oxydo de potassio, o mesmo.

4.º Pelo sulphydrico, o mesmo.

Para reconhecer a presença da alumina, empregamos o carbonato de potassa, que produziu um precipitado branco, leve, e floconoso, formando uma especie de nuvens, o que parece demonstral-a.

A presença da cal foi demonstrada pelo acido oxalico, que deu um precipitado branco, d'oxalato de cal.

Pelo oxalato d'ammoniac deu, precipitado branco, d'oxalato de cal.

Como porém, esta cal podia existir naturalmente, para o verificar fez a Commissão o seguinte.

Evaporou-se uma porção do vinho, não descórado, ao oitavo do seu volume; tratou-se esta porção, por duas vezes o seu volume d'alcool a 22º, e evaporou-se á seccura.

O residuo dissolveu-se na agua distillada, e o liquido resultante tratou-se pelos mesmos reagentes, que não demonstraram a presença da cal.

Para verificarmos se no vinho a analysar, existia vinho de maçans, evaporou-se uma porção á consistencia de xarope, e deixou-se por 12 horas, para depositar alguns crystaes de tartarato de prot'oxydo de potassio; filtrou-se, lavaram-se os crystaes, e a agua da lavagem, junta com o vinho, foi de novo evaporada, deixada por 12 horas, e filtrada.

Este tratamento, repetido por tres vezes, deu-nos uma porção de vinho que evaporamos á consistencia de xarope, lançando então, algumas gottas sobre um carvão, incandescente, produziram-se vapores espessos de cheiro mui pronunciado d'assucar queimado, o que indica a presença da mesma substancia.

Do que fica exposto conclue a Commissão que, o vinho que lhe foi remettido pelo nosso Consocio o Sr. Antonio de Carvalho:

- 1.º Não éra de boa qualidade.
- 2.º Não continha, ao menos em quantidade sensivel a todos os reagentes que se recommendam para reconhecer a presença do ammoniaco, e de seus saes, o mesmo ammoniaço, ou alguma das suas combinações.
- 3.º Que existia nelle uma pequena quantidade d'alumina, talvez devida a ter o mesmo Vinho sido clarificado com o sulphato aluminico-potassico.
- 4.º Predominava tambem n'elle, uma grande quantidade d'acido acetico livre, talvez devido ás circumstancias em que o vinho esteva collocado, taes como a temperatura, exposição ao ar &c.
- 5.º Que existia egualmente uma grande quantidade d'assucar, devido por ventura a má fermentação do mesmo vinho.

As outras substancias demonstradas pelas experiencias, parecem ser partes constituintes do mesmo vinho.

A Commissão julga não dever omittir, que durante todo o tempo das experiencias, nunca percebeu cheiro algum ammoniacal, mas antes um cheiro mui pronunciado d'acido acetico, o qual mui bem poderia ser confundido com os vapores ammoniacaes, por alguém menos experiente. Sala da Commissão, em 26 de Fevereiro de 1847. — O Director, *Antonio Joaquim de Almeida*. — *João José de Souza Telles*, Vice-Director. — *José Pereira d'Azevedo*, Vogal.

Acabada a leitura, entrou em discussão, e foi immediatamente approved, remettendo-se por copia ao Sr. Carvalho, por proposta do Sr. Telles, junior.

Leu-se um parecer da Comissão de Direito Pharmaceutico, sobre a intelligencia d'alguns artigos regulamentares, e ficou para ordem do dia da Sessão immediata.

Sendo 8 horas, se fechou a Sessão.

(C. M. M. Freire, 2.^o Secretario).

Monte-Pio Pharmaceutico.

ACTAS DA ASSEMBLÉA GERAL.

Acta n.º 11, de 17 de Setembro de 1846.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas e meia, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes os membros competentes.

Leu-se a acta antecedente, bem como a do ultimo Conselho Administrativo, que foram approvadas.

A Assembléa, sancionou a continuação da prestação á Viuva do nosso Consocio, o Ill.^{mo} Sr. Gregorio de Souza Pereira.

Depois, passou-se a eleger o Conselho Administrativo, e ficaram eleitos os Srs. J. D. Corrêa, F. J. R. Loureiro, J. P. H. Barbosa, J. F. da Silva, A. de Carvalho, e J. N. Barbosa, e para Substitutos os Srs. A. J. d'Avellar e A. F. A. d'Azevedo.

Sendo 7 horas e meia se fechou a Sessão.

Acta n.º 12, da Sessão de 18 de Junho de 1847.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 6 horas abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes os Membros competentes.

Leu-se a Acta da Sessão antecedente, que foi approvada.

O Sr. Thesoureiro, apresentou o Balanço do anno findo, bem como todos os documentos comparativos.

A Assembléa approvou as contas, e dispensou a nomeação da Commissão para a revisão das mesmas, por motivos expostos pelo Sr. Telles (Senior) como o de terem sido já examinadas pelo Conselho Administrativo, e o seu pequeno costeamento. Auctorisou a publicação das contas no Jornal, e os documentos foram Archivados.

O Sr. J. D. Corrêa, propoz que, se auctorisasse a compra d'um bilhete da Loteria Nacional, para o que fez judiciosas reflexões, as quaes fôram corroboradas pelo Sr. Telles (Senior) e apoiadas pelo Sr. Thesoureiro, e procedendo-se á votação foi a proposta approvada.

Sendo 7 horas, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

ACTAS DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DO MONTE-PIO.

Acta n.º 18, de 5 de Novembro de 1846.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 5 horas, abriu o Sr. Presidente a Sessão; estavam presentes os Srs. A. A. R. d'Oliveira, H. J. de S. Telles, F. J. R. Loureiro, e C. M. M. Freire.

Procedeu-se á eleição de Thesoureiro, e foram eleitos os Srs. F. J. R. Loureiro com 3 votos e A. de Carvalho 1.

Tendo ficado eleito o Sr. F. J. R. Loureiro, declarou ter em seu poder o seguinte.

Quatorze recibos de 1 \$ 200	16 \$ 800
Trezentos e vinte e dois de 600	193 \$ 200
Saldo em Cofre	63 \$ 233
Títulos, e Inscrições de 6 por cento	1:200 \$ 000
	<hr/>
	1:473 \$ 233

Recebeu do 2.º Secretario.

Noventa e quatro recibos de 600.	56 \$ 400
Quatro de 1200	4 \$ 800
Nave Diplomas de 1200 rs.	10 \$ 800
	<hr/>
	72 \$ 000

Ficando actualmente responsavel, pela quantia
de Rs. 1:545 \$ 283

Existem além disto, mais trinta e tres recibos de differen-
tes Semestres, em poder do Ill.^{mo} Sr. F. B. dos Santos, no
Porto.

Pelas 6 horas e meia, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 19, de 21 de Janeiro de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão,
estavam presentes os Srs. A. A. R. d'Oliveira, H. J. de
S. Telles, J. D. Corrêa, F. J. R. Loureiro, A. F. A.
d'Azevedo, J. F. da Silva, e C. M. M. Freire.

O Sr. 1.º Secretario declarou que, a Sessão era para preen-
cher a formalidade, marcada no Regulamento, porém co-
mo estava presente o Sr. Thesoureiro, diria se tinha algu-
ma cousa a expôr.

O Sr. Thesoureiro disse, nada ter a dizer.

O Sr. J. D. Corrêa, procurou se havia algum Socio no-
vamente admittido, respondeu-se-lhe que não.

Suscitaram-se algumas observações, á cerca de capitalisar
os fundos existentes, ao que se julgou sobre-estar por em
quanto.

O Sr. J. D. Corrêa, fez algumas observações á cerca da
Pensionista, que foram apoiadas pelo Sr. F. J. R. Lou-
reiro.

O Sr. A. F. A. d'Azevedo, tambem produziu varias re-
flexões á cerca do mesmo assumpto, e que para outra Ses-
são diria o que n'este caso lhe parecia.

O Sr. J. D. Corrêa, mostrou estar satisfeito com o que
ponderou o Sr. H. J. de S. Telles, o qual ficou incumbido
de satisfazer ás particularidades resfferidas, a fim de preen-
cher o estipulado na lei; que desejavam se inquirissem as
relações actuaes, entre Mãe e filhos; que se tivesse muita
attenção com um dos filhos menores, João de Sousa Pereira

que se dedica á Pharmacia, cujo character lhe promettia bellos auspicios, e que o Monte-Pio poderia proteger para o futuro.

O Sr. Presidente convidou o Conselho a tomar uma resolução; ficou incumbido o Sr. H. J. de S. Telles, de proceder ás averiguações preditas, e á vista dellas o Conselho resolveria.

Pelas 7 horas e meia, fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 20, da Sessão de 5 de Março de 1847.

Presidencia do Sr. A. A. R. d'Oliveira.

Pelas 6 horas da tarde, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes os Srs. A. A. R. d'Oliveira, H. J. de S. Telles, F. J. R. Loureiro e J. P. d'Azevedo.

O Sr. Secretario, fez a leitura d'um Officio do nosso Consocio o Sr. J. M. Bôto, Administrador da Botica do nosso fallecido Consocio, o Sr. G. de S. Pereira, apresentado pelo Sr. Telles, como commissionado por este Monte-Pio; em o qual o dito Sr. dá parte, das actuaes circumstancias da familia da Pencionista, a Sr. D. Balbina Rosa Pereira, as quaes satisfatorias algum tanto, este Conselho ouviu com summo interesse, e se decidiu que, se fizesse sciente o seu contheudo ao Sr. J. D. Corrêa, como Auctor da Proposta para que se obtivessem estes esclarecimentos.

Não havendo objecto algum mais a tratar, o Sr. Presidente fechou a Sessão pelas 5 horas, e meia da tarde.

Acta n.º 21, da Sessão de 10 de Janeiro de 1847.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 6 horas, abriu o Sr. Presidente a Sessão, estando presentes os Srs. J. D. Corrêa, H. J. de S. Telles, F. J. R. Loureiro, e C. M. M. Freire.

O Sr. Thesoureiro apresentou o Balanço Geral da Receita,

e Despeza do Monte-Pio, sendo a Receita de 116 \$ 633 rs. e a Despeza de 49 \$ 235 rs.; havendo em saldo para o 13.^o anno, 68 \$ 398 rs.; existindo mais em Inscriptões do Juro de 5 por cento, 1:200 \$ 000 rs.

Pelas 7 horas fechou o Sr. Presidente a Sessão.

(C. M. M. Freire, 2.^o Secretario).

Continuação da Vida de NICOLAU LÉMERY. Memoria de Sr. P. A. CAP, coroada pela Academia Real de Ruão, na sua Sessão Publica de 9 d'Agosto de 1838: continuada de pag. 596.

Encontrei em casa de Mr. Verchaut, a vantagem de receber os conselhos d'um mestre habil, trabalhar nas investigações que me eram proprias, e ensinar a Chymica a alguns jovens estudiosos, que a seu turno me iniciavam nos conhecimentos medicos.

As difficuldades que tinha encontrado no estudo da minha sciencia favorita; a obscuridade que tive a penetrar para chegar a algumas noções pozitivas, determinaram-me a escolher uma vida nova; ou para me tornar n'ella mais habil, ou para a ensinar aos outros: Inclinei-me logo, a estabelecer bem claramente em meu espirito, os pontos da Sciencia que deviam ser a materia das minhas lições; voltando depois sobre o caminho que tinha percorrido, para adquirir n'elle uma idéa bem exacta; foi por esta via que dirigí meus auditorios, affastando com cuidado, todos os obstaculos que me tinham suspenso.

Os exforços que fazia d'esta maneira, para tornar as minhas demonstrações claras, e faceis assegurar-me

d'ellas, e fazel-as mais evidentes a mim mesmo. Repele a linguagem obscura, e inigmatica das Escolas, para me servir só de termos precisos, e intelligentes. Em fim, exercitado como estava nas manipulações, inclinei-me a tornar as minhas experiencias notaveis, tanto ao sentido, como ao espirito. E' preciso dizê-lo: era uma sorte de innovação que vinha tentar, no ensino da Chymica.

(Continuar-se-ha).



ERRATAS.

- N.º 10.º — Tomo 4.º
 Pag. 542 — *Lin.* 1.ª — ante-asmaticas; leia-se anti, e não ante, bem como em todos os logares onde a preposição anti, termina em e.
 " 551 — " 2.ª — como acima — deve supprimir-se.
 " 552 — " — a nota (*) refere-se ao çumo de marmello.
 " 573 — " 19 — 37º, 3º, 45' 0// N; leia-se 37º, 30', 0// N

- N.º 11.º — Tomo 4.º
 Pag. 620 — *Lin.* 2.ª — 2.ª Direcção; leia-se 2.ª Direcção.

da Ordem dos Farmacêuticos

SUMMARIO.

Observações á cerca da *Artemisia Mollis* pag. 597. — Inhalações do Ether 601. — Agua sedativa contra a enxaqueca 613. — Iodureto de ferro (preparação extemporanea) 614. — Pilulas de protoiodureto de ferro idem. — Magnesia calcinada, pesada 615. — Novo meio de cubrir as pilulas 616. — Pastilhas de chocolate com Magnesia 619. — Pilulas anti-nevralgicas idem. — Portaria do Menisterio do Reino 620. — Dieta do da Marinha 621. — Extracto das Actas das Sessões litterarias 621. — Vida de Nicolau Lémery (Continuação) 651.

SAÚDE PUBLICA.

Inhalações do Ether. (Conclusão).

No dia 1.º de Julho, na enfermaria de S. João Baptista, Manuel da Silva Rato, de 42 annos de idade, de temperamento sanguineo, trabalhador de enchada, é operado d'um *cancro*, no labio inferior, por *Cheiloplastia*, segundo o processo de *Chopart*, pelo Cirurgião-Medico, o Sr. Theotonio da Silva, sendo previamente submettido ás inspirações do ether, com os brilhantes resultados que vamos expôr.

Eram 11 horas e 5' da manhã, quando se submete o operando ás inhalações do ether por 3'. A este tempo aperta-se-lhe a pelle da face, beliscam-se-lhe as orelhas, e elle a nada se move; fazem-se-lhe algumas perguntas, e elle nada responde; as palpebras cobrem-lhe os olhos; o pulso, que antes se achava frequente, de certo, pela influencia moral, pelo temor da operação, está menos apressado pela cessação d'essa influencia — a tranquillidade era completa. Suspende-se então a etherisação, e o enfermo diz não ter sentido nada de incommodo, e que nem ouvira fazer-lhe perguntas, *por haver passado pelo somno*.

Ás 11 horas e 10' continuam as inhalações; 3' depois manifesta-se principio de delirio, que se pronunciou, com mais intensidade, passados 7', quando se renovou o ether do apparelho. Então nota-se

lagrimejamento, serramento forçado das palpebras, contracções fortes dos membros, o que depois cessou para ser substituído por um relaxamento muscular notavel. Decorridos 16', desde o começo da segunda etherisação, cessam as inhalações, e o doente é operado sem manifestar o menor signal de soffrimento a tão dolorosa e demorada operação, sem exprimir o menor movimento, nem mesmo automatico. — Nunca os antigos imaginaram, nem a possibilidade d'um *jucundé* tão completo nas operações!

Duraram 9' as incisões operatorias. O pulso, já agora está mais frequente e desenvolvido, já marca 108 pulsações, cedendo á influencia hypersthenisante do ether. Ainda a impassibilidade, a anesthesia, é completa; ainda nada pronuncia; mas dahi a 2' diz algumas palavras attinentes á operação, e de modo a parecer consciente de tudo o que se passava com elle, mas ainda sem accusar o menos incommodo soffrimento; não sente pois a ligadura d'um dos ramos arteriaes, que pôde laquear-se, nem os movimentos forçados para a distensão do *retalho mental*, que devia substituir o labio cortado. Ainda mais: 7 alfinetes são cravados, para o affrontamento das carnes, nos bordos da ferida. — constitue-se a *sutura enrosçada*, e o doente, sem dar manifestação da menor dôr, apenas accusa depois um ligeiro soffrimento, nunca em relação com o que soffreria no estado normal.

As 12 horas e 2' (36' depois de terminadas as inhalações) está completa toda a operação; o operado já não parece, senão pouco, influenciado pelo vapor

ethereo, e por isso seu pulso já marca 95 pulsações, reduzindo-se em breve a estado normal. Nenhuma cousa notavel refere mais do que dôr ligeira na nuca, que durou poucas horas.

Subsequentemente nenhuma foi a reacção — conservou-se apyretico; e 6 dias depois d'operado tiram-se os alfinetes, e os bordos da ferida estavam perfeitamente reunidos por primeira intensão, como o garantia a summa habilidade manual, e ó reconhecido saber do seu operador. Oxalá que a reproducção não venha tornar inutil trabalho tão bem acabado!

O que levamos exposto foi tambem presenciado pelos Cirurgiões-Medicos, os Srs. *Vianna, Arnaut, e Silva Ferreira.*

No dia 4 d'Agosto, *José d'Almeida*, boleeiro, de 60 annos, de temperamento sanguineo-lymphatico, é submettido á extracção d'uma volumosa degenerescencia, que fazia tumor na parte superior e externa do ante-braço esquerdo. Antes de ser operado inspira o ether sulphurico, succedendo-lhe, em consequencia, os phenomenos que passamos a transcrever.

Aos 60" é accommettido de tosse, excitada pela acção estimulante do vapor ethereo impressionando extranhamente a mucosa bronchica; declara-se debilidade muscular, annunciada pela queda das palpebras e braços, que, quando eram levantados, cahiam immediatamente, como um corpo inanimado, logo que deixava d'obrar a força que os elevára. Passados 2' de inhalação, as palpebras desserram-se, nota-se abundancia na secreção das lagrimas, que lhe arrasam os

olhos, e cahem sobre as faces; 5' depois do começo da inspiração do ether, em vez de 64, como antes d'este tempo, são 80, as pulsações que patentêa a arteria radial; descobre-se principio de delirio, manifestado por hilaridade e expressões incoherentes e desapositadas, o que se exalta 2' depois. Por este tempo reconhece-se tambem pezo de cabeça, e quêda d'ella para o lado, bem como convulsões tonicas nos membros, principalmente superiores. Aos 10' d'inhalação a perturbação intellectual é ainda mais pronunciada; param as convulsões, e o individuo é operado pelo Cirurgião-Medico, o Sr. J. M. A. Branco, sem sentir o mais pequeno incommodo, sem manifestar o menos apparente vislumbre de soffrimento, sem nada o distrahir da desordem cerebral em que se acha immerso; elle, dirigindo seus dictos a um sujeito, que parecia ter na sua imaginação, dizia-lhe que o chamavam, e pedia que o deixasse partir.

Durou 1' a extirpação do tumor, e por isso se suspendem as inspirações ethereas, finda esta. Perguntando-se, por este tempo, ao operado se queria que se começasse a sua operação, elle pareceu não lembrar-se de precisar de tal, e por isso ria largamente pelo *desproposito* da pergunta. Mais 3' se gastam na laqueação dos ramos arteriaes feridos, e na applicação do apposito competente; depois do que diz-se-lhe novamente que se vai proceder á operação do tumor do seu braço; elle então, menos influenciado pelo ether, assegura estar prompto a ser operado, e promette soffrê-la com todo o denodo e coragem.

como soldado, que entrára em fogo nos combates de toda a guerra peninsular; — *alma até Almeida* — accrescentava elle, e repetia algumas vezes, como para juntar mais valor ás suas primeiras palavras. Tal era a sua crença relativamente á operação feita! Seu pulso, obedecendo ao podêr do ether, marca 92 pulsações.

Tudo completo, é então que vê o seu braço já livre do volumoso tumor, que o obrigára a recolher-se ao Hospital de S. José. Interrogado ácerca do que sentira, responde que nada, a menos o que lhe pozeram no nariz (pinça para impedir a inspição do ar pelas fossas nasaes), o que mais o incommodára, e o *espírito* que lhe deram a respirar; mas que se não admirava, porque a Cirurgia e a Medicina estavam summamente adiantadas em Portugal, *se bem que lhes não davam o merecido valor*. Que tristes verdades se ouvem ás vezes a homens rudes, e de condições menos presaveis!

Aos 20', contados do começo da inhalação, o operado tem quasi nada perturbada a intelligencia; seu pulso já apresenta 80 pulsações; e aos 25' tudo está, com pequena differença, reduzido ao estado ordinario.

A reacção posterior foi nulla, e nenhum inconveniente, geral ou local, adveio.

Os Cirurgiões-Medicos, os Srs. *Arnaut*, *Theotónio da Silva*, e *Silva Ferreira*, assistiram com nosco á observação, de que vimos de dar a parte.

Estes factos pois, bem como os numerosos, que citam homens de todo o credito dos outros paizes, le-

vam á evidencia a nova, e altamente importante, applicação de que *Boston* se ufana, e com rasão, de ter reconhecido no ether, pela insensibilidade, que este poderoso agente, impressionando o *systema nerveo*, produz nos seres organicos animaes (1), que se submettem á acção de seus vapores; de sorte que pôde dizer-se, sem receio d'errar — que é verdade perfeitamente demonstrada — um *theorem* — a virtude que possui o ether de produzir a insensibilidade; bem como, talvez, o relaxamento muscular, que, pelo menos quasi sempre, se observa, ainda que, algumas vezes, depois de terem havido fortes contrações.

Os casos de não insensibilidade perfeita, que temos visto tres ou quatro vezes, e, cousa notavel, quasi todos em mulheres, e bem assim os observados n'outras partes, em nada se oppõem ao que avançamos; pois que, com ether puro (2), com appare-

(1) Não só nos animaes produz o ether a insensibilidade, aos vegetaes estende elle tambem o seu poder, como o demonstram as observações do Sr. *Clemens* (de Paris) no *espineiro-vinheto*, e na *sensitiva*.

(2) O Sr. *Charrière* (de Paris) reconhecendo, com todos, que a não perfeita rectificação, e impureza do ether, é quem occasiona, pela maior parte, os insuccessos, provocando além d'isso indisposições, *nauseas*, e algumas vezes vomitos, apresenta o seguinte processo para reconhecer o ether puro, o ether operatorio: basta, diz elle, lançar na palma da mão algumas gotas d'ether, e passar por cima ligeiramente a outra mão; se o ether é puro volatilisa-se promptamente, dá frescura á mão pelo roubo de calorico que se effectua para a sua volatilisação, e não deixa cheiro algum. Este ether não exerce acção irritante, e produz

lhos que funcionem bem, e observando alguns preceitos, os resultados são bellos.

Apesar mesmo de reconhecido, como infallivel, tal poder do ether; a theoria da etherisação (3) apresentada pelo Sr. *Robin*, o temor da asphyxia, e dous

mui bons resultados. O impuro volatilisa-se mais difficilmente, e deixa depois, na mão, um cheiro analogo ao da fructa em decomposição putrida.

(3) O Sr. *Robin* avança, com mais alguém, que a insensibilidade, que o ether promove, é o resultado da asphyxia — da não hematose, ao menos completa, do sangue venoso; e que os órgãos a quem era preciso esse estimulo arterial para a manutenção de sua existencia normal, pela falta d'elle, deixam de sentir, porque o sangue não oxigenado exerce sobre elles uma acção estupefaciente. A não conversão do sangue negro em sangue vermelho pela influencia do ether, diz elle provir não só de o ether se oppôr, mechanicamente, á impregnação do sangue por uma quantidade d'ar tão consideravel como no estado normal, mas ainda porque, no acto respiratorio, se opera uma combustão do ether a custo do oxigeno, o qual, sem ella, serviria á hematose, que por isso se não dá, pelo menos sufficiente. Esta theoria, já entrevista por outros, antes de apresentada pelo Sr. *Robin*, é apoiada em experiencias do auctor, e nas do Sr. *Amussat* (de Paris) o qual vio, que, logo que os animaes se tornavam insensiveis sob o influxo do ether, deixava de correr de suas arterias sangue rubro, porque o sangue negro passava, das veias ás arterias pulmonares, sem soffrer a influencia vivificante do oxigeno do ar — sem ser arterialisado, e que, continuando as inalações, os animaes morriam asphyxiados. Porém estas experiencias foram feitas com ether sem mistura d'ar, pelo menos sufficiente para as necessidades da respiração, como observa o Sr. *Renault* (de Paris), cujas experien-

casos de morte, de que falla o Sr. *Jobert* (de Paris), subsequentemente a operações, em que os individuos haviam sido etherisados, têm posto n'alguma desconfiança e receio a alguns facultativos, que têm achado ahi um bom sustentaculo da opposição manifestada antes de bem conhecidos e estudados os effeitos do ether. E' isto o que tem acontecido em Paris ao Sr. *Blandin*, e outros, que, receiando a asphyxia pelo que observavam nos animaes, aconselharam as operações antes do periodo completo da insensibilidade — antes do periodo cirurgico da etherisação (4);

ciás, não menos concludentes, e de não menos credito, provam, que, indo de mistura com o ether o ar necessario para o acto respiratorio, nunca se dá tal inconveniente.

O Sr. *Dufoy* (de Blois) vendo que o contacto do ether liquido sobre um nervo determinava paralyisia momentanea da parte em que elle se distribuia, e convencendo-se, por experiencias, que não havia asphyxia do sangue — que o sangue negro se arterialisava, a pesar do ether, a menos que absolutamente não houvesse comunicação do aparelho com o ar atmospherico, suppõe, talvez menos hypotheticamente, que o vapor ethereo, absorvido pelos capillares, produz a insensibilidade por uma acção especial sobre o systema nervoso, de que provém uma perturbação n'este systema comparavel á embriaguez alcoolica, ao somno, ou antes ao narcotismo.

(4) O Sr. *Longet* (de Paris), segundo a parte do encephalo influenciada pelo ether, divide a etherisação em dous periodos: 1.º da etherisação dos lobos cerebraes, em que ha perturbação da intelligencia: 2.º da etherisação da protuberancia annular (periodo cirurgico, ou de insensibilidade absoluta). Outros, segundo os effeitos que se manifestam pelo ether, partem em tres os periodos da etheri-

mas n'este caso não se conseguia o fim porque o ether se emprega, como bem observa o Sr. Roux.

Mais de 10,000 experiencias, feitas no homem, sem nenhum accidente notavel, fallam porém bem alto em favor do ether, e da não precisa e rigorosa illação, do que se observa nos animaes, para o homem (5), por quanto em nenhum caso tem havido asphyxia, nem a podia haver, visto empregar-se sempre, de mistura ao ether, ar sufficiente para interter a respiração; mas apenas insensibilidade e prostração, por mais ou menos tempo, o que o ar livre, ou, quando muito, o oxygenio puro, dissipa completamente, como nota o Sr. Dr. Jakson, que, no hos-

sação: 1.^o caracterizado por agitação, delirio, mais ou menos completo, hilaridade, loquacidade: 2.^o por sensibilidade obtusa e dromente: 3.^o por estupefacção completa. O Sr. Flourens, adoptando as mesmas bases do Sr. Longet, admite quatro.

(5) As *cantharidas*, que são veneno para nós, servem de alimento a outros insectos do genero *acarus*; as *euphorbias*, que nos intoxicam, nutrem o *Camello*; a *Cicuta*, que serve bem á nutrição da *cabra*, é para nós um toxico; as sementes de *meimendra* alimentam o *porco*, em quanto que são bastante prejudiciaes ao *homem*; o *arsenico*, que na doze de uma onça apenas produz ao *urso*, segundo Reaumur, citado por Giacomini, o effeito d'um purgante, mata n'esta quantidade alguns pares d'individuos da nossa especie; o *açucar*, que todos os dias tomamos em dose elevada, invenena as *rãs*. Daqui se pode ver quanta prudencia se deve haver na deducção, das observações nos animaes, para o homem (V. *Materia Medica e Therapeutica* de Giacomini, traducção franceza de Mojon e Rognetta, pag 11).

pital de Massachussetts, apenas tem tido um d'estes accidentes, que fez assim desapparecer.

As duas observações do Sr. *Jobert*, para nós (permitta-se que o digamos) não são concludentes para d'ellas se deduzir em desdouro do ether; porque a morte, sobrevinda ás operações dictas, é explicavel sem ser preciso condemnar de homicida o ether, que, de certo, não o merece ser.

São duas mulheres que figuram nas observações em questão. A uma extrahiui elle um peito canceroso; as inalações duraram 13', findos os quaes, cahiu em insensibilidade, mas incompleta, a ponto de sentir uma pequena dôr. Depois da operação foi accommettida de cephalalgia, dores na garganta e ao longo da trachea, e por fim erysipela erratica. Pela *autopsé* achou o coração amollecido, flaccido; pulmões crepitantes; trachea muito injectada e d'um vermelho vivo. A familia impedio levar mais longe as investigações.

Uma predisposição, alguma causa determinante de bronchite, não attendida, a mais forte reacção, e, sobretudo, a comunicação da inflammção da pelle, que, por vezes, complica gravemente as operações, por continuidade de tecido no principio, e depois por contiguidade, a órgãos mais nobres, não explicariam mais plausivelmente a morte, cujas lesões todas, a *autopsé* por ventura não demonstrou? Tanto parece menos provavel a morte pelo ether, quanto o proprio relator das observações dá pouco valor a este facto.

O segundo caso deu-se n'outra mulher, a quem amputou a côxa por um tumor branco suppurado do

joelho. As inalações duraram sómente 4', porque bastou este tempo para ficar insensível, e só 2 horas depois recuperou o conhecimento. No dia seguinte manifesta-se-lhe agitação, ainda incoherencia nas palavras, e alguma perturbação cerebral. A agitação e insomnia conservam-se até o 7.º dia com viva irritação bronchica; ao 7.º dia dôr nevralgica da face seguida de trismo, contracções dos esterno mastoideos, depois dos musculos abdominaes e thoracicos, phenomenos estes que duraram até o 15.º dia, em que morreu. Na *autopse*: systema cerebro-spinal injectado, principalmente a medulla, que se apresentou tambem amollecida na parte superior da região dorsal; ventriculos cerebraes cheios de liquido sero-sanguinolento; meninges fortemente injectadas; pharynge, esophago, e larynge vermelhos, e a mucosa correspondente coberta de materia purulenta.

Reacção intensa, complicada de *tetano* sobreviente á amputação, predisposição a esta terrivel enfermidade, ajudada, além da lesão dos nervos na amputação, por mais alguma das muitas causas que a provocam, como as impressões moraes tristes, que não são raras no decurso d'uma doença, principalmente n'uma mulher, não serão elementos sufficientes para explicar os symptomas observados e a morte, o que as lesões manifestadas na *autopse* não deixam de muito confirmar? Parece-nos que sim; com quanto não duvidemos que o ether concorresse, talvez pela sua impureza, para a exacerbação, e mesmo apparecimento dos primeiros phenomenos, promovendo a irri-

tação bronchica, tanto neste, como no primeiro, caso; nem também neguemos alguma idiosyncrasia peculiar das duas doentes a respeito do ether. Não queremos porém taxá-lo de factor de mortes, que é possível, e talvez mais logico, explicar d'outro modo. Além de que, só dous casos, mesmo quando o ether tivesse reconhecidamente obrado como toxico, o que não crêmos, não contraindicam o emprego do ether sancionado por milhares de resultados favoraveis.

Nada pois, até o presente, impede o uso d'este meio tão vantajoso para evitar os sofrimentos dos desgraçados, que necessitam operar-se; por quanto, além da vantagem de não sentirem dor, ha outras de não pequena monta, e que merecem ter-se em vista.

O doente sentindo as dores atroces d'uma operação, principalmente demorada, gasta isso que chamam *principio*, ou *fluido vital*, *principio sensiente*, *principio animador*, esse *quid* desconhecido que vitalisa os órgãos, consome uma porção de força organica em relação com o doloroso e demorado de seus padecimentos, e tanto que algumas vezes chega a morrer exausto nas mãos do Facultativo, que o opera, ou não póde vencer a reaccão, que se desinvolve, o que nos parece evitar-se com o ether, pelo menos, em grande parte.

Além d'isso, nos individuos etherisados, o Cirurgião opera com mais facilidade, com menos perigo de insuccesso, pela immobildade das partes, como verificou o professor *Pirogoff* (de S. Petresburgo) nas operações da pupilla artificial, e do strabismo.

Ainda mais: nos casos que temos observado a reacção tem sido quasi nulla, ou nulla; e mesmo em alguns individuos sujeitos que, com quanto inhalassem o ether, todavia não receberam todos os beneficios da insensibilidade, como aconteceu com o operado da *talha*, de que fallamos, o qual não teve nenhuma perturbação geral, nenhuma reacção, e, findos 19 dias, estava completamente cicatrisada a ferida do perineo, e elle perfeitamente curado. De sorte que parece que o ether tem mais esta conveniencia nas operações — a de minorar, e prevenir mesmo a reacção, o que já foi notado em Paris.

Com esta bella aquisição para a Cirurgia ganhou a Sciencia muito mais ainda. Da insensibilidade e da relaxação muscular, effeitos physiologicos do ether, decorreu o emprego das suas inhalações na *reducção das luxações*, de que fez primeito uso em Paris, e com successo, o Sr. *Velpeau*; o que, antes d'elle, ou ao menos antes de sabermos que o Cirurgião francez tivesse essa ideia, ouvimos preconisar ao Cirurgião-Medico, o Sr. *Magalhães Coutinho*, um dos mais preciosos e nobres ornamentos da nossa Cirurgia moderna. A' *Obstetricia* tem prestado bons serviços como o reconheceu o Sr. *Dubois*. Na *epilepsia* tem tirado vantagens, com a sua applicação, o Sr. *Lemaitre* (de Robodanges). No *tetano* o Sr. Dr. *Bertusio* (de Turin). Na *raiva* é fundadamente proposto o seu emprego pelo Sr. *Carron du Villards* (de Paris). O ether pois tem-se tornado tambem um medicamento extremamente util.

Muitas vezes as pessoas, a quem tem de administrar-se os vapores d'ether, padecem lesões pulmonares, o que contraindica o seu uso, pela pouca extensão em que muitas vezes se faz a hematose, que nem assim dá para a arterialisação de todo o sangue venoso, ou teem uma idiosyncrasia particular contra o ether, uma intolerancia invencivel para este medicamento. Este inconveniente porém está hoje perfeitamente remediado pelo Dr. russo, o Sr. Pirogoff, que prescreve o ether em vapores pelo recto para obter a insensibilidade, e de que tem tirado mui bons resultados; pois tem chegado a fazer a operação da talha, a *rhinoplastia* que tem durado trez quartos de hora, e muitas outras, sempre com optimos resultados. Elle consegue a etherisação do seguinte modo: faz primeiro lavar a parte inferior do intestino com um clyster ordinario; depois faz entrar no recto uma sonda elastica, adaptando á sua extremidade externa uma seringa, contida em uma capsula de metal com agua quente, que promove a immediata vaporisação do ether liquido, que é injectado pela seringa; de modo que é já em vapor que entra o ether, pela sonda elastica, no recto. 1³ a 2 onças d'ether são ordinariamente sufficientes para uma etherisação, que se effectua, diz elle, em 3' a 5'.

Este processo, que lhe tem dado mui bons resultados, mesmo nos individuos a quem as inspirações do ether não tiraram a sensibilidade, é de certo preferivel, como elle aponta, por poder applicar-se ás creanças, que mui difficilmente se subjeitariam ás

inhalações, por servir para as operações na boca, por obrar independente da vontade, das idiosyncrasias, &c. e por isso desejaríamos que se usasse entre nós.

Terminaremos este artigo fazendo notar os preceitos, que nos parecem dever ter-se em vista, para obter bons resultados da inalação do ether.

1.º empregar ether perfeitamente rectificado e puro :

2.º ampliar, quanto possivel, a superficie de vaporisação do ether, usando para isso de esponjas imbebidas no liquido :

3.º evitar tudo o que possa distrahir o doente, como o rumor, as perguntas repetidas, que não são necessarias, porque o habito exterior dá mui bem a conhecer ao pratico quando chega o periodo da insensibilidade :

4.º fazer que o bocal do tubo etherifero ajuste em torno dos labios, de modo que seja inspirado todo o vapor que emana do aparelho, e não ar exterior :

5.º fechar completamente a abertura anterior das fossas nasaes, para não haver por ellas inspiração d'ar :

6.º vigiar o jôgo das valvulas, para que, ficando aberta a expiratoria, senão receba por ella ar :

7.º recommendar ao étherisando que respire sem esforço, e naturalmente :

8.º empregar maior quantidade d'ar a principio para que o ether mais diluido seja melhor tolerado, augmentando depois a proporção do ether quanto se julgar sufficiente :

9.º finalmente, nas operações mui demoradas, usar das inhalações intermitentes (6).

Lisboa 16 de Agosto de 1847.

Antonio Maria de Barbosa,

Alumno da Eschola-Medico-Cirurgica.

PEÇAS OFFICIAES.

Acta da Sessão Solemne Anniversaria de 1847.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas cinco horas e meia da tarde, estando ja presente um grande concurso de Socios e Espectadores, occupou a Mesa o seu respectivo logar, seguindo as etiquetas do estylo; e o Sr. Presidente annunciou a abertura da Sessão Solemne Anniversaria. O mesmo Sr. deu logo a palavra a o 2.º Secretario, Carlos Maria Monteiro Freire, que leu o seguinte Relatorio dos Trabalhos do 12.º Anno da Sociedade.

SENHORES!

Quando esta Sociedade ordenou, no §. 3.º do Artigo 9.º de seu Regimento Interno, que o 2.º Secretario neste dia solemne fizesse um Relatorio circumstanciado, dos trabalhos por ella comprehendidos e executados no anno findo, não teve o frivolo designio

(6) As condições, que dizem respeito ao apparelho; parecem-nos ser perfeitamente bem preenchidas pelo mais moderno e simples apparelho do Sr. *Charriere*, hoje á venda no Laboratorio-pharmaceutico do Sr. *J. M. Barral*.

d'uma simples pompa, de vaidosas ostentações; se assim fôra, antes merecera censura que louvor. Mais elevado porém foi o seu pensamento, mais util o seu fim: memorando os factos preteritos, quiz convidar a outros futuros analogos ou maiores; quiz, trazendo à memoria as experiencias e fadigas dos seus Membros, animal-os á continuação d'ellas; quiz, com a recordação dos seus actos, desinvolver uma nobre emulação, germen fecundo de sublimes feitos; quiz, em fim, a o recapitular a messe querida, solemnisal-a e a seus cultores. Não careço das ficções da poesia, do prestigio da eloquencia, para mostrar a importancia da materia sujeita; vós sancionando-a, de sobejo a conhecestes: mas por isso mesmo que é de tanta magnitude, demandava ella hombros mais possantes, que se encarregassem de vol-a apresentar digna de vós, d'esta Illustre Assembléa. Todavia, cabe-me a mim, pobre de engenho, se bem que rico de vontade, a honra d'essa tarefa; não a recusarei, muitas vezes tenho sido animado pela vossa bondade, ainda uma o serei, pela vossa indulgencia, na convicção de que a merecerei, attenta a sinceridade dos meus desejos — o pequeno óbolo da pobre viuva do Eyangelho, não vos será menos acceto, que o ouro do opulento Israelita.

Começando pela Saúde Publica, não deixam, Senhores, de ser attendiveis os trabalhos de que a Sociedade se occupou; nem era de esperar que um dos principaes fins lhe não merecesse serio cuidado.

Em virtude de proposta do Sr. J. D. Corrêa, a Mesa pôz em discussão = Quaes as falsificações, a

que o pão está sujeito, e os meios de as reconhecer. Sobre a materia ja teem orado largamente o auctor da proposta e o Sr. *H. J. S. Telles*: continuando a discutir-se este interessante objecto.

Occupá-se de estudar um artigo do nosso Consocio, o Sr. *J. M. Bouto* = Reflexões sobre varios remedios, contra os accidentes ou gôtta coral = insertos em o N.º 62 do *Jornal Interesse Publico*, d'este anno.

Egualmente tracta de emittir a sua opinião sobre um artigo do nosso Consocio Correspondente Estrangeiro, o Sr. *D. Francisco Puente*, de Villa Nueva del Fresno, = Febrifugo purpureo, succedaneo do sulphato de quinina.

Approvou, para se publicar no *Jornal*, as observações acerca das virtudes da *artemisia mollis*, pelo Sr. *Miguel Januario Fernandes Branco*, digno Cirurgião da nova Eschola.

Em Pharmacia, tambem são dignos de consideração os objectos a que se dedicou.

Tendo sido consultada acerca d'umas capsulas contendo oleo de copahiva, preparadas pelo nosso distincto Socio, o Sr. *F. B. Santos*, do Porto; a Sociedade, depois de previo estudo e madura discussão, concluiu que as capsulas eram mui bem preparadas, que excediam em perfeição ás que gyram no commercio, com a denominação do Sr. *Mottes*, e que muito se approximavam das que actualmente prepara o nosso Consocio, o Sr. *P. F. Norberto*; e que, finalmente, continuando a preparal-as, era de esperar cheguem á perfeição d'estas. Por mais este serviço prestado á Phar-

macia Portugueza, foram-lhe votados os devidos louvores.

Convidada pelo Sr. *Manuel Caetano Pereira de Sena*, para dar o seu parecer á cêrca d'umas capsulas gelatinosas e glutinosas, contendo não so substancias solidas mas tãobem liquidas, taes como aguas, espiritos e oleos; a Sociedade, pesando diversas considerações, declarou não podêr expender o seu juizo, sem que o Auctor provasse ser Pharmaceutico legal, e prestasse pessoalmente alguns esclarecimentos.

Por proposta do nosso Consocio, o Sr. *H. J. S. Telles*, discutiu a seguinte questão = Até que ponto se pode substituir a cêra pela estearina, na composição das pomadas e unguentos? Este assumpto ha dado logar a interessantes debates, e mesmo á apresentação de differentes preparados com a dicta substituição, os quaes havendo sido submettidos a o exame da Commissão de Pharmacia, foi esta de opinião, ractificada pela Sociedade, que não convêm tal substituição, ja em razão dos preparados não ficarem perfeitamente homogneos, ja por sêrem mui duvidosos seus bons effeitos na therapeutica.

Approvou uma proposta dos nossos Consocios, os Srs. *F. B. Santos*, do Porto, e *J. A. S. Rodrigues Cardoso*, de Mirandella, para que a Sociedade publique, pela imprensa, o maior numero de formulas, e processos pharmaceuticos mais recommendaveis nos diversos Tractados de Pharmacia e Jornaes Estrangeiros; o que com effeito tem tido logar, como se vê em o nosso Jornal.

Approvou, para sêrem publicadas no Jornal, as

formulas da pomada contra a cephalalgia e alcoholado de raiz d'aconito, do xarope contra a tosse convulsa, do Sr. *Trousseau*, apresentados pelo nosso Consocio Correspondente, o Sr. *J. V. Palma*, de Castro-Marim; e dous artigos do nosso Consocio, o Sr. *L. J. Sousa Pereira*, sôbre a purificação do acido azotico, pelo Sr. *Banesvill*, e o meio de conservar e empregar facilmente o nitrato de prata fundido.

Finalmente, approvou a continuação do artigo, do nosso illustre Socio, o Sr. *H. J. S. Telles*, á cêrca das = Breves objecções á opinião da divisão do mercurio na pomada mercurial =; igualmente approvou outro artigo do Sr. *J. V. Palma*, sôbre os principios activos do centeio espigado.

Analysou uma agua pertencente á Ex.^{ma} Sra. *D. Isabel Loureiro Biester*; a qual se pertendia introduzir no Aqueducto das Aguas-Lives.

A pedido do Sr. Dr. *José Maria d'Azevedo*, Juiz do 3.^o Districto Criminal de Lisboa, procedeu a analyse medico-legal, d'uns liquidos extrahidos do cadaver de Maria José, e d'outros igualmente extrahidos do cadaver de José Teixeira, ambos suppostos envenenados; e reconheceu, depois de repetidos ensaios e necessaria discussão, que, nos primeiros, existia = acido arsenioso =, não descobrindo nos segundos substancia alguma toxica, quer organica quer inorganica, que estivesse no caso de prejudicar. N'esta importante questão mui se assignalou a Comissão de Chymica, tornando-se digna dos louvores da Sociedade.

Procedeu a analyse chymica d'um vinho, remetti-

do pelo nosso Consocio, o Sr. *Antonio de Carvalho*; que, submittendo-o á distillação, manifestou um cheiro ammoniacal, que não revelára submittido ás observações.

Depois de se haver exuberantemente discutido = quaes os meios de reconhecer as falsificações do sulphato de quinina = em que mui se distinguiram varios dignos Socios, a Sociedade incumbiu a competente Commissão de proceder a os ensaios. Esta, sempre sollicita no desempenho das suas tarefas, tendo procedido a os precisos ensaios, analysando junctamente os sulphatos que gyram no commercio, reconheceu a desinvolução do cheiro cyan'hydrico, quando se aqueciam, bem como deixavam uma porção de carvão esponjoso, quando submittido á combustão; mas não satisfeita prosegue em seus trabalhos, e para melhor entrar n'este estudo e com certeza poder concluir as suas observações, vae preparar o sulphato de quinina, a fim de o comparar com os que tem ja estudado e submittido ás experiencias. Não devo deixar em silencio a circumstancia de que o cheiro cyan'hydrico, foi observado primeiramente pelo nosso Consocio, o Sr. *P. F. Norberto*, por occasião de se discutir esta materia.

Tãobem a mesma Commissão se acha actualmente incumbida de estudar chymicamente a questão proposta pela Commissão de Pharmacia = qual o estado do mercurio na pomada mercurial =; e se bem os affazeres, que ultimamente a tem sobrecarregado, lhe não hajam permittido resolver tão importante tarefa,

é todavia de esperar que em breve o consiga, attento o zêlo com que sempre desempenha quanto se lhe encarrega.

Com Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, de 22 de Junho de 1847, foi remettida á Sociedade uma amostra de planta que, em Moçambique, denominam = salsa-parrilha = a fim de que, sendo analysada, se possa conhecer, se com effeito merece tal nome; e n'este caso que valor poderá ter em Medicina, e mais usos a que costuma applicar-se. Este trabalho vae ser commettido á Commissão de Chymica, que sem duvida brevemente dará o seu parecer.

A Commissão especial encarregada da Analyse das Aguas-Mineraes do Reino, que, novamente reorganizada, se compõe dos distinctos Socios, os Srs., *J. D. Corrêa*, Director, *A. A. R. d'Oliveira*, *P. F. Norberto*, *L. da Costa*, e *J. J. de S. Tellos*, Vice-Director, prosegue com ardor nos seus penosos e importantes trabalhos; occupando-se actualmente da analyse das tres aguas d'Alcaçarias de Lisboa, denominadas do Duque de Cadaval, do Doutor Fernando, e de D. Clara.

Quando a Commissão observou as propriedades organolepticas, as temperaturas, pressões barometricas, e mais trabalhos topographicos d'estas tres aguas, também colheu a noticia, temperaturas, e outras observações importantes de todas as aguas potaveis e não potaveis das immediações, e que teem uso publico; esperando a Commissão, logo que os trabalhos das

aguas das Alcaçarias estejam mais adeantados, e ainda talvez no presente anno, proceder a os primeiros ensaios chymicos de quatro aguas existentes nos Concelhos de Cintra e Collares; sendo a primeira potavel, da Fonte dos Passarinhos, sita na Quinta da Pena, propriedade de Sua Magestade ElRei O Senhor D. FERNANDO; a segunda igualmente potavel, na Fonte de Santa Eufemia; a terceira ferrea, da Serra do Duque de Cadaval; e a quarta tambem ferrea, da Quinta do Thomasini. Os Membros que compõem esta Commissão, são sobeja garantia do breve e bom desempenho de trabalhos tão interessantes.

Havendo sido recebidos do Sr. *Candido Albino da Silva Pereira e Cunha*, tres exemplares do seu Tractado de Venenos, pedindo que dous fôsem depositados na Bibliotheca, e que sobre o terceiro a Sociedade houvesse de dar o seu voto, nomeou ella, para esse fim, uma Commissão especial, composta dos Srs. *H. J. S. Telles, J. D. Corrêa, e I. Costa*; e em vista do parecer prestado, foi de opinião, que o Tractado em questão era de subido merito, não so por satisfazer a exigencias e preceitos da Sciencia, mas tãobem por ser a primeira obra d'este genero que em Portugal se coordenou, e com que enriqueceu a sua litteratura. A Sociedade, desejando d'algum modo manifestar a o Auctor um testemunho do seu apreço, e possuir em seu seio mais um ornamento, o nomeou seu Membro Honorario.

A Sociedade approvou, para se publicarem no Journal, os seguintes artigos = Meio de destruir as man-

chas da pelle, causadas pela acção do azotato de prata = Analyse chymica da lobelia inflata, pelo Sr. *Reinsch* = Preparação do tartaro estibiado, pelo Sr. *Cardellas*, artigos traduzidos pelo Sr. *H. J. S. Telles* = Reacção dos bi-carbonatos alcalinos sôbre as bases vegetaes, na presença do acido tartarico, pelo Sr. *Oppermann* = Pesquisas chymicas sôbre a cascarrilha, pelo Sr. *Duval*, traducções do Sr. *F. B. Santos*, do Porto = Novo methodo para introduzir no estomago dos animaes, sujeitos ás experiencias toxicologicas, pelo Sr. *J. Tedeschi* = Apparelho para gazar as aguas, pelo Sr. *Briet*, artigo apresentado pelo Sr. *J. J. S. Telles*.

Em Historia Natural, ainda que menos em numero, são todavia de interesse os objectos de que a Sociedade se occupou.

Em virtude d'uma proposta do nosso Consocio, o Sr. *J. P. Azevedo*, estudou botanicamente uma planta vulgarmente denominada = Herva das Sezões = a qual reconheceu ser a *artemisia mollis*.

Classificou uma porção de minerios, que se acham collocados no gabinete respectivo.

Estudou os caracteres botanicos da planta remetida pelo Ministerio da Marinha e Ultramar, com a denominação de = salsa-parrilha = a qual sendo devidamente examinada pela Commissão competente, se reconheceu ser uma das variedades dos *smilax*.

Approvou, para ser publicado no Jornal, o interessante artigo traduzido pelo nosso Consocio, o Sr. *P.*

F. Norberto = Relatorio sôbre a cultura e introdução do chá em França, pelo Sr. *Richard*.

Sôbre proposta do Sr. *J. Tedeschi*, em que fazia o seguinte quisito = Pode, pelas Leis do Reino, o mesmo individuo exercer cumulativamente a Medicina, Cirurgia e Pharmacia, e ter Botica aberta? = ouviu a Commissão de Direito-Pharmaceutico, a qual foi de parecer, que a Sociedade approvou, que pelas leis vigentes era absolutamente prohibido tal exercicio.

Havendo-se suscitado varias duvidas sôbre a interpretação d'alguns artigos do Regimento, foi ouvida, sob proposta do Sr. *H. J. S. Telles*, a Commissão de Direito-Pharmaceutico, que satisfatoriamente illucidou a materia.

Approvou, para ser publicado no Jornal, um artigo traduzido pelo Sr. *P. F. Norberto*, sôbre = Abo- lição do soffrimento nas operações cirurgicas; e bem assim as observações feitas no Hospital de S. José, sôbre a inalação do ether sulphurico, pelo Sr. *Antonio Maria Barbosa*, distincto Alumno da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Com o fim de apresentar um Programma sôbre questões scientificas, a os Amadores da Sciencia, a Sociedade nomeou uma Commissão *ad hoc*, composta dos Srs., *H. J. S. Telles*, *Vicente Tedeschi*, e *J. J. S. Telles*; e tendo esta emittido o seu parecer, em forma de projecto de programma, foi discutido e approvedo.

Mui relevantes são os serviços que a Sociedade tem recebido dos seus Funcionarios, no exercicio de suas

atribuições, merecendo especial menção os Srs., The-
soureiro, Bibliothecario-Archivista, 1.º Operador, e
bem assim os Directores das Commissões de Pharma-
cia, Chymica, Historia-Natural, e Direito-Pharma-
ceutico; não se tornando menos dignos de recommen-
dação e louvor os seus Delegados nas differentes Co-
marcas do Reino e Possessões Ultramarinas.

Não posso deixar de vos fazer especial recommen-
dação dos importantissimos serviços que a Comissão
de Redacção tem prestado á Sociedade; ja na esco-
lha e nitidez das materias que fez inserir no Jornal,
ja na sua prompta e regular publicação: dizer que é
seu Director o Sr. *H. J. de S. Telles*, é dizer-vos tudo.

A Sociedade continúa a receber provas de estima
e consideração de nossos AUGUSTOS PROTECTORES como
tambem do seu Illustrado Governo e de mais Auctori-
dades, folgando muito de poder declarar-vos que, pe-
la Portaria do Ministerio do Reino de 22 de Junho
d'este anno, foi SUA Magestade Servida Conceder á
Sociedade o primeiro pavimento do Edificio do extin-
cto Recolhimento da Mouraria, o Quintal, e a Casa
que servia de Ermida, a fim de collocar ahí a Bi-
bliotheca, Gabinetes, Laboratorio e Sala para as suas
Sessões. Por esta valiosa Graça, que a Sociedade te-
ve a honra de respeitosamente agradecer, se paten-
teia quanto a Mesma Excelsa SENHORA se Interessa
pelo progresso da Classe Pharmaceutica.

Egual acolhimento e consideração tem a Sociedade
recebido das Corporações Scientificas, quer Nacionaes
quer Estrangeiras, e nomeadamente da Sociedade Au-

xiliadora da Industria Nacional do Rio de Janeiro, com quem novamente entabolou relações.

O Quadro da Sociedade é o seguinte: dous Pro-
tectores, sete Socios Benemeritos, sessenta e sete
Honorarios, oitenta e tres Effectivos, cento setenta
e tres Correspondentes Nacionaes, sete Corresponden-
tes Estrangeiros; total trezentos e trinta e nove.

Para cada uma das Classes de Benemeritos, Hono-
rarios, Effectivos, e Correspondentes Nacionaes, foi
admittido um Socio. Pediram a sua dimissão quatro
Socios Effectivos, dous Correspondentes Nacionaes. A
Sociedade lamenta, com profundo sentimento, a mor-
te do Ex.^{mo} Conselheiro *Mousinho de Albuquerque*,
Membro Honorario; a dos Srs., *Antonio José Nogueira*
e *Vicente Moreira Marques*, Membros Effectivos; *Ma-
nuel Alves Ribeiro de Faria*, Correspondente Nacional,
na Ilha Terceira: e se bem que todos a cobrem de
luto, a enchem de saudade, um ha cuja prematura
morte e especialidade de suas circumstancias lhe fa-
zem, se é possível, mais intensa e sentida a sua dôr.
Consenti, Srs., que tãobem comvosco eu desfolhe al-
gumas flôres sôbre a gelada campã do Illustre Conse-
lheiro, enrame sua lousa de lugubre cypreste, tribu-
te á memoria d'este homem grande o testemunho sin-
cero da minha saudade, da minha magoa, do meu
respeito, da minha admiração. Sim, do preclaro varão
resta apenas o nome, mas um nome respeitavel, um
nome caro, um nome saudoso; para elle apontou o
mirrado dedo da morte, e inexoravel roubou a um
tempo, á Patria um Cidadão conspicuo, ás Sciencias

um cultor insigne, a esta Sociedade um dos seus mais brilhantes ornamentos e seguro patrono!

A Receita da Sociedade n'este anno foi de 449\$820 réis, a Despesa 444\$490 réis, havendo um saldo para o 13.º anno de 5\$330 réis.

O Quadro actual do Monte-Pio consta de noventa e seis Socios, sendo vinte e nove Effectivos e sessenta e sete Correspondentes. Pediram a sua dimissão, um Membro Effectivo; falleceram dous Effectivos e um Correspondente.

Os fundos do Monte-Pio são 1:200\$000 réis em Inscripções de cinco por cento: a Receita foi de 117\$633 réis, e a Despesa 49\$235 réis, havendo um saldo para o anno seguinte de 68\$398 réis. A Pensionista, a Sr.^a D. *Balbina Rosa Pereira*, Viuva do nosso ex-Presidente, continúa a ser regularmente soccorrida.

Tal é o ameno campo que cultivastes, os fructos que colhestes. Muitos mais e melhores houvereis recolhido, se o anno, correndo menos borrascoso, vos não embargára vossos desejos; mas resta-vos a consciencia de que, para os cumprirdes, empenhastes todas as vossas forças — não sereis taxados de agricultores negligentes. Proseguí pois, Senhores, em vossos trabalhos com a mesma diligencia e esmero; manter entre vós a mais intima e cordeal união, que é o miraculoso segredo das grandes acções; penetrae-vos profundamente de vossos deveres, da alta missão a que sois destinados; e d'este modo tereis consolidado uma Sociedade, cujo alvo é o melhoramento da Classe, o progresso da Sciencia, a saúde e vida dos Homens. — Disse.

Concluido o Relatorio, deu o Sr. Presidente a palavra a o Sr. 1.º Secretario, que leu o Programma sobre Questões Scientificas — a Lista dos Doadores, e dos Objectos Doados — e o Resumo do Quadro Actual da Sociedade, com as alterações occorridas no Anno findo; — tudo como se segue:

PROGRAMMA.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do disposto no § 8.º do art. 27.º dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar a os amadores das Sciencias o seguinte Programma.

PARA O ANNO DE 1847 A 1848.

Primeira Questão.

A descripção, e classificação botanica, e a analyse Chymica, d'uma planta indigena, actualmente em uso na Medicina popular, e ainda não mencionada nos livros da Sciencia.

Segunda Questão.

Demonstrar, se nas Aguas aromaticas, a essencia se mucilagínifica? Se ha nellas formação de Cyano-geno? Se a qualquer daquellas circumstancias, se deve attribuir a sua alteração? Como existe n'ellas o acido acetico?

Terceira Questão.

Causas efficientes da influencia da luz, sobre os corpos organicos, e diversos preparados Chymico-Phar-

maceuticos? Natureza da sua acção, e meios de a destruir, ou modificar.

Quarta Questão.

Meio d'obstar, ou prevenir, a facil decomposição do acido Cyan'hydrico; isto provado por experiencias.

Quinta Questão.

Enumeração, e Classificação zoologica dos animaes que habitam qualquer das nossas Provincias, que não estejam ainda classificados.

PARA O ANNO DE 1849.

Uma Pharmacopéa pratica, verdadeiramente Portugueza, que represente o estado actual da Sciencia.

CONDIÇÕES.

(vide Tom. 3.º pag. 441).

RELAÇÃO DOS DOADORES, E DOS OBJECTOS DOADOS, DURANTE O UNDECIMO ANNO DA SOCIEDADE.

Da Assembléa Geral dos Facultativos Militares; o seu Jornal, n.ºs 43 a 45, e Supplemento.

Da Associação Maritima e Colonial; a continuação dos seus Annaes, n.º 12 da 5.ª Serie, e os n.ºs 1 a 3 da 6.ª

Da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional do Rio de Janeiro; o seu Jornal, n.ºs 1 a 10.

Da Sociedade Promotora da Industria Nacional; os Cadernos n.ºs 42 a 44 da 2.ª Serie.

Da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa; o seu Jornal dos mezes de Março a Julho de 1846.

Da Redacção da Gazeta Medica do Porto; a sua Gazeta, n.ºs 136 a 141.

Da Redacção do = Pharmaceutical Journal = de Londres; 5 Volumes do seu Jornal, de 1841 a 1845 inclusivé.

Da Redacção do Jornal, O Puritano; as suas folhas, n.º 1 a 16.

Do Sr. Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira; Uma porção de Sulphato de Quinina, para ser ensaiado.

Do Sr. Antonio de Jesus Maria da Costa; Jornal o Povo, n.ºs 5 a 43.

Do Sr. Antonio Joaquim d'Almeida; uma Balança para a Commissão de Chymica.

Do Sr. Antonio Teixeira de Macedo Pinto, de Bragança; o Farol Transmontano, n.ºs 8 a 9.

Do Sr. Candido Albino da Silva Pereira e Cunha; 3 Exemplares do seu Tractado de Venenos.

Do Sr. D. Francisco Puente, d'Oliveira, = Hespanha = Recopilacion de los Descubrimientos y progressos de las Sciencias Medicas y sus auxiliares en todo el Mundo civilizado.

D'Henrique José de Sousa Telles; Uma porção d'objectos d'Archiologia, importados do Convento da Batalha, bem como alguns objectos de minera-logia, do logar da Mira, e Serra da Estrella. Analyse Chymica da Agua das Caldas da Rainha, por Guilherme Wethering. 1 Pasta para a Commissão d'Histo-

ria Natural. Um pouco de Sulphato de Chumbo, com matriz Quartzosa. Mineraes de ferro da Serra Diamantina da Bahia. Um pouco de Sulphato de Quina para ser analysado. Pomologia Portugueza.

Dos Srs. Izidoro da Costa Asevedo, José Alexandre Rodrigues, José Maria Barral, e Pedro Ferreira Norberto; O Jornal de Pharmacia e Chymica de Paris, pertencente ao anno de 1845.

Do Sr. João Ferreira da Silva e Oliveira, do Porto; Lições de Physiologia, 1 Vol. em 8.^o Francez.

Do Sr. João José de Sousa Telles; 3 Exemplares da sua Obra = *Visitas ao Horto Botanico da Eschola Medico-Cyurgica de Lisboa.* = Uma porção de varetas de vidro; um rôlo para Toalha. Dezeseis preparados Chymicos para o Gabinete da Commissão de Chymica.

Do Sr. José Dionysio Corrêa; Um Mappa com a relação dos productos Chymicos manufacturados nos annos de 1827 a 1829, no Laboratorio da Margueira. Relatorio e contas da gerencia Administrativa do Hospital de S. José, relativos aos annos economicos findos em 1844 a 1846. Diario do G. de 11 de Dezembro de 1846.

Do Sr. José Pereira d'Asevedo; Um Alambique de Folha, um Cadinho de grez, uma porção de Sulphato de Quina para ser analysado.

Do Sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, de Mirandella; Um Folheto intitulado = *Ao Povo sobre as Aguas Sulphurosas de Corraes, Aguas Santas &c. da Fonte de Nossa Senhora.*

Do Sr. Manuel Bernardes, Morgado da Regaleira;
Biographia do Abbade Corrêa.

» do Padre Loureiro.

» do Dr. Brotero.

Do Sr. Manuel Francisco Peixoto, do Rio de Janeiro; Dous Exemplares da = Memoria sobre o estado actual das Instituições medicas de França, Prussia, e Grã-Bertanha. = Disertation sur les Inhumations em Général &c.

Considerações geraes sobre a Abelha (Theze).

» » sobre o calorico (Theze).

» » sobre o estupro (Theze).

Archivo Medico Brasileiro, 6 n.^o

Do Sr. Pedro Ferreira Norberto; Um vidro com Azeite sem côr, cheiro, ou sabor, para o Gabinete. = Uma porção de Sulphato de Quinina para ser analysado.

Do Sr. Vicente Tedeschi, Uma moldura, com o seu competente vidro, para os Balanços annuaes do Monte-Pio.

Resumo do Quadro Actual da Sociedade, com as alterações occorridas n'este anno.

da Ordem dos Farmacêuticos

PROTECTORES.

SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA D. MARIA II., RAINHA DE PORTUGAL.

SUA Magestade EL-REI, O SENHOR D. FERNANDO II.

FORAM ADMITTIDOS PARA SOCIOS NA CLASSE DE

Benemeritos.

O SENHOR :

José Silverio Rodrigues Cardoso *Mirandella.**Honorarios.*

O SENHOR :

Candido Albino da Silva Pereira e Cunha . . . *Lisboa.**Effectivos.*

O SENHOR :

Joaquim Ferreira Norberto *Idem.**Correspondentes Nacionaes.*

O SENHOR :

José Baptista Pereira *Porto.*

PEDIRAM A SUA DIMISSÃO.

Effectivos.

Os SENHORES :

Antonio José Condeixa *Lisboa.*Francisco Mendes Cardoso Leal Junior *Idem.*João Manuel Lopes Belem *Idem.*

FALLEGERAM.

*Honorario.*O EX.^{mo} SENHOR :Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque *Lisboa.*

Effectivos.

Os SENHORES :

Antonio José Nogueira..... Lisboa.
Vicente Moreira Marques..... Idem.

Correspondentes Nacionaes.

O SENHOR :

M.^{el} Alvés Ribeiro de Faria... Angra do Heroismo.

Ficam existindo.

Protectores.	2
Benemeritos.....	7
Honorarios.....	67
Effectivos.....	84
Correspondentes Nacionaes.....	173
Ditos Estrangeiros.....	7
<hr/>	
Total	340

MONTE-PIO PHARMACEUTICO.

DESPEDIRAM-SE.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Effectivos.

O SENHOR :

Antonio José Condeixa..... Lisboa.

FALLECERAM.

Effectivos.

Os SENHORES :

Antonio José Nogueira..... Idem.
Vicente Moreira Marques..... Idem.

Correspondentes Nacionaes.

O SENHOR:

Man.^{el} Alves Ribeiro de Faria.. *Angra do Heroismo.**Ficam Existindo.*

Effectivos..... 29

Correspondentes Nacionaes... 67

Total 96

Terminando o Sr. 1.^o Secretario, leu o Sr. Presidente o seguinte**DISCURSO.**

SENHORES!

Quão encontradas são, n'este momento, as sensações que me abalam! d'um lado, a ardua e difficil tarefa que hoje me toca, d'outro, a minha insufficiencia para o seu desempenho; e com tão justos motivos, haveria sem duvida declinado tamanha honra, que posso afirmar-vos nunca ambicionei, se não julgasse um pouco indecoroso, não ja para a minha humilde pessoa, mas para esta Illustre Sociedade, subtrahir-me a um dever que a lei, no impedimento do nosso digno Presidente, devolve a o seu immediato. É pois somente, movido por tão poderoso incentivo, não menos que contando com aquella benevolencia, com que por vezes tendes escutado minha debil voz, que passo a desempenhar-me d'aquella obrigação; e se, a o commetter empreza tão superior ás minhas fôrças, não conseguir sustentar aquelle subido nome, gran-

geado para esta preclara e utilissima Corporação, pelos recommendaveis Varões que, por onze annos, teem occupado esta cadeira, procurarei, a o menos, não o deslustrar — n'este empenho, Senhores, poderá trahir-me o intendimento, nunca a vontade.

Corria o anno de 1835, melancolica, afflictiva era ainda a situação da Pharmacia Portugueza! desprezada e como orphã arrastava uma vida mesquinha e degradante; ninguem a diria irmã da Medicina e da Cirurgia ambas trajando galas; seus pobres andrাজos a denunciavam escrava d'ellas — sim, a o mister d'escrava iniquamente a haviam condemnado! Fatalidade! horror! E que assim se baratêe, sem remorsos, a joia mais preciosa — a saúde não d'um homem, não d'um paiz, mas da Humanidade inteira! Lancemos denso véo sobre o repugnante quadro, ainda que ligeiramente esboçado! Mas não desesperemos, Senhores, da nossa causa; a injustiça tãobem tem limites, tãobem algumas vezes triumpho a razão: pode, por momentos, sua voz ser suffocada, mas esta repressão, longe de lhe diminuir a força, lh'a vae augmentando, para depois se ostentar mais energica, possante e vigorosa. E de facto assim succedeu.

Alguns Pharmaceuticos Lisbonenses, em cujos corações ardia a chamma do mais vivo e puro amor pela Profissão que cultivam e idolatram, allumiados pela fé de sua justiça, animados pela esperança nos seus esforços, e fortes com a consciencia dos seus direitos, conceberam o generoso e sublime pensamento de hastear a bandeira da emancipação da sua Faculdade;

e, reunindo-se na Botica do Hospital de S. José de Lisboa, no Dia 24 de Julho de 1835, la formam o nucleo d'esta brilhante Sociedade.

Falta-lhe a eloquencia dos Ciceros, o pincel dos Raphaelis, mas não fallecem a o vosso collega, a o vosso amigo, as inspirações sinceras do seu coração, a fiel expressão de sua alma; para que, cheio da mais indizível emoção, tribute (n'este momento solemne, em que pela primeira vez n'este dia festivo lhe é permittido fallar-vos d'esta cadeira) seus pobres encomios, testemunhe seu humilde reconhecimento, engrinalde fulgente aureola, cinja, em fim, d'immarrcesciveis louros, a radiosa fronte de nossos Beneméritos Instituidores. Se a minha bôa estrella quiz, que eu tãobem, movido do vehemente desejo de quebrar os pesados, injustos e barbaros grillhões, que tanto havia roxeavam os pulsos de nossa cara Profissão, ajudasse a lançar aquelle primeiro fundamento da independencia que lhe era devida — a desenrolar o pendão que symbolisava a nossa regeneração pharmaceutica; não será amedrontado, por este embora ponderoso motivo, que esquecerei uma obrigação, que deixarei em aberto uma divida, inquestionavelmente sagrada para todos os Pharmaceuticos Lusitanos: poderá talvez a modestia, por delicada, offender-se; mas confio que essa virtude sem equal — a gratidão — por justa me relevará. Entremos no assumpto.

Se observamos a Pharmacia Portugueza, e comparamos o seu estado presente com o que era em 1835, ainda a vista menos aguda não deixará de no-

tar a distancia, que separa estes dous termos. E' certo que o progresso da nossa civilisação, a forma de nossa existencia social, e algumas outras causas, hão contribuido para aquelle resultado; mas não receiarei um desmentido, affirmando que o principal, mais activo e efficaz impulso tem, sem duvida, partido d'esta Sociedade: competente não so para avaliar as necessidades da sua Faculdade, mas tãobem para conhecer os meios d'as remediar; igualmente conscia de sua alta missão, e solícita de seus deveres, não ha poupado fadigas nem evitado despesas, tem em summa empenhado todas as suas forças para chegar a o desejado fim. Creio, Senhores, se lhe fará a justiça de que, n'este seu lidar, não predomina o interesse pessoal; mais elevado é o seu pensamento, mais sublime o seu designio: é, sobre tudo, o progresso da Sciencia, e com elle o bem da Humanidade inferma, que move sua vontade, que dirige suas vistas, que anima seus trabalhos.

Algum caminho temos feito, alguns melhoramentos hemos conseguido; porém ainda estamos longe, não so do pósto que nos compete, mas ainda do lugar em que se acham nossos Irmãos em differentes Paizes, que por isso ja são respeitados, como cumpre, ja gozam do nome que lhes pertence, ja se proporcionam os bens que lhes são devidos, ja, em fim, promettem á Sciencia o futuro que lhe está destinado, á Humanidade os beneficios que d'elles tem direito a esperar. A os Portuguezes nunca faltou coração para sentir, alma para querer, capacidade para con-

ceber, ingenho para produzir, perseverança para alcançar; o nosso solo, quando cultivado, também cria mimosos fructos, que, aquecidos pelo Ceo risonho e benigno que nos cobre, muitas vezes teem hombreado com estranhos, algumas os hão excedido: e se hoje, causas alheias a nós, que não falta de talento, e mesmo talento original, nos reduziram a imitadores, sejamo-lo a o menos, e não nos desprezemos de, por em quanto, representar esse papel — todos começam pela imitação; e um dia virá, Senhores, a minha fé m'o presagia, que chegaremos a ser modelo. Muito importa todavia reflectir, que aquelle lisongeiro presente, este tão esperançoso porvir, tudo se cifra no miraculoso segredo — *o amor do dever*.

E com effeito, tendo o homem nascido para a virtude, jamais poderá resistir a seus encantos sem violentar a propria natureza, que com voz igualmente forte e tocante, nos dicta nosso dever: a razão n'elle reconhece essas preciosas leis da natureza, que são menos leis que sentimentos, menos preceitos que nos forçam que luzes que nos dirigem, menos titulos de servidão que cimento de grandeza; ella acha no dever os germens da felicidade publica, o laço da Sociedade, o freio do vicio, a regra dos bons costumes, a origem do merito, as mais bellas feições que nos distinguem da multidão dos outros animaes; em uma palavra, o dever não é outra cousa mais que o exercicio da virtude. Vós nada sois; comparadas com o dever, brilhantes chimeras da fortuna, doçuras sedutoras dos prazeres, fastuoso apparatus das honras; a

virtude, infinitamente mais elevada que essa grandeza ficticia que nasce da opinião dos homens, deve excitar em nós sentimentos mais generosos, produzir acções mais heroicas. O homem, chamado pelo dever, vòa a empregar trabalhos immensos, cujo fructo inteiramente colherá a Sociedade, e cuja recompensa será talvez perseguição da inveja e ingratição, caminho ruinoso para a fortuna, terrivel para o amor proprio, mas a consciencia lh'o ordena; e se esta dedicação mostra que a patria, a justiça, a amisade, a humanidade, são, para as almas pequenas, para os maus, apenas nomes vãos, despreziveis ficções — para as almas nobres e voladas a o dever, são objectos a que tudo pospõem.

Virtude sublime, quão característicos e assombrosos são vossos effeitos?! Alexandre busca inimigos nos confins do Universo, para ornar seu carro com os despojos sangrentos d'elles; Socrates faz inimigos irreconciliaveis em sua patria, para sustentar os direitos da innocencia, para estabelecer o reinado da virtude: aquelle, arranca-se a os prazeres e a o descanso, precipita-se nes perigos, nutre-se da carnagem, e so pretende espalhar o ruído do seu nome pelas provincias assoladas que o detestam; este, renuncia o sabio repouso da philosophia, toma o capacete e a espada, faz-se soldado para defender a republica, acommette um exercito triumphante, e offerece a seus concidadãos, vencidos ja e aterrados, tão estupendos exemplos de coragem, como até então lhes havia dado de moderação e sabedoria: Alexandre, arde em

desejos de avassallar o mundo; Socrates, trabalha para o tornar feliz: um, faz-se admirar por suas façanhas e aborrecer por suas emprezas; outro, sempre justo em sua conducta, nunca é mais admiravel que em suas desgraças: em fim, Alexandre, filho ingrato e invejoso, mancha ainda as suas melhores acções, querendo eclipsar as de seu pae; Socrates, corôa as suas pelo amor da sua ingrata patria, e morre fazendo o elogio da virtude, da qual é gloriosa victima. Em resumo, uma grande alma profundamente consagrada a o dever, eis o verdadeiro heroe de todos os tempos. As trevas ou a luz, o esquecimento ou a celebridade; o louvor ou a censura, nada de tudo isto forma o merito de seus actos, o decide a practical-os, lhe sustenta a extremada constancia, no meio das mais difficeis e rudes provanças, a despeito de toda a casta d'embarços: é sim e tão somente o amor do dever, a o qual muitas vezes até sacrifica a deslumbrante gloria. Oh vós, em quem essa custosa e eminente virtude se ostentou em todo o seu brilho, Aristides, Phocion, Catão, Bruto, Antonino, grandes nomes e ainda maiores almas; eu vos saúdo, e submisso vos contemplo!

Certo estou, pois bem conheço, que tendo vós invariavelmente por dogma a immortal sentença de Cicero = « *Mea mihi conscientia pluris est, quam omnium sermo* » = jamais sabereis faltar a vós mesmos, á util Profissão que abraçastes, á Ssiencia que cultivaes, e á Humanidade inferma que protegeis; certo estou, Senhores, e tão certo, quando pelo passado

conjecturo o futuro, que conceber o contrario seria recusar o testemunho de nossos olhos, esquecer vossas fadigas, não vêr vossos trabalhos, assaz conhecidos e sentidos: se fallo em deveres, mais é para vos arraigar no seu amor, ou antes para vos louvar por essa virtude. Entre tanto, alguns objectos ha, instantes e todavia dependentes, por assim dizer, d'acção estranha, sôbre que consentireis chame vossa attenção: refiro-me a algumas medidas que temos solicitado e ainda não obtido dos Podêres do Estado; d'ellas, umas dizem respeito á Saúde Publica, outras á Instrução Pharmaceutica — apontal-as-hei por esta ordem.

Tenho por superfluo entreter-vos com demonstrar o absurdo da exigencia do pagamento de licenças de abertura e visitas ás Boticas; por que estando ellas mais que gravadas nas Cartas, passadas pelas Escolas do Reino, similhante facto importaria um ataque á dignidade pharmaceutica, seria menosprezar a competencia dos verdadeiros Juizes, e pôr em duvida a capacidade dos que possuem similhantes Diplomas: quanto ás visitas, façam-se embora, pretendemo-lo mesmo, mas gratuitamente, a o menos para os Pharmaceuticos; assim o intendeu o Decreto de 3 de Janeiro de 1837, de novo mandado vigorar provisoriamente pelo de 21 de Maio do anno proximo-preterito, quando sabiamente proveu a estes dous pontos: obvios e solidos são os seus fundamentos, evidente é a justiça de suas disposições, mas convém ponderar que, não passando ellas de temporarias, se torna indispensavel conseguil-as definitivas.

As Sciencias Medicas, essa Sciencia da Natureza, esse mar immenso, onde nadam os factos dispersos e difficeis d'alcançar (permitta-se-me a phrase), teem pôsto contribuição a todas as Sciencias, enriquecido-se de suas descobertas, apoiado-se nos seus meios, e confundido sua historia com a de toda a civilisação: d'aqui facilmente se concebe, que boa parte dos conhecimentos humanos, uns lhes servem de preparatorios, outros d'accessorios, e, em fim, outros fazem propriamente o seu objecto.

Ninguem contestará a conveniencia de sêrem communs, a os tres ramos da Arte de Curar, os respectivos conhecimentos preparatorios e accessorios, pois que elles formam, por assim me explicar, o tronco d'onde teem de brotar aquelles ramos; entre tanto a Pharmacia Portugueza, com pezar o digo, não ha seguido, n'estes estudos, uma linha parallela á de suas irmãs, dentro e fora de Portugal; e se bem que, pelos Decretos de 29 de Dezembro de 1836 e 20 de Setembro de 1844, algumas concessões temos obtido, é todavia mais que urgente, que a o menos á instrucção alli determinada, se addicionem as disciplinas que faz o Curso da 5.^a Cadeira dos Lycêos Nacionaes: a justiça o exige, o exemplo dos Paizes cultos o auctorisa. Se tão importante e necessaria devemos reputar a instrucção, a que a cima alludimos e tãobem indicámos, de quanta magnitude, quão indispensavel será aquella que precisamente forma o Pharmaceutico, que constitue a Pharmacia, e é do seu exclusivo Fôro? Bem quizera eu, n'este dia ju-

biloso, n'este dia de tão gratas recordações, não enlutar vosso coração, não perturbar vossa alegria, desfolhar sôbre vós antes risonhas boninas, que o melancolico myrtho; mas fôrça é trazer-vos á memoria, que o Aspirante a Pharmaceutico Portuguez não tem um Curso precisamente seu, que ainda lhe falta uma Aula Especial, onde possa inteira e convenientemente receber o pão do espirito — o competente ensino — onde legalmente possa dar, além das provas annuaes, a prova geral, fazer o *Acto grande*, que não é uma simples formalidade, mas um quasi chrysol, que o mostrará sim ou não habilitado, para desempenhar a alta missão que se propõe, para lhe ser conferido o honroso Titulo de Pharmaceutico. Agora so accrescentarei, que a razão pede, o interêsse da Sciencia e do Publico reclama, a prompta cessação de tão fatal deficiencia.

Desculpae, Senhores, se insisti sôbre assumptos ja recommendados d'este logar, habil e amplamente desinvolvidos em vossas Representações; porém, a importancia e magnitude d'elles, a necessidade e urgencia de os resolver, me anima a rogar-vos, não obstante a convicção que nutro do vosso amor a o dever, que não descoroçoeis em meio da lide, antes confiados na justiça da vossa causa renoveis, uma e muitas vezes, vossos requerimentos a quem compete deferil-os; pois que, a final, vossos esforços e constancia, eu o espero, serão coroados do mais cabal e feliz resultado.

Esta esperanza não é infundada, por que tem por

base a razão, por motivo a utilidade publica ; por que as vossas supplicas são filhas da reflexão, são o resultado de madura e sisuda discussão, são, n'uma palavra, os fructos de aturado e aproveitado estudo sobre os meios de promover a Sciencia, de assegurar a Saúde Publica, de buscar a Gloria Nacional. Um facto, se demais factos carecessemos, um facto repito, que acaba quasi simultaneamente de ter logar em duas illustradas Nações, uma das quaes marcha á frente da civilisação do Mundo, de sobejo mostra tão lisongeira e inconcussa verdade.

Ufanemo-nos, Senhores, enchamo-nos d'um nobre orgulho, repassemo-nos da mais intensa, mais grata e louvavel alegria! As disposições do Projecto, ainda não attendido, á cerca da organização das Juntas de Saúde nos Districtos Administrativos do Reino, que em Representações de 14 de Junho de 1836 e 27 de Dezembro de 1842 offereceste á consideração do Govêrno e das Côrtes, fôram adoptadas na França pela Lei de 15 de Fevereiro ultimo, e na Hespanha pela de 17 de Março immediato; n'aquella com a criação de Conselhos Medicos nos Departamentos, compostos de Medicos e Pharmaceuticos, e n'esta com a instituição de Juntas Provinciales de Saúde, comprehendendo Medicos, Cirurgiões, e Pharmaceuticos! E por esta occasião tomarei a liberdade de submeter á vossa consideração, que devendo a Junta de Saúde d'este Districto, conforme o alludido Projecto, ter a sua séde na Capital, e por consequencia com muitos mais e melhores meios á sua disposição para

resolver differentes casos, e nomeadamente os de Medicina e Chymica legal; intendia eu, que o dicto Projecto poderia modificar-se, ou desempenhando o Conselho de Saúde Publica as funcções de Tribunal de Segunda Instancia, para consultar ou mesmo decidir as questões duvidosas e deliberações havidas nas Juntas de Saúde, ou cumulativamente estas attribuições e as de Junta de Saúde do precitado Districto Administrativo de Lisboa.

Cumprida, segundo coube em minhas forças, a determinação do §. 9.º do Art.º 6.º do Regimento Interno que rege esta Sociedade, urge que sem mais demora me desobrigue do preceito imposto pelo § 2.º do Art.º 150.º, occupando-me do Monte-Pio Pharmaceutico.

Feliz e sublime coincidência! Como Pharmaceuticos contribuimos para conservar a saúde dos homens, como associados do Monte-Pio cooperamos para salvar o homem das garras da indigencia! N'uma das mãos com a Sciencia, n'outra com a caridade, nosso mister é enxugar as lagrimas da Humanidade! Preza de terrivel doença, quasi transpondo os umbraes da eternidade, jaz no leito de dôr o Monarcha querido, o Juiz recto, o bondoso Pae de familia; alli enega o Pharmaceutico, e, por efficacia do seu ministerio, ajuda a trazer á vida uma vida que ja se pranteava! Ainda em lagrimas e saudosa, lamenta a desolada esposa sua viuvez, choram os tristes orphãosinhos a separação eterna do auctor de seus dias, e todos, luctando com a miseria, invocam mão caridosa! eis

se lhes estende — é o Associado do Monte-Pio, que leva á contristada familia de seu finado Irmão, o fructo do deposito que em vida fizera; leva-lhes o conforto do espirito, pão para matar a fome, roupa para cobrir a nudez, meios para provêr á educação! Feliz repito e mil vezes sublime coincidência! No Pharmaceutico, associado do Monte-Pio, personifica-se a philantropia philosophica, a caridade christã — o amor dos homens: prepara, no Laboratorio, o medicamento da enfermidade, no Estabelecimento, que a sua piedade fundara, o remedio da penuria!

A bella e bonissima Instituição, cujo objecto ora nos occupa, é, sem duvida, uma das mais vantajosas da moderna civilisação; nenhuma ha que melhor preencha o sancto fim que se propoz. Os homens, sahindo deseguaes da mão da natureza, sendo uns mais que outros dotados d'intelligencia, d'industria, d'energia, e até de vontade; esta desigualdade trouxe inevitavelmente o desequilibrio dos bens da fortuna — d'aqui veio, a uns, a herança dos gozos, a outros, a do trabalho. Mas as forças gastam-se, a idade avança, as molestias impossibilitam, e, a final, anniquilam o homem: então, aquelle que vive do seu braço, acha-se d'improviso sem recursos, quando d'elles mais carecia, ainda para occorrer ás suas mais urgentes precisões, e desaparece da terra legando saudade apenas, e indigencia.

Ora todos convirão, em que a maior parte das classes, propriamente laboriosas, soffrem terrivelmente; e este mal, por ventura immediatã sequencia do ex-

traordinario e rapido desinvolvimento da industria, e outras causas accidentaes, não poupa a nossa Profissão, aliás comprada á custa de tantas vigílias, de amargos desgostos, e enorme dispendio: sendo raro que, os Levitas do Culto Pharmaceutico, possam obter em vida uma sustentação decente e honesta, e ainda mais raro o testarem, á sua descendencia, outra cousa além d'um nome glorioso e honrado.

Que Pharmaceutico haverá ahí expectador, victima talvez da improductiva Faculdade que professa, que, de braços cruzados, aguarde a dura sorte que o espera e facilmente se antolha, que, surdo á voz da natureza, da consciencia, da razão, e da propria conveniencia, regeite, não busque ardentemente os meios que se lhe offerecem para conjurar a tempestade? Se existisse, bem poderia comparar-se áquelle que, no meio do Oceano, arrojado pela tormenta ás espumosas vagas que o vão engolir, olhasse e repellisse a mão que bemfeitora se lhe estendia: ah, Senhores, não o creio, antes confiadamente espero que todos, a quem a lei d'esta Sociedade o permite, á porfia e gostosamente alluitão a inscrever-se como Socios do Monte-Pio Pharmaceutico; o sacrificio do pequeno obolo que depositarem, se transformará em avultado e productivo capital, cujos juros um dia virá, talvez mais breve que se pense, lhes farão gostar e bemdizer os fructos saborosos e reaes de tão pia e sancta Instituição.

E' tempo de concluir, as forças, trahindo-me mais e mais, ainda a despeito d'uma vontade deliberada,

conspiram fortemente para me tornar monotono, arido, e por ventura fastidioso; mas consenti, Senhores, que, obedecendo a os impulsos do meu coração, primeiro satisfaça a um dever que tenho por sagrado, dando, n'este solemnisimo acto, uma publica demonstração de agradecimento a todos os Senhores Funcionarios d'esta Sociedade, a todas as Commisões Permanentes e Especiaes, e, finalmente, a todos os Senhores Delegados e Sub-Delegados, pela grande dedicação e perseverança que sempre hão patenteado nos trabalhos litterarios e economicos; proporcionando assim dias de gloria, á Classe, á Sociedade respectiva, e á Sciencia: e se bem que todos sejam dignos de sinceros louvores e justa consideração, um ha que não posso abster-me de particularisar; tracto do mui distincto Socio no Porto, o Sr. *Francisco Bernardo dos Santos*, que havendo cooperado para a Instituição d'esta Sociedade, tem prestado, desde então até hoje, tão relevantes e assignalados serviços, que mereceu de vós os Titulos de Membro Honorario e Benemerito.

Ela pois, Collegas e Amigos, o mais difficil está vencido: arroteastes o campo, limpastes-o dos abrolios, e plantastes o arbusto; mas reflecti que se acha exposto a ser açoitado pelos ventos, crestado pela saraiva, e mesmo arrebatado pelas inundações — e la se anniquila a esperançosa vergontea, os fructos que ja assim produzia, aquelles que no futuro promettia; e que, por consequencia, a sua destruição é certa, infallivel, se não fôr aquecida com esmero, cultiva-

da com diligencia, em summa cingida de vigorosa sêbe: facilmente traduzireis, Senhores, que este fomento é a nossa progressiva instrucção, que esta cultura é a inteira reforma da nossa Profissão, que esta sêbe, em fim, é a união cerrada e intima dos Membros da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Mas que escuto? ainda me parece ouvir os gemidos da inferna Humanidade! D'onde virão semelhantes magoas? Eu vejo a Medicina caminhar em nossa terra a passos de gigante; a Cirurgia, se não a excede, a o menos com ella corre parelhas; a Pharmacia, emprega incriveis esforços, e tenho fé não tardará que com suas irmãs se encontre. Que mais resta? ah! que se forme, por assim dizer, a trindade medica — que estes tres entes não constituam mais que um so. Avalio o poder irresistivel do tempo, da sciencia e da civilisação; conheço que, tarde ou cedo, velhos preconceitos, mal entendido ciume, mesquinhos interesses de classe, e outras frivolidades, hão de alfin ceder o passo á razão, á justiça, e á conveniencia publica; e quando chegar esse termo suspirado, ouviremos os melodiosos e ternos accentos do Genio do Bem, que pairando sôbre a luzida assembléa dos filhos da sciencia da vida, exclamará: Em fim eu vos ajuncto, eu vos contemplo; vós longo tempo separados uns dos outros e de mim, vós que parecies compôr ja tres familias, ah não formeis mais que uma so, não vos deixeis mais desunir. Eu sei... por que desde muito leio em vossos corações, percebo a differença de vossos trabalhos, conheço de vossos

gostos a altiva independencia — eu não pretendo forçar vossas tendencias: o Genio está bem longe de agrilhoar seus filhos; mas se ás vezes vossas inclinações, vossas lidas vos dividem, que mil outros motivos vos congregam? Reparae, e vêde de quem sois nascidos — a que sublime missão sois destinados; o Ceo, que a todos vos enviou sôbre a Terra, soube imprimir em vossos trabalhos a conveniente utilidade, todos tendem a o mesmo fim — a reparação da saúde, o prolongamento da vida. Que pois d'hoje ávante reine entre vós esta harmonia, esta fraternidade: sem duvida, tal accôrdo não deve ser para vossos corações um penoso esforço que elle vos vae aproveitar. . . sim, tão delectavel commercio, tornará communs estes felizes dons do Ceo; e a gloria d'um so ennobreceará a todos: que o Mundo então, como que deslumbrado por tão doce espectáculo, ditoso, rico de vossas dadas, de vossas experiencias, vos invoque e hemdiga, sob o inapreciavel e dulcissimo nome de *Bemfeitores da Humanidade*. — Disse.

DECLARAÇÃO: — Por equivocação se annunciou, em Sessão de 31 de Dezembro de 1846, o fallecimento do nosso Consocio, o Sr. *Manuel Baptista dos Santos Cadet*.

ERRATA.

N.º 12.º — TOMO 4.º

Pag. 679 — Lin. 5.ª — onde diz oitenta e tres Effectivos; deve lêr-se oitenta e quatro.

SUMMARIO.

Inhalação do Ether pag. 653. — Relatorio dos trabalhos da Sociedade, durante o 12.º anno, pag. 668. — Programmas scientificos para o 13.º anno, pag. 681. — Relação dos Doadores e objectos dados, pag. 682. — Resumo do Quadro actual da Sociedade, &c. pag. 685. — Discurso do Sr. Presidente, pag. 688.

PEÇAS OFFICIAES.

A OS SRS. SUBSCRIPTORES, E A O PUBLICO.

Concluimos em fim, com este Supplemento, o 4.^o Tomo do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e vamos immediatamente, principiar com o 5.^o, Houve mais demora do que desejavamos, na conclusão d'este 4.^o tomo, para o que, motivos houve assás rasoaveis, para a desculpa. Não obstante parecemos ter preenchido os deveres a que nos tinhamos submettido, e o continuaremos a fazer d'hoje em diante, quanto as nossas forças o permittirem, e as circumstancias nos coadjuvarem.

A Sociedade querendo satisfazer os desejos, quando não possa ser de todos, ao menos da maior parte dos seus Socios, e Subscriptores, deliberou, que para o 5.^o Tomo, se seguisse uma nova ordem na sua publicação.

Sabirá um folheto de tres folhas cada mēz (se imperiosas circumstancias o não impedirem) a fim de que os leitores possam mais facilmente, andar em dia, ao facto das materias mais importantes, e que devem ser sempre as preferidas. D'esta forma vimos a publicar o mesmo numero de folhetos, por anno, porrem subdivididos em 12, vindo a formar-se o tomo da mesma maneira que os antecedentes, de 13 numeros, ou folhetos, bi-partidos, por que o ultimo,

deve, como até agora se têm praticado, contêr a Lista dos Srs. Subscriptores; a dos Auctores, e Traductores, e o Index das materias.

As estampas, quando as-houver, irão intercaladas no texto.

A venda, continuará a ser em Lisboa, na botica da Rua dos Retroseiros n.º 46, e no Porto, na botica do nosso Delegado, o Sr. Antonio de Sousa Dias, Passeio da Cordoaria n.º 6.

O preço das Subscrições, continuará, tambem, a ser o mesmo: 1\$920 pelo Tomo, e 100 rs. por meio folheto cada mez, ou 200 rs. por n.º inteiro.

Alem do melhoramento a que induz a forma da publicação, acima dita, deverá o Jornal, ter outros não meuos importantes, e vêem a ser: um accrescentamento d'espaco; a melhor ordem, e collocação das materias; quando porem, na publicação d'estas, anteposermos umas, a outras, não será nossa intenção, estabelecer preferencias de merito, mas sim abraçar commodidades de conveniencia local, attendendo ao limitado do espaco; á amplitude dos artigos, e ao seu interesse relativo; a pesar do que, faremos todos os esforços, para seguir quanto seja possivel, a ordem chronologica.

A Commissão de Redacção, procurará desempenhar as suas obrigações, no concurso de difficuldades, que muitas vezes impedem, ou difficultam o cumprimento dos seus desejos. Ella têm de circunscrever-se a pontos demarcados, e cuja transposição lhe é vedada. Com tudo fará todos os esforços, para harmoni-

zar aquelles deveres, com os interesses communs; e receberá, satisfatoriamente, qualquer prudente advertencia que se lhe faça, e que não transcenda, ou disvirtuize os fins propostos.

A Sociedade quer, e sanciona tudo quanto diga respeito ao melhoramento do seu Jornal; e muito deseja ella, que chegue um dia, em que recebidas as quantias de que é credora, possa publicar todos os mezes, um numero inteiro do mesmo Jornal.

Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 11 de Novembro de 1847. — José Dionysio Corrêa, 1.º Vice-Presidente. — Henrique José de Sousa Telles, 1.º Secretario. — Carlos Maria Monteiro Freire, 2.º Secretario.

Lista nominal e residencial dos SUBSCRITORES do Tomo IV. d'este Jornal.

Os SENHORES :

Ambrosio Faustino d'Andrade	Porto.
Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira	Lisboa.
Antonio José Teixeira Lemos	Porto.
Antonio Martins Barreto	Esposende.
Antonio Vaz Teixeira	Tonça.
Bernardo d'Oliveira Ramos	Porto.
Calisto Gaudencio Feio	Lisboa.
Eschola Medico-Cirurgica de	Lisboa.
Eschola Medico-Cirurgica do	Porto.
Florencio Pires Furtado Galvão	Coimbra.

Francisco José da Costa	<i>Lamego.</i>
Francisco Taibner de Moraes	<i>Marinha-Grande.</i>
Gregorio Ferreira Diniz Sampaio.....	<i>Niza.</i>
Guilherme Antonio de Lima Monteiro..	<i>Ilha-Terceira.</i>
João José Gomes Duarte	<i>Barcellos.</i>
João José Pereira.....	<i>Lisboa.</i>
João Rodrigues Peixoto.....	<i>Porto.</i>
Joaquim Antonio Corrêa.....	<i>Lagoa.</i>
Joaquim da Costa Neves.....	<i>Porto.</i>
Joaquim José Simões.....	<i>Pesqueira.</i>
Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro	<i>Lisboa.</i>
José Francisco de Mattos.....	<i>Idem.</i>
José Ribeiro de Carvalho Reis.....	<i>Porto.</i>
Luiz José da Rocha e Silva.....	<i>Porto.</i>
Manoel Abilio Simões de Carvalho.....	<i>Coimbra.</i>
Nicoláo Tolentino de Carvalho Villa	<i>Lisboa.</i>
Nilo (Dr.).....	<i>Idem.</i>
Pedro Antonio Soares Velloso (Dr.).....	<i>Porto.</i>

LISTA

ALPHABETICA

DOS

AUCTORES E TRADUCTORES

CITADOS N'ESTE TOMO.

A. PAULA TEIXEIRA.

Carta á Sociedade, offerecendo a noticia da Mo-	Paginas.
mordica-bucha.....	23

Momordica-bucha (noticia da), *vulgo*, Cabacinho,
ou Bucha dos Caçadores, em Pernambu-
co 25 e 101

ANACLETO ANTONIO RODRIGUES D'OLIVEIRA.

Discurso pronunciado, na Sessão Solemne Anni-
versaria da Sociedade, em 24 de Julho de
1846 455

ANTONIO DE CARVALHO.

Discurso pronunciado, na Sessão Solemne An-
niversaria da Sociedade, em 24 de Julho
de 1845. 58

ANTONIO MARIA BARBOSA.

Inhalações do Ether 601 e 653

ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO.

Certidão de todas as Leis, Decretos, Alvarás,
Portarias, relativas aos Pharmaceuticos;
desde a Fundação da Monarchia Portugue-
za. 362 e 535

CARLOS MARIA MONTEIRO FREIRE.

Actas (extracto das) das Sessões Litterarias da
Sociedade. 517, 578 e 621
— das Sessões d'Assembléa geral do Monte-
Pio Pharmaceutico. 647
— das Sessões do Conselho Administrativo do
Monte-Pio Pharmaceutico. 648

Agua de Mars (remedio contra dores de dentes) <i>Enc. Med. de Paris</i>	206
Carvão (acção do) sobre os liquidos que contêm dissolutos metallicos, e da applicação deste facto á Medicina-Legal. <i>Enc. Med. de Paris</i>	5
Doadores (relação dos) e dos objectos doados á Sociedade; lida na Sessão Solemne Anniver- saria de 24 de Julho de 1845.....	44
Formulas (diversas) de preparados pharmaceuti- cos.....	14 e 204
Quadro actual da Sociedade (resumo do), com as alterações occorridas no ultimo anno; pu- blicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1845.....	49
Quadro actual do Monte-Pio Pharmaceutico (re- sumo do), com as alterações occorridas no ultimo anno; publicado na Sessão Solem- ne Anniversaria de 24 de Julho de 1845.....	53
Relatorio circumstanciado dos Trabalhos da So- ciedade; feito na Sessão Solemne Anniver- saria de 24 de Julho de 1847.....	668
Valerianato de Zinco (preparação do) <i>Reportoire de Pharmacie</i>	19
COMISSÃO DE HISTORIA NATURAL	
Parecer sobre a Memoria — Noticia da Momor- dica-bucha, <i>vulgo</i> , Cabacinho, ou Bucha dos Caçadores em Pernambuco.....	21
— sobre a Memoria — Planta das Sesões....	510
— sobre a — Pulvarinha.....	336
— sobre a — Sabina.....	221

COMISSÃO AD HOC DA SOCIEDADE,

Parecer sobre a interpretação d'alguns artigos dos Estatutos.....	382
---	-----

COMISSÃO NOMEADA PELO GOVERNO SUPERIOR DO HOSPITAL DE S. JOSÉ DE LISBOA.

Parecer sobre a — Agua Sulphurosa do Arsenal da Marinha.....	82
--	----

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Ensino Medico na Hespanha. (<i>Extracto do decreto de 17 de Setembro de 1845</i>).....	179
--	-----

COMISSÃO DE SAÚDE PUBLICA.

Parecer ácerca do artigo — Reflexões previas, sobre a venda dos remedios empiricos.....	193
---	-----

CONSELHO ADMINISTRATIVO DA SOCIEDADE.

Balanço geral (resumo do) da Receita, e Despesa da Sociedade Pharmaceutica durante o 10.º anno economico.....	234
---	-----

CONSELHO ADMINISTRATIVO DO MONTE-PIO PHARMACEUTICO.

Balanço geral (resumo do) da Receita, e Despesa do Monte-Pio Pharmaceutico durante o 10.º anno economico.....	134
---	-----

CONSELHO DE SAÚDE PUBLICA DO REINO.

Circular aos Provedores, e Vice-Provedores de	
---	--

- Saúde, para que remetam uma relação dos individuos que sem titulo legal tenham Botica aberta. 138
- Circular aos Provedores, e Vice-Provedores de Saúde para que na primeira vesita que façam às Boticas, ponham no Codigo Pharmaceutico Lusitano, o nome do Pharmaceutico a quem pertence 139
- aos Vice-Provedores de Saúde recommendando toda a vigilancia sobre os individuos não habilitados, e que se dão á pratica dos diversos ramos da Arte de curar. 188
- FRANCISCO BERNARDO DOS SANTOS.**
- Bi-Carbonatos Alcalinos (reacção dos) sobre as bases vegetaes, na presença do acido tartrico; pelo Sr. *Oppermann. Journ. dos Conh. Med. Prat. e Pharm. de Paris* 499
- Carvão (emprego do) na preparação do Iodureto de Potassio; pelo Sr. *Dominé. Journ. de Conh. Med. Prat. e Pharm. de Paris* 326
- Cascarrilha (pesquisas chymicas sobre a); pelo Sr. *Duval. Journ. dos Conh. Med. Prat. e Pharm. de Paris* 561
- Nicolau Lemery (vida de); pelo Sr. *P. A. Cap.* 532, 595, e 651
- Solos (das partes constituintes, analyse, e formação dos). Dos rochedos, ou extracto que se encontra na superficie dos terrenos, e dos seus melhoramentos. *Elem. de Chym. Agric. do Sr. Humphri Davy.* 161 e 214

Xarope de pontas d'Espargo (preparação do);
pelo Sr. *Brun-Buisson* 254

FRANCISCO PUENTE. (D.)

Sulphureto oleoso Cambogiano de Puente 151

HENRIQUE JOSÉ DE SOUSA TELLES.

Acido Cyan'hydrico (observações ácerca da pro-
ducção do) mediante a acção do acido azo-
tico sobre o alcohol 95

Actas (extracto das) das Sessões Litterarias da
Sociedade. 117, 173, 226, 288, 343,
386, e 473

— das Sessões da Assembléa Geral do Monte-
Pio Pharmaceutico 127, 236, e 404

— das Sessões do Conselho Administrativo do
Monte-Pio Pharmaceutico . . . 130, 237, e 406

Agua distillada de Loureiro-cereja (meio de re-
côncber a) e destingui-la da das Amendoas
amargas 20

Alcoholato de mostarda 16

Allocução Epicedica á memoria do Eminentis-
simo Cardeal Patriarcha, recitada na Sessão
Solemne Anniversaria, de 24 de Julho de
1845 55

Azeite (meio de reconhecer as falsificações do). 249

Balsamo de Copahiva (observações ácerca do). 365

Banha de porco; seu mau estado no commer-
cio, e precauções que o Pharmaceutico de-
ve tomar a seu respeito 147

Capsulas gelatinosas.....	377
— — (methodo de fazer as).....	207
Castoreo (sophisticações do).....	77
Cerveja preta (formula da).....	153
Degitalina (preparação da) <i>Enc. Med. de Paris.</i>	316
Doadores (relação dos) e dos objectos doados á Sociedade, lida na Sessão Solemne Anniversa- ria, de 24 de Julho de 1847.....	682
Estatistica da Sociedade no 12.º anno da sua instituição.....	722
Formulas (diversas) de preparados pharmaceuti- cos.....	490, 539, e 613
Lobelia Inflata (analyse da); pelo Sr. <i>Reinschs.</i>	503
Manchas da pelle (meio de destruir as) causadas pelo Nitrato de prata. <i>Jorn. de Pharm. e</i> <i>Chym. de Paris</i>	487
Medicamentos empiricos (reflexões previas sobre a venda dos).....	195
Mercurio (observações sobre o).....	7
Oleos volateis (meios de reconhecer a falsifica- ção dos).....	141
Pilulas (novo meio de cobtir as); pelo Sr. <i>Dor-</i> <i>vault</i>	616
Pomada mercurial (golpe de vista sobre as — Breves objecções á opinião da divisão do mer- curio na).....	318, 372, 494, e 556
Proto-iodureto de ferro puro (novo meio de pre- parar o).....	94
Quadro actual da Sociedade (resumo do), com as alterações occorridas no ultimo anno; pu-	

blicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1847.....	685
Quadro actual do Monte-Pio Pharmaceutico, com as alterações occorridas durante o ultimo anno; publicado na Sessão Solemne Anniversaria, de 24 de Julho de 1847.....	687
Quassia (observações ácerca das rasuras da)....	80
Relatorio circunstanciado dos Trabalhos da Sociedade; feito na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1846.....	413
Sulphydrometro.....	211 e 260
Tartaro Stibiado (preparação do); pelo Sr. <i>Cardellás. Enc. Med. de Paris</i>	506
Valerianato de Zinco (preparação do); pelo Sr. <i>Brun-Buisson</i> . Observações ácerca da sua solubelidade; pelo Sr. <i>Delpoh</i> , filho.....	88
Xarope Amygdalino (preparação do).....	86

JERONIMO VICENTE PALMA.

Centeio espigado (principios activos do).....	537
Formulas (diversas) de preparados pharmaceuticos.	538
Pomada contra as Conjunctivites violentas....	154

JOÃO FORTUNATO MONTEIRO.

Pomada mercurial (breves objecções á opinião da divisão do mercurio na).....	256
--	-----

JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES.

Horto Botanico (visitas ao) da Eschol-a Medico-Cirurgica de Lisboa. 181, 239, 298, 356, 410, e	529
--	-----

- Oração Funebre ao Ex.^{mo} Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, recitada na Sessão Solemne Anniversaria, de 24 de Julho de 1846..... 446
- Substancias toxicas (novo methodo d'introduzir no estomago dos animaes, as); pelo Sr. José Tedeschi..... 507

JOAQUIM TEIXEIRA DUARTE SAMPAIO.

- Carta á Sociedade, offerecendo a noticia da Momordica-bucha..... 23
- Momordica-bucha (noticia da), *vulgo*, Cabacinho, ou Bucha dos Caçadores, em Pernambuco..... 25 e 101

JOSÉ ALEXANDRE RODRIGUES.

- Metaes (nota de dous) novamente descobertos... 17

JOSÉ DIONYSIO CORRÊA.

- Discurso pronunciado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1847..... 688
- Vinagres (discurso feito acerca da falsificação dos)..... 485

JOSÉ TEDESCHI.

- Causticos (melhor methodo d'Alcamphorar os).
Jorn. de Conh. Med...... 91
- Doadores (relação dos) e objectos doados á Sociedade, lida na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1846..... 438
- Quadro actual da Sociedade (resumo do), com as alterações occorridas no ultimo anno, pu-

blicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1846.....	443
Quadro actual do Monte-Pio Pharmaceutico, com as alterações occorridas no ultimo anno, pu- blicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1846.....	445

ISIDORO DA COSTA AZEVEDO.

Actas (extracto das) das Sessões Litterarias da Sociedade, em 1845.....	117
Relatorio circunstanciado dos Trabalhos da So- ciedade; feito na Sessão Solemne Anniver- saria de 24 de Julho de 1845.....	33

LAZARO JOAQUIM DE SOUSA FERREIRA.

Acido azotico (purificação do); pelo Sr. Ch. Ba- nesvil. <i>Jorn. de Ph. e Chym. de Paris.</i> ...	554
Emetina (processo para a extracção da). <i>Abeille Medicelle de Paris</i>	331
Nitrato de prata fundido (meio de conservar, e empregar facilmente o).....	488
Pulyarinba (noticia ácerca da).....	332
Tafetá vesicante (novo methodo de preparar o) pelo Sr. <i>Debuisson</i>	314
Valerianato de quinina, e sua preparação.....	328

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR.

Portaria, mandando remetter á Sociedade uma amostra de Salsa parrilha para ser analysada.	621
--	-----

MINISTERIO DO REINO.

- Decreto de Saúde Publica do Reino. 190, 247 e 306
 — mandando suspender o decreto de 26 de
 Novembro de 1845, e por em vigor o de
 3 de Janeiro de 1837 362
 — nomeando o Sr. José Tedeschi Professor do
 Dispensatorio Pharmaceutico da Eschol-a Me-
 dico-Cirurgica de Lisboa 135
 Portaria ao Conselho de Saude Publica do Reino,
 para serem isentos de serem novamente matri-
 culados os Facultativos, e Pharmaceuticos, que
 o tivessem feito antes da publicação do de-
 creto de 18 de Setembro 136

MIGUEL JANUARIO FERNANDES BRANCO.

- Artemisia Mollis (observações acerca da) 597

PEDRO FERREIRA NORBERTO.

- Abolição do sofrimento nas operações Cirurgi-
 cas. *Sicle* 586
 Cochonilha (discripção, e propagação da) em Ar-
 gel; pelo Sr. *Limounet. Journ. de Phar. e*
Chym. 278
 Oleos de Figados de diferentes especies do ge-
 nero *Gadus* (analyse dos). *Journ. de Phar. e*
Chym. 154

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA.

- Allocução feita aos Senhores Subscriptores, e ao
 Publico 705

Consulta sobre a analyse Chymica d'uma agua no sitio das Aguas Livres.....	516
— sobre a analyse Chymica d'uma agua no sitio de Sal-Rego.....	116
— sobre a analyse Chymica d'uns liquidos encontrados nos estomagos de dous individuos suppostos envenenados.....	514
— sobre o relatorio, e duas amostras de Capsulas gelatinosas, feitas pelo Sr. F. B. dos Santos.....	575
— sobre o Tractado de venenos; pelo Sr. C. A. P. da Cunha.....	576
Estatutos (addicionamento aos).....	115
Lista dos Auctores, e Traductores citados n'este tomo.....	708
— dos Delegados, e Sub-Delegados, com as competentes alterações.....	720
— nominal, e residencial dos Senhores Subscriptores.....	707
Questões scientificas (programmas das) apresentados nas Sessões Solemnes Anniversarias de 24 de Julho de 1845, 1846, e 1847. 44, 437, e.....	681
Regimento Interno (addicionamento ao).....	225
Representação dirigida á Camara dos Senhores Deputados, pedindo a suspensão do decreto de 26 de Novemhro de 1845.....	341
— derigida ao Conselho de Saúde Publica do Reino, sobre a definição da palavra Droguiста.	170

**SOCIEDADE PROMOTORA D'INDUSTRIA
NACIONAL.**

Chá (relatorio sobre a cultura, e introdução do)
em França; pelo Sr. *Richard*. Traduzido pe-
lo Sr. P. F. Norberto..... 566

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS.

Velinhas, e Algalias de gelatina crua (carta e
relatorio ácerca das); pelo Sr. P. F. Norberto. 302
Parecer ácerca das Velinhas, e Algalias de ge-
latina crua..... 312

*Alteração da Lista dos Delegados, Primeiros, e Segun-
dos Sub-Delegados de Comarca, nomeados para ser-
virem no 12.º anno, transcripta no n.º 8.º do 4.º
Tomo do Jornal; pag. 475, e que ficam servindo
o 13.º anno. (*)*

LISBOA.

Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira... *Presidente.*
Henrique José de Sousa Telles... 1.º *Secretario.*
Carlos Maria Monteiro Freire..... 2.º *Secretario.*

ALCACER DO SAL.

Antonio José Gama..... *Alcacer do Sal.*
José Maria de Campos..... *Melides.*

(*) Vid. a nota a pag. 475, do Jornal acima citado.

ALEMQUER.

Domingos José Affonso Pinto Pereira *Alemquer.*
 José Martins Pereira *Merceana.*
 José Rodrigues Ferreira *Alemquer.*

ALMADA.

Ricardo Antonio da Silva *Almadã.*
 Angelo Joaquim Bravo *Seixal.*
 Francisco Pinto de Leão *Cezimbra.*

ANGRA.

João dos Santos Paes *Angra do Heroismo.*

ANGOLA.

Vicente Tedeschi *Benguella.*

BRAGA.

Ignacio José Pereira das Neves *Braga.*

ESTREMOZ.

João Maria Manassas *Estremoz.*

Joaquim José da Veiga *Idem.*

Antonio Joaquim Rosado e Silva *Borba.*

FARO.

João Agostinho Ferreira Chaves *Faro.*

José Higyno da Cunha *Olhão.*

LAMEGO.

José Antonio d'Araujo *Lamego.*

Sebastião Ferreira Torres *Idem.*

PORTO.

Antonio de Sousa Dias	Porto.
Bernardo José Ferreira de Sousa	Idem.
Antonio Joaquim d'Araujo	Idem.

SANTAREM.

Manuel da Costa Martins	Santarem.
Joaquim de Sousa Raposo	Cartaxo.
Antonio Ferraz de Castro	Montargil.

TABOÃO.

Marcos Antonio Rebello	Taboão.
Jeronimo Pereira d'Azevedo	Villa de Barcos.

*Estatistica da Secretaria da Sociedade Pharmaceutica
Lusitana em o 12.º anno, findo em Julho
de 1847.*

Portarias do Ministerio dos Negocios da Mari- nha, e Ultramar	2
— do Ministerio dos Negocios do Reino	1
Officios, e Cartas recebidos de	65
} diferentes Auctori- } dades, Corps Col- } lectivos, e Membros } da Sociedade.	
Expedidos a	107
Diplomas passados a diversos Membros	4
Titulos passados a Funcionarios da Sociedade. . .	35

Titulos passados a Delegados, 1. ^o Sub-Delegados, e 2. ^o ditos.....	125
Consultas da Sociedade.....	4
Actas das Sessões da Sociedade.....	25
Folhetos pertencentes ao 4. ^o Tomo.....	5

Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana,
23 de Julho de 1847.

Henrique José de Sousa Telles
1.^o Secretario.

INDICE DAS MATERIAS

CONTIDAS N'ESTE TOMO.

A

Paginas.

Abolição do soffrimento nas operações cirurgicas ; Trad. do <i>Siecle</i> de 27 de Janeiro de 1847 ; pelo M. Benem. o Sr. P. F. Norberto.....	586
Acido azotico (preparação do) por Mr. Ch. Banesrill. Trad. do <i>Jorn. de Ph. e Chym. de Paris</i> ; pelo M. Eff. o Sr. L. J. de S. Pereira.	554
— Cyan'hydrico (observações ácerca da produção do) mediante a acção do acido azotico, sobre o alcohol ; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.....	95
Actas da Assembléa geral do Monte-Pio Pharmaceutico. 127, 236, 404, e.....	647

Actas do Conselho Administrativo do Monte-Pio Pharmaceutico. 130, 237, 406, e.....	648
— (extracto das) das Sessões Litterarias da Sociedade. 117, 173, 226, 288, 343, 386, 517, 578, e.....	621
— das Sessões Solemnes Anniversarias em 24 de Julho de 1845, 1846, e 1847. 32, 413, e.....	668
Addicionamento aos Estatutos.....	115
— ao Regimento Interno.....	225
Advertencia.....	308
Agua de Mars (remedio para dores de dentes) Trad. da <i>Enc. Med. de Paris</i> ; pelo M. Eff. o Sr. C. M. M. Freire.....	206
— distillada de Loureiro-cereja, (meio de reconhecer a) e distingui-la da das amendoas amargas; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.....	20
— sedativa, contra a enxaqueca (<i>Raspail em Bouchardat.</i>) Idem.....	643
Alcanforar os causticos (melhor modo de) <i>Jorn. de Cont. Med.</i> ; pelo M. Eff. o Sr. J. Tedeschi.....	91
Alcoholado de raiz d'aconito; pelo M. C. Nac. o Sr. J. V. Palma.....	538
Alcoholato de mostarda; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.....	16
Allocução Epicedica; (idem).....	55
— feita aos Srs. Subscriptores, e ao Publico. 705	
Artemisia Mollis (observações therapeuticas ácerca da); pelo Sr. M. J. F. Branco.....	597

Azeite (meio de reconhecer a falsificação do);
pelo M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*. 249

B

- Balanço geral (resumo do) da receita, e despeza da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, durante o 10.º anno economico. 234
- (resumo do) da receita, e despeza do Monte-Pio Pharmaceutico, durante o 10.º anno economico. 134
- Balsamo de Copahiva (observações acerca do) pelo M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*. 365
- Banha balsamica de Bouchardat; (idem). 539
- de porco; seu mau estado no commercio, e precauções que a seu respeito deve tomar o Pharmaceutico; (idem). 149
- Bitume de pedra; (idem). 540
- para bocças de garrafas; (idem). 540
- Bi-carbonatos alcalinos (reacção dos) sobre as bases vegetaes, na presença do acido tartrico. Pelo Sr. *Oppermann*. Trad. do *Jorn. de Conh. Med. Prat. e Pharm. de Paris*; pelo M. Benem. o Sr. *F. B. dos Santos*. 499
- Buchanina (preparações pharmaceuticas da). 112

C

- Capsulas de gelatina (methodo para fazer) pelo; M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*. 207
- gelatinosas; (idem). 377
- Carta á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, offe-

- recendo a noticia da — *Momordica* — bucha ;
 pelos MM. C. Nac. os Srs. *A. P. Teixeira*, e
J. T. de S. Junior..... 23
- Carta, e Relatorio que remetteu á Sociedade das
 Sciencias Medicas; o Sr. *P. F. Norberto*,
 sobre as velinhas; e algalias de gelatina crua,
 e parecer dado pela Sociedade..... 309
- Carvão (acção do) sobre os liquidos que contêm
 dissolutos metallicos, e da applicação deste
 factio á Medicina Legal; pelo M. Eff. o Sr. *C.*
M. M. Freire. Trad. da *Enc. Med. Prat. e*
Pharm. de Paris..... 5
- (sobre o emprego do) na preparação do Io-
 dureto de potassio; por Mr. *Dominé*; Trad.
 do *Jorn. dos Conhc. Med. Prat. e Pharm. de*
Paris; pelo M. Benem. o Sr. *F. B. dos Santos*. 328
- Cascarrilha (pesquisas chymicas sobre a) por Mr.
Duval; Trad. do *Jorn. de Conh. Med. Prat.*
e Pharm. de Paris; (idem)..... 561
- Castoreo (sophisticações do); pelo M. Eff. o Sr.
H. J. de S. Telles..... 77
- Cataplasma d'Urgebão, usada no Hospital de S.
José (idem)..... 490
- Caustico Sulpho-açafroado, de *Velpeau* (idem). 541
- Centeio espigado (dos principios activos do); pe-
 lo M. C. Nac. o Sr. *J. V. Palma*..... 537
- Ceroto de Stearina, em *Bouchardat*; pelo M.
 Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*..... 541
- Cerveja preta (bebida vulneraria) idem..... 153
- Chá (relatorio sobre a cultura, e introdução

- do) em França; por Mr. *Richard*; Trad. pelo M. Benem. o Sr. *P. F. Norberto*. 566
- Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza 362. e 535
- Cigarrilhas anti-asthmaticas; (*Boucharlat*) 542
- Circulares do Conselho de Saude Publica do Reino. 138, 139 e 188
- Cochonilha (descripção, e propagação da) em Argel por Mr. *Simounet*; Trad. do *Jorn. de Pharm. e Chym. de Paris*; pelo M. Benem. o Sr. *P. F. Norberto*. 278
- Consulta da Sociedade, ácerca d'uma agua no sitio d'Aguas livres, analysada pela Commissão de Chymica. 516
- da Sociedade, ácerca d'uma agua no sitio de Sal-Regio 116
- da Sociedade, ácerca d'uma analyse Chymico-Legal feita pela Commissão de Chymica. 514
- da Sociedade, ácerca das Capsulas de gelatina, preparadas pelo M. Benem. o Sr. *F. B. dos Santos*. 574
- da Sociedade, ácerca do Tractado de Venenos, do Sr. *C. A. P. da Cunha*. 576

D

- Declaração. 704
- Decreto sobre Saude Publica do Reino 190, 247 e. 306

Decreto suspendendo, o de 26 de Novembro de 1845	362
— nomeando o Sr. <i>José Tedeschi</i> , Professor do Dispensatorio pharmaceutico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa	135
Digitalina (preparação da) Trad. da <i>Enc. Med. de Paris</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i> .	316
Discurso do Sr. Presidente <i>Antonio de Carvalho</i> , pronunciado na Sessão Solemne Anniversaria de 1845	58
— do Sr. Presidente <i>Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira</i> , pronunciado na Sessão Solemne Anniversaria de 1846	455
— do Sr. Vice-Presidente <i>José Dionysio Corrêa</i> , pronunciado na Sessão Solemne Anniversaria de 1847	688
— sobre as falsificações dos vinhos; pelo M. Benem. o Sr. <i>J. D. Corrêa</i>	289
— sobre as falsificações dos vinhos; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i> . 294, 344, 400, e	627
— sobre as falsificações dos vinagres; (idem).	394
— acerca da substituição da cera pela stearina; (idem)	631

E

Elixir anti-odontalgico; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	542
Emetina (processo para a extracção da); pelo M. Eff. o Sr. <i>L. J. de S. Pereira</i>	331

Emplastro confortativo; pelo M. Eff. o Sr. <i>H.</i>	
<i>J. de S. Telles</i>	542
— confortativo branco; (<i>idem</i>).....	543
— de Saboeira; (<i>idem</i>).....	543
Ensino Medico na Hespanha.....	179
Esparadrapeiro (discrição do); pelo M. Eff. o Sr.	
<i>H. J. de S. Telles</i>	492
Esparadrapo (adhesivo: (<i>idem</i>)).....	491
Estatistica do 12.º anno.....	722
Extracto de Lupulo da <i>Pharm. L.</i> ; pelo M. Eff.	
o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	543
— de Sementes de Stramonio; (<i>idem</i>).....	494

H

Horto Botanico (visitas ao) da Escola Medico- Cirurgica de Lisboa; pelo M. Eff. o Sr. <i>J.</i>	
<i>J. de S. Telles</i> . 181, 239, 298, 356, 410 e.....	529
Hydro-Cyanureto de potassio medicinal; pelo M.	
Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	549

da Ordem dos Farmacêuticos

I

Inhalção do Ether; pelo Sr. <i>Antonio Maria de</i> <i>Barbosa</i> 601 e.....	653
Iodureto de ferro (preparação extemporanea do), por <i>Callou</i> , em <i>Boucharlat</i> ; pelo M. Eff. o	
Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	644

L

Lambedor peitoral de Barbier; (idem)	544
Linimento de Nicociana; (idem)	544
— d'Urgebão; (idem)	544
Liquor laxativo; (idem)	544
Lista Alfabetica dos Auctores, e Traductores ci- tados n'este Tomo	708
— dos Delegados, e Sub-Delegados de Comarca.	475
— nominal, e residencial dos Srs. Subscriptores.	707
Lobelia Inflata (analyse da); por <i>Reinsch</i> . Trad. pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	503

M

Magnesia calcinada, pesada, por <i>Colas</i> , em <i>Bou- chardat</i>	615
Manchas de pelle (meio de destruir as) causadas pelo azotato de prata; Trad. do <i>Jornal de Pharm. e Chym. de Paris</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	487
Manna purificado; (idem)	545
Memoria ácerca da — Planta das Sesões — pelo M. Eff. o Sr. <i>J. P. d'Azevedo</i>	510
Mercurio (observações sobre o); idem	7
Metaes (nota ácerca de dous) novamente desco- bertos; pelo M. Eff. o Sr. <i>J. A. Rodrigues</i>	17
Momordica-bucha, (noticia da), vulgó, cabaci- nho, ou bucha dos Caçadores em Pernambu-	

co ; pelos MM. CC. Nac. os Srs. *A. P. Teixeira*
e *J. T. D. Sampaio* 25 e 101

N

- Nicolau Lemery* (vida de) por *P. A. Cap*; pelo
M. Benem. o *Sr. F. B. dos Santos.* 532,
595 e. 651
- Nitrato de prata fundido (meio de conservar, e
empregar facilmente o) pelo *M. Eff.* o *Sr.*
L. J. de S. Pereira 488

O

- Oleo d'Urgeão; pelo *M. Eff.* o *Sr. H. J. de S.*
Telles 546
- Oleos de figados (analyse dos) de differentes es-
pecies do genero *Gadus*; Trad. do *Jorn. de*
Pharm. e Chym; pelo *M. Benem.* o *Sr. P. F.*
Norberto 154
- volateis (meios de reconhecer a falsificação
dos) pelo; *M. Eff.* o *Sr. H. J. de S. Telles.* 141
- Opodeloch* liquido; pelo *M. Eff.* o *Sr. C. M. M.*
Freire 204
- Oração funebre, recitada na Sessão Solemne An-
niversaria de 1846; pelo *M. Eff.* o *Sr. J.*
J. de S. Telles 416

P

- Parecer da Commissão de Chymica, sobre uma
Agua da *Sr.^a Biester* 522

Parecer da Commissão de Chymica, sobre uma analyse chymico-legal.....	634
— da Commissão de Chymica sobre a analyse d'um vinho.....	643
— da Commissão Especial, ácerca do Tractado dos Venenos.....	581
— da Commissão de Direito Pharmaceutico ácerca d'uma proposta do Sr. <i>Tedeschi (J.)</i> . 623	
— da Commissão d'Historia Natural, sobre a Memoria que tem por titulo — Noticia da Momordica-bucha, <i>vulgo</i> , Cabacinho, ou Bucha dos Caçadores em Pernambuco.....	21
— da Commissão d'Historia Natural, ácerca da memoria — <i>Planta das Sesões</i> —.....	510
— da Commissão d'Historia Natural, ácerca da Pulvarinha.....	336
— da Commissão d'Historia Natural, ácerca da Sabina.....	221
— da Commissão Especial sobre a interpretação d'alguns artigos dos Estatutos.....	382
— da Commissão nomeada pelo Governo superior do Hospital de S. José de Lisboa, incumbida d'analysar a Agua Sulphurosa do Arsenal da Marinha.....	82
— da Commissão de Saude Publica, ácerca do Artigo — Reflexões previas, sobre a venda de remedios empiricos —.....	193
Pastilhas de Chocolate, com Magnesia; <i>Dorvault Offic</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	619

Pastilhas de Iodureto de potassio; pelo M. Eff.	
o Sr. C. M. M. Freire.	14
Pilulas anti-neuralgicas; <i>Trousseau</i> , em <i>Bou-</i>	
<i>chardat</i> ; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.	619
— de <i>Blaud</i> , modificadas, por Mr. <i>Adorne</i> ,	
em <i>Bouchardat</i> , (<i>idem</i>).	546
— de proto-iodureto de ferro; (<i>idem</i>).	644
— (novo meio de cobrir) por Mr. <i>Drouvaul</i> ;	
(<i>idem</i>).	616
— ferruginosas de <i>Blaud</i> ; (<i>idem</i>).	547
Poção contra a <i>Cephalalgia</i> ; pelo M. C. Nac. o Sr.	
J. V. <i>Palma</i>	538
Pomada <i>Camphorada</i> de <i>Raspail</i> ; em <i>Bouchar-</i>	
<i>dat</i> ; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.	548
— contra a <i>Conjunctivites violenta</i> ; pelo M. C.	
Nac. o Sr. J. V. <i>Palma</i>	154
— contra as frieiras; por <i>Wahler</i> ; pelo M. Eff.	
o Sr. C. M. M. Freire.	205
— de <i>Beladona</i> ; pelo M. Eff. o Sr. H. J. de	
S. Telles.	547
— de <i>Beladona</i> , feita com o extracto, em <i>Bou-</i>	
<i>chardat</i> (<i>idem</i>).	548
— mercurial (breves objecções á opinião da di-	
visão do mercurio na); pelo M. C. Nac. o	
Sr. J. F. <i>Monteiro</i>	256
— mercurial, (golpe de vista sobre as Breves	
objecções á opinião da divisão do mercurio	
na); pelo M. Eff. o Sr. H. J. de S. Telles.	
318, 372, 494 e.	556
— de <i>Nicociana</i> ; (<i>idem</i>).	548

Pomada d'Oleo de figados d'arraia, em <i>Bou-</i> <i>chardat</i> , (idem)	549
— de Saião; (idem).....	549
— ou Unguento de Lupulo; (idem).....	548
— ou Unguento de Urgebão; (idem).....	549
Portaria do Ministerio da Marinha, e Ultramar, pela qual manda Sua Magestade ouvir a So- ciedade ácerca da Salsa-parrilha de Moçam- bique.....	621
— do Ministerio do Reino, em que se declara não deverem pagar nova Matricula, os Phar- maceuticos já matriculados, em virtude do Decreto de 3 de Janeiro de 1837.....	136
— do Ministerio do Reino, pela qual Sua Ma- gestade concede á Sociedade, a parte que esta lhe requereu do extincio Recolhimento da Mouraria.....	620
Proto-iodureto de ferro puro (novo meio de pre- parar o) pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles.</i>	94
Pulvarinha (noticia ácerca da (pelo M. Eff. o Sr. <i>L. J. de S. Pereira.</i>	332

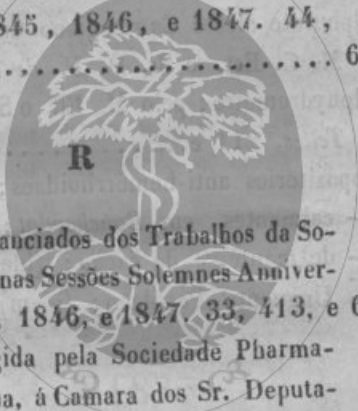
Centro de Documentação Farmaceutica da Ordem dos Farmacêuticos

Quadros actuaes (resumo dos) da Sociedade, com as alterações occorridas nos ultimos annos; publicados nas Sessões Solemnes Anniversarias da Sociedade de 1845, 1846, e 1847. 49, 443, e.....	685
— actuaes (resumo dos) do Monte-Pio Phar-	

maceutico, com as alterações occorridas nos ultimos annos, publicados nas Sessões Solemnnes Anniversarias de 1845, 1846, e 1847. 53, 445, e..... 687

Quassia (observações ácerca das rasuras da) pelo M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*..... 80

Questões Scientificas (programmas das) apresentadas nas Sessões Solemnnes Anniversarias da Sociedade de 1845, 1846, e 1847. 44, 437, e..... 681



Relatorios circunstanciados dos Trabalhos da Sociedade, feitos nas Sessões Solemnnes Anniversarias de 1845, 1846, e 1847. 33, 413, e 668

Representação dirigida pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, á Camara dos Sr. Deputados, pedindo a suspensão do Decreto de 26 de Novembro de 1845, e a organização d'uma nova Lei de Saude. 344

— da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, dirigida ao Conselho de Saude Publica do Reino. 170

S

Solos (das partes constituintes, analyses, e formação dos): dos rochedos, ou extracto que se encontra na superficie dos terrenos, e dos

seus melhoramentos; Trad. dos <i>Elem. de Chym. Agric. de Humphy Davy</i> ; pelo M. Benem. o Sr. <i>F. B. dos Santos</i> 161 e.....	214
Soluto de Cyanureto de potassio; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	549
Substancias toxicas (novo meio d'introduzir no estomago dos animaes, as); pelo M. Eff. o Sr. <i>J. J. de S. Telles</i>	507
Sulphureto oleoso Cambogiano de Puente; pelo M. C. Est. o Sr. <i>D. F. de Puente</i>	151
Sulphydrometro; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i> . 211 e.....	260
Suppozitorios anti-hemorrhoidaes; (idem).....	550
— calmantes, em <i>Boucharlat</i> ; (idem).....	551
— de manteiga de cacáu; (idem).....	551
— Unguento Populeão; (idem).....	551

T

Tafetá vesicante (novo methodo de preparar o) por Mr. <i>Dubuisson</i> . Trad. do <i>Jorn. de Pharm. e Chym. de Paris</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>L. J. de S. Pereira</i>	34
Tartaro stibiado (preparação do) por Mr. <i>Cardellas</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S. Telles</i>	506
Tinctura de belladona (Alcoleo) da <i>Pharm. L.</i> (idem).....	552
— de Cravagem do centeio (idem).....	493
— de Belladona etherea da <i>Pharm. L.</i> (idem). ..	552
— de Lobelia Inflata (<i>J. Andrew</i>). (idem)... ..	493

- Tinctura de Malato de ferro da *Pharm. L.* (idem). 552
 — de Sementes de Stramonio d'Hufeland (idem). 493

U

- Unguento branco, ou d'Alvaiade (idem)..... 553

V

- Valerianato de quinina, e sua preparação) *Enc. Med. de Paris*; pelo M. Eff. o Sr. *L. J. de S. Pereira*..... 328
 — de Zinco (formulas para administrar o) pelo M. Eff. o Sr. *C. M. M. Freire*..... 15
 — (preparação do) (idem)..... 19
 — (preparação do) por Mr. *Brun-Buisson*, seguido d'algumas observações ácerca da sua solubilidade, por Mr. *Delpon fils*, pelo M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*..... 88
 Vinagres (discurso feito sobre a falsificação dos) pelo M. Benem. o Sr. *J. D. Corrêa*..... 485

X

- Xarope Amygdalino (preparação do) pelo M. Eff. o Sr. *H. J. de S. Telles*..... 86
 — contra a Coqueluche; pelo M. C. Nac. o Sr. *J. V. Palma*..... 539

Xarope d'Ether sulphurico, Boullay, em <i>Bou-</i> <i>chardat</i> ; pelo M. Eff. o Sr. <i>H. J. de S.</i> <i>Telles</i>	553
— de Lactucario de <i>Pharm. L.</i> (<i>idem</i>)	553
— de Loureiro-cereja pelo M. Eff. o Sr. <i>C.</i> <i>M. M. Freire</i>	16
— de pontas d'Espargo (preparação do) <i>Brun-</i> <i>Buisson</i> ; pelo M. Benem. o Sr. <i>F. B. dos</i> <i>Santos</i>	254



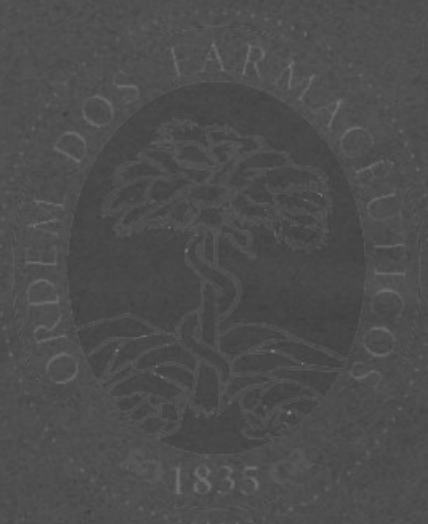
ADVERTENCIA.

Para evitar equívocos, cada tres folhas mensaes, constituirão um numero do Jornal; cujo tomo, por conseguinte, em lugar de 12 numeros, se comporá de 24, e o Supplemento.

Cumpre-nos, igualmente advertir, que na Lista dos Auctores, e Traductores, se omitiram alguns discursos sobre questões scientificas, e que se acham no corpo das Actas das Sessões litterarias.

SUMMARIO.

Aos Srs. Subscriptores, e ao Publico, pag. 705. — Lista nominal, e residencial, dos Subscriptores d'este tomo, 707. — Lista dos Traductores, e Auctores, citados n'este tomo, 708. — Lista dos Delegados, e Sub-Delegados, com as alterações occorridas, 720. — Estatistica da Sociedade no anno 12.º, 722. — Indice das Materias contidas, n'este tomo, 723.



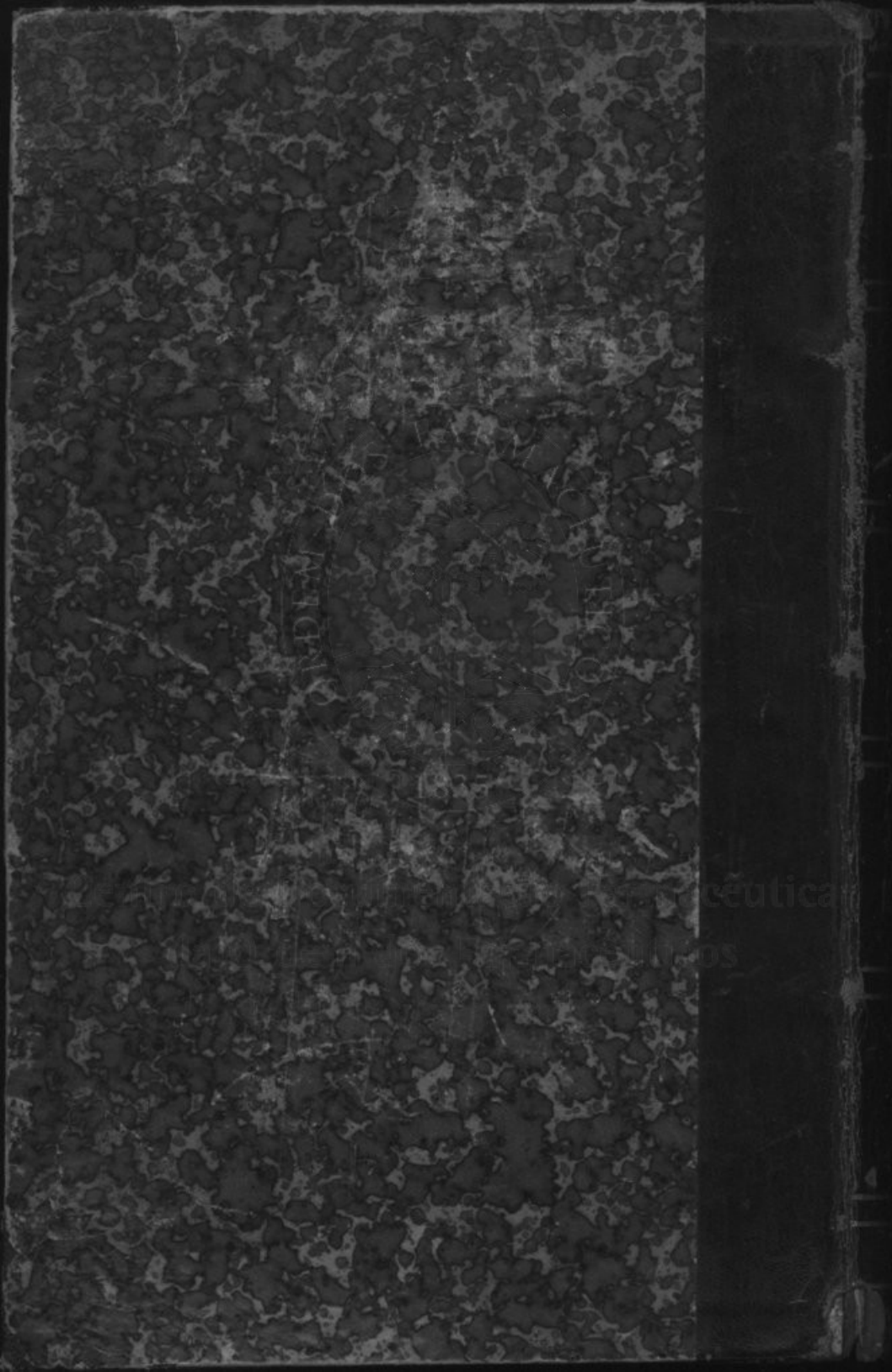
Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



JORNAL

DA SOCIEDADE

PHARMACEUTICA

1835

TOMO IV

1845-A-47

E. F.